



SPA FAZ 88 ANOS
Dia do Autor
Português



FÓRUM
CULTURA VIVA

Diagnosticar o presente
pensar o futuro

ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS

Hora da
consagração
para um homem
do cinema e
de causas públicas

URBANO TAVARES RODRIGUES (1923-2013) - UM SUAVE ADEUS



“AUTORES” DA TVI DISTINGUIDO PELA TV 7DIAS

“O MELHOR PROGRAMA DE INFORMAÇÃO CULTURAL DA TELEVISÃO PORTUGUESA”

O programa “Autores” apresentado por Paulo Sérgio Santos, numa parceria da SPA e TVI, foi distinguido com o prémio da revista TV 7Dias para “o melhor programa de informação cultural da televisão portuguesa”.

O troféu foi entregue ao seu apresentador, também ele músico, compositor e cooperador da SPA, durante uma Gala daquele órgão de comunicação social que decorreu no Casino Estoril. Entre os finalistas deste prémio contavam-se os programas “Bairro Alto”, “Diário Câmara Clara”, “National Geographic” e “Portugueses pelo Mundo”. A votação foi efectuada por via telefónica e pela Internet, representando um amplo escrutínio por parte dos espectadores dos vários programas finalistas.

O Conselho de Administração da SPA não pôde deixar de se congratular com o reconhecimento público da qualidade de um programa que tem como objectivo dar espaço aos autores da cultura de Portugal num importante órgão de comunicação, o que, afirma, “significa que esta tem sido uma aposta justa e ganhadora da cooperativa” no programa “Autores” na TVI.

AGORA, PRIMEIRO, NA TVI GENERALISTA

Entretanto, o programa “Autores”, resultante da colaboração entre a SPA e a TVI, regressou à antena da TVI24 em finais de Maio, com transmissão garantida naquela estação generalista. A emissão desta nova série já em pleno andamento passou a decorrer, a partir de então, à quinta-feira, com início à 01h45 da madrugada, com retransmissão na TVI24 à segunda-feira, pelas 13H00. Esta série de 26 programas, também apresentados por Paulo Sérgio Santos, inclui algumas inovações na estrutura programática. Segundo precisou na altura à AUTORES

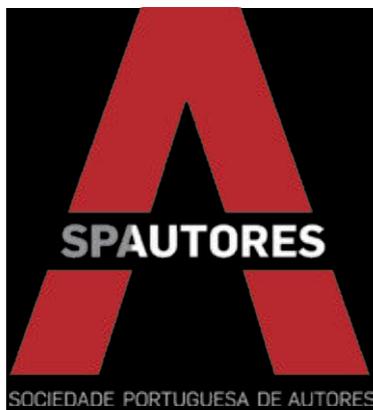


o seu apresentador, para além da edição passar a ser da responsabilidade de Fernanda de Freitas, o figurino passa pela integração de mais peças de reportagem e um maior cruzamento de gerações e de áreas criativas. A cultura foi, assim, homenageada com esta estreia no canal principal e com a presença de José Jorge Letria, escritor e Presidente da SPA e com João Lourenço, encenador e Vice- Presidente da SPA, para debaterem o estado actual da cultura. “Seremos nós ainda um povo com identidade própria?”, foi a questão básica lançada por Paulo Sérgio Santos aos dois convidados, responsáveis máximos da SPA.



“NOTAS DE AUTOR” CONTINUAM NA TSF

O programa “Notas de Autor” prossegue na TSF. Todas as semanas, a TSF e a Sociedade Portuguesa de Autores convidam um autor. Criadores da escrita, da música, do teatro, cinema ou pintura falam do seu próprio trabalho e fazem sugestões diárias do que há para ler, ver e ouvir e a não perder. “Notas de Autor” vai para o ar na antena da TSF, de segunda a sexta-feira, às 12h25 e 17h50. Ainda em termos de reprodução e divulgação com os seus trabalhos, a SPA pode ser seguida pelos interessados através do Portal www.spautores.pt, podendo aqui inscrever-se com vista a receber no respectivo correio electrónico a Newsletter da instituição; no Facebook, em www.facebook.com/spautores e no YouTube (Canal Autores), e www.youtube.com/user/spautores1925. Nestas plataformas é possível visualizar em directo alguns dos programas culturais levados a efeito nas instalações da SPA, como foi o caso de Novos Autores e também do Ciclo Com Todas as Letras.



N.º 38
Abril/Setembro 2013
SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: José Jorge Letria

Direcção Executiva e Coordenação:
José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: Administração e Direcção da SPA, António-Pedro Vasconcelos, António Tavares Teles, António Victorino d'Almeida, Edite Esteves (EE), João Lourenço, José Jorge Letria, José da Ponte e Mário Zambujal.

Design: José Maria Ribeirinho

Fotografia: Arquivo da SPA, Alfredo António, Alfredo Cunha, DR, Fotos de Divulgação, Inácio Ludgero e Paulo Lopes (TV 7 Dias)

Design e tratamento de imagem:
JM Design&edições
www.jm-designedicoes.com

Propriedade:
Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31
1069-153 Lisboa
Tel: 21 359 44 00
Fax: 21 353 02 57
email: geral@spautores.pt
site: www.spautores.pt

NIF.: 500257841
ICS: 100206
Tiragem: 3000
Periodicidade: Trimestral
Distribuição: Gratuita

Impressão e Expedição:
António Coelho Dias, S.A.

Depósito Legal: 224 872/200

SPA 88 anos
A nossa casa
A nossa causa

Sumário

A celebração do 88.º aniversário da SPA e Dia do Autor Português foi um dos momentos altos da vida desta casa, que também é a nossa causa, e que teve na estreia do **Hino da SPA, com música e orquestração do maestro António Victorino d'Almeida e letra de José Jorge Letria**, o seu ponto mais elevado. Como sempre acontece, a **homenagem prestada pela cooperativa a autores e a pessoas e entidades que difundem a obra dos autores e os seus direitos com a entrega das Medalhas de Honra e dos Prémios Pró-Autor**, respectivamente, constituiu um marco, no **dia 22 de Maio**, data da fundação da nossa cooperativa. O programa da festa, que passou também pela atribuição do **Grande Prémio de Teatro SPA/Teatro Aberto** à jovem dramaturga do Porto **Cecília Ferreira**, e culminou com a entrega do **Prémio Consagração de Carreira 2013** ao cineasta, crítico de Cinema e cidadão empenhado na luta pelas causas públicas **António-Pedro Vasconcelos (foto de capa)**, que leu uma intensa **mensagem exaltando à união dos autores**, encontra-se delineado nas páginas desta edição, bem como a **Mensagem do Dia do Autor Português**, assinada este ano pelo escritor **Mário Zambujal**. A reportagem pormenorizada desta celebração, marcada pela austeridade de despesas, mas de forte visibilidade e alta fasquia, teve **discurso** estruturante e **balanço** pormenorizado do **Presidente, José Jorge Letria**, preenchendo 21 páginas desta AUTORES. Duas páginas são dedicadas também, a seguir, à **entrega dos prémios de antiguidade aos funcionários**, numa sessão íntima, pelas razões expostas nos respectivos textos. **Para a história da SPA** e em destaque também **na capa**, fica aqui registada com o devido relevo a apresentação do **Fórum Cultura Viva**. Com o objectivo de diagnosticar o presente e pensar



o futuro, este ponto de encontro de ideias e debates, que **irá prolongar-se por mais de dois anos**, na primeira quarta-feira de cada mês, é **coordenado pelo Prof. Manuel Maria Carrilho**, antigo ministro da Cultura, ex-embaixador de Portugal junto da UNESCO, catedrático de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa e cooperador da SPA. No **dia 17 de Setembro**, após a sua apresentação, o Auditório Maestro Frederico de Freitas encheu-se e exultou com o **primeiro conferencista** convidado – o **Prof. Gilles Lipovetsky (na capa)**, personalidade com trabalhos publicados e discutidos em todo o mundo, que se deteve, em francês, no **papel da cultura nas sociedades contemporâneas**. A **crise planetária**, a par do desenvolvimento das **novas tecnologias**, da **falta de medidas legislativas adequadas** e o **incumprimento das já existentes**, com vista à **defesa dos direitos dos autores**, “tão injustiçados”, são **temas dominantes** em quase todas as áreas de cobertura desta edição, **quer a nível nacional, quer internacional**, onde a SPA é considerada “**um exemplo de estabilidade**” e de **prestígio**, apesar de todas as dificuldades sentidas. De salientar o **apoio que a OMPI (Organização Mundial da Propriedade Intelectual)**, em Genebra, assegurou à SPA para a **concretização a médio e a longo prazo de um conjunto de projectos**, no âmbito do espaço lusófono, os quais deverão ter incidência prioritária em países como **Angola e Timor Leste**. Para **coordenar essas acções de formação e de negócio**, a aproveitar o sistema informático a funcionar em pleno – a **SPADigital** – foi nomeada **Ana Paula Cunha**, assessora da Administração e **directora do novo Departamento de Planeamento Estratégico e Gestão Financeira da SPA**. Em relação a um dos grandes factores de visibilidade da SPA, é de destacar o **retorno do programa “Autores”, agora, em primeiro lugar à TVI generalista, com retransmissão na TVI 24**, de novo com **apresentação de Paulo Sérgio Santos**, que recebeu da revista **TV 7 DIAS**, como **representante do nosso programa**, o Prémio para “**Melhor Programa Cultural da Televisão Portuguesa**”, bem como a continuação das “**Notas de Autor**” na **TSF**. Inúmeras **actividades, prémios e homenagens** preencheram este período alargado de seis meses, os quais, por falta de espaço, não podemos reproduzir aqui na totalidade, o que desde já lamentamos. Deixamos, todavia, o conselho para que os interessados **consultem o Portal e o Facebook da SPA**, onde eles se desenham em pormenor. Como se sabe, esta é uma revista trimestral, mas, **por razões da natural restrição de despesas** a que nos vimos obrigados, os responsáveis da SPA decidiram **prescindir, a título excepcional, da edição de Abril/Junho**, concentrando no mesmo número de páginas desta edição toda a actividade de seis meses, o que se mostrou assaz difícil e donde resultaram inevitáveis lacunas noticiosas. Entre os muitos **protocolos** que a SPA estabeleceu, destaca-se o que a liga, de novo, ao **Millenniumbcp**, o qual **patrocina**, entre outros “produtos” desta casa, **esta nossa revista AUTORES**, e ainda o que já está em andamento com a **Imprensa Nacional- Casa da Moeda**. Além do habitual **Editorial**, assinado pela **Direcção e Conselho de Administração da SPA**, e das **mensagens já referidas**, nesta edição o maestro **António Victorino d'Almeida** assina uma “**Carta aberta ao secretário de Estado da Cultura**”; **José da Ponte** escreve sobre “**O combate à pirataria**” e **António Tavares Teles** faz o retrato de **Luís Veiga Leitão**. Na secção de **Os que Partiram**, esta edição assinala com pesar a morte do escritor **Urbano Tavares Rodrigues**, num “**suave adeus**”, distinguindo o prolífico autor e cooperador da SPA com uma **exposição de fotografias da autoria de Alfredo Cunha**, inaugurada no passado dia 17 de Setembro, e a **edição do livro “Urbano Tavares Rodrigues – O livro aberto de uma vida ímpar”**, no dia 26, **resultado de uma longa entrevista que José Jorge Letria lhe fez em sua casa, em Dezembro de 2011**. À hora em que encerramos esta edição, a SPA foi informada da morte, dia 23 de Setembro, do poeta **António Ramos Rosa**.



COM O ANO DE 2013 a aproximar-se do fim, confirmaram-se muitos dos receios da Direcção e da Administração quanto às dificuldades que iriam caracterizar o ano ainda em curso. Apesar de ter subido consideravelmente a facturação relativa à cobrança de direitos, a crise tornou muito difícil o acto de cobrar, porque fecharam muitos estabelecimentos de restauração e porque, em geral, os utilizadores de obras protegidas passaram a sentir dificuldades que nunca antes haviam conhecido. Apesar disso, a SPA tomou, no momento certo, as medidas certas para enfrentar essas dificuldades, o que lhe permitiu manter as contas equilibradas e reduzir significativamente despesas correntes de funcionamento e outras. Mesmo as estruturas internacionais do direito de autor reconhecem que a SPA é, no quadro dos países mais afectados pela crise, uma das sociedades que melhor se prepararam para enfrentar a crise, com resultados visíveis e dignos de apreço.

A SPA TOMOU MEDIDAS PARA RESISTIR À CRISE E TEM CONSEGUIDO ATENUAR OS SEUS EFEITOS

Por outro lado, iniciou-se, junto da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), em Genebra, uma acção visando a obtenção de apoio material e institucional para um plano de cooperação com vários países lusófonos no domínio do direito de autor. Esse apoio encontra-se já assegurado e, ainda este ano, decorrerão iniciativas em países como Angola ou Timor Leste, envolvendo acções de formação, conferências e colóquios sobre o presente e o futuro do direito de autor e ainda a análise de uma desejável colaboração que envolva o novo sistema informático da SPA, o SPADigital.

Deste modo, a SPA apontou novos rumos que lhe irão permitir abrir novos horizontes internacionais para a sua acção, baseada numa experiência consolidada e reconhecida.

Entretanto, teve a sua jornada inaugural na SPA o Fórum Cultura Viva que, com a participação de personalidades nacionais e estrangeiras, irá fazer o diagnóstico da situação cultural do país e apontar, a médio e longo prazo, soluções, políticas e prioridades. A coordenação deste Fórum está a cargo do



MESMO AS ESTRUTURAS INTERNACIONAIS DO DIREITO DE AUTOR RECONHECEM QUE A SPA É, NO QUADRO DOS PAÍSES MAIS AFECTADOS PELA CRISE, UMA DAS SOCIEDADES QUE MELHOR SE PREPAROU PARA ENFRENTAR A CRISE, COM RESULTADOS VISÍVEIS E DIGNOS DE APREÇO

cooperador Manuel Maria Carrilho, ex-ministro da Cultura, ex-embaixador junto da UNESCO e professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa.

No plano internacional, a SPA, ao longo dos meses que decorreram desde a publicação do último número da revista, consolidou ainda mais a sua posição, designadamente na Direcção do Grupo Europeu de Sociedades de Autores, e vai ser reeleita em Amesterdão, no princípio de Outubro, para o Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais.

O ano que se aproxima do fim veio confirmar o agravamento das dificuldades que muitos cooperadores enfrentam no plano individual, mas também confirmou que a SPA tem capacidade de resposta em termos de solidariedade e assistência como já largamente ficou demonstrado. Esta componente assistencialista continuará sempre presente e será reforçada, de modo a que a gravidade da crise não torne ainda mais difícil a vida dos criadores, já tão afectados por uma política governamental que se traduz na pura e simples ausência de medidas que visem apoiar os autores. O que se passa com a paralisação da Lei da Cópia Privada e com a ausência de medidas de combate à pirataria é disso um expressivo exemplo.

Não obstante estas dificuldades, a SPA mantém-se fiel ao seu compromisso com o universo dos cooperadores, constatando que ele continua coeso e confiante em torno da sua cooperativa. Mesmo em tempo de adversidade, a SPA tudo continuará a fazer para que o processo de modernização interno, garante de mais transparência, operacionalidade e rigor, sirva cada vez melhor os membros da cooperativa e corresponda às suas expectativas, necessidades e anseios.

Setembro de 2013

A Direcção e o Conselho de Administração da SPA

SPA VOLTA A APELAR AOS COOPERADORES O RESPEITO PELO PRINCÍPIO DA EXCLUSIVIDADE CONTRATUAL

A ADMINISTRAÇÃO DA SPA viu-se forçada a emitir um novo comunicado sobre “a obrigatoriedade dos cooperadores respeitarem o princípio da exclusividade contratual em todos os contratos que celebram e que envolvam a protecção das suas obras”. Sobretudo no contexto de crise gravíssima como aquele em que estamos a viver, em que “há autores a passarem fome, há autores a viverem situações de gravíssima carência que ameaça agravar-se e agudizar-se”, os responsáveis da SPA dizem não poderem deixar de reagir ao facto de “haver um número significativo de autores que, por razões várias, e sejam elas quais forem são reprováveis, não respeitam o princípio da exclusividade”. “Mas tal acontece de uma forma mais chocante ainda”, acrescentou à AUTORES o Presidente, José Jorge Letria, “com autores que passaram a auferir o Subsídio Estatutário, ou seja, autores que já fizeram o pedido de assistência.” Conforme realça, “isto configura uma situação mais condenável, porque são autores que já não precisam de fazer média para elevarem o seu Subsídio Estatutário, por isso partem do princípio de que já não precisam de fazer contrato connosco.” “A única maneira que interpretamos a situação é como uma inaceitável quebra de solidariedade com a SPA e com os próprios autores”, acentua José Jorge Letria. Lembra ainda o responsável máximo da SPA que quem faz uma coisa destas “comete vários erros, um dos quais é privar a sociedade da cobrança das comissões, dado que os contratos não passam por aqui; privando a sociedade estão a afectar, obviamente, a componente assistencial, a componente cultural e a própria sustentabilidade e viabilidade da cooperativa no futuro, estão a quebrar uma regra de solidariedade que é básica numa estrutura cooperativista e, pior do que isso para eles próprios, estão a deixar obras completamente desprotegidas em termos do direito de autor.”

Sabe-se que há autores que, “num raciocínio simplista e sobretudo oportunista, pensam assim: a crise é grande e se eu não der 10% à SPA é 10% que eu embolso”. Mas a instituição acaba sempre por tomar conhecimento, mesmo que os autores não informem a cooperativa que tem como objectivo proteger os seus direitos.

A situação referida acontece bastante na área do audiovisual e também na área da edição literária e a SPA, ao consultar os sítios das editoras, estando atenta aos lançamentos que elas fazem, acaba por saber que parte destas obras não é contratualizada por ela.

COMPROMETIDAS PROTECÇÃO DA OBRA E COMPONENTE ASSISTENCIAL

Portanto, “aquilo para que chamamos a atenção dos autores é o seguinte: um autor que, por razões de conveniência pessoal oportunista, não quer partilhar

com a SPA a comissão do seu contrato, além de todas as quebras e rupturas de solidariedade que são inadmissíveis, está a fazer com que a obra que edita não esteja protegida do ponto de vista legal.” “E depois, o que acontece nalguns casos e que consideramos o cúmulo do oportunismo – acrescenta José Jorge Letria -, é que os autores que procederam desta maneira, ao perceberem que não lhes pagam, vêm pedir a ajuda da sociedade. Ou seja, há pessoas que nos vêm pedir para nós tratarmos da recuperação dos valores dos contratos, que eles não fizeram passar por aqui...”

Nalguns casos invocam distração, noutros invocam carência - argumento que não é aceitável -, e o que a SPA recorda às pessoas, e que é absolutamente fundamental, é que “a sua capacidade de ter o Subsídio de Emergência, de pagar a assistência do Subsídio Estatutário, etc., depende do rigoroso cumprimento das pessoas relativamente aos seus deveres.”

O que o Presidente da SPA lembra e pode ler-se neste comunicado é que “isto está bem expresso nos Estatutos, logo é inaceitável que as pessoas venham aqui, garantam a base mínima do seu acesso ao Subsídio Estatutário e depois batam com a porta e digam: já garanti o fundamental, os outros que se aguentem”.

Por isso, a SPA volta a fazer um apelo no sentido de que as pessoas vejam a sua situação e que não procedam desta maneira.

PREVISTAS MEDIDAS SANCIONATÓRIAS

Há um aspecto, no entanto, que não pode ser esquecido, recorda José Jorge Letria, num derradeiro alerta: “é que a Direcção e os corpos sociais em geral já aprovaram um conjunto de medidas sancionatórias.” Mas acrescenta que os responsáveis da SPA entendem que faz sentido voltar a fazer este apelo, pois “sabem que os autores, muitas vezes, não fazem isto por má-fé ou por má vontade, fazem isto por distração, por desleixo, ou então por um oportunismo transitório”. Todavia, adverte para que “as pessoas tenham em conta o carácter não episódico do dever da solidariedade, porque solidariedade não é uma coisa que vale durante quinze dias e depois não vale durante dois anos.”

O último alerta do Conselho de Administração da SPA no sentido de “os autores não celebrarem contratos que os desfavoreçam” foi feito a 23 de Agosto do ano passado, cujo teor foi ainda publicado com destaque no n.º 35 da revista AUTORES (pág.7), na edição de Julho/Setembro de 2012.

Agora, de novo, damos destaque a esta importante questão, reproduzindo em caixa aqui junto, na íntegra, o texto do referido comunicado do Conselho de Administração da SPA, datado de 10 de Setembro, o qual recorda em pormenor “a natureza dos seus deveres”. **EDITE ESTEVES**

CONTINUA A SER ELEVADO O NÚMERO DE INCUMPRIDORES

O Conselho de Administração da SPA voltou a constatar que é elevado o número de cooperadores que não respeitam, de acordo com o que está estatutariamente determinado (n.º 2 do artigo 17.º Deveres dos Cooperadores), o princípio da exclusividade em matéria de celebração de contratos. Com efeito, continua a ser elevado o número de cooperadores, incluindo os que auferem o Subsídio Estatutário, que celebram contratos à margem da SPA, numa manifesta atitude de quebra de solidariedade com a cooperativa e com os seus colegas cooperadores, o que se torna particularmente grave nesta situação de crise. Antes de pôr em prática as medidas sancionatórias entretanto definidas e aprovadas pela Direcção, o Conselho de Administração volta a recordar aos cooperadores a natureza dos seus deveres:

f) Confiar à cooperativa a administração, nos territórios onde esta directa ou indirectamente exerce a sua acção, de todas ou algumas categorias de obras intelectuais de cujos direitos de autor sejam ou venham a ser titulares, declará-las e preencher as notas de instruções relativas à sua utilização e exploração, com observância das tabelas mínimas, previstas na alínea h) do nº 1 do artigo 44.º;

g) Não alienar nem onerar ou por qualquer outra forma comprometer, total ou parcialmente, sem prévia concordância da Direcção, os direitos de autor referidos na precedente alínea;

h) Não celebrar pessoalmente, ou através de representante ou mandatário que não seja a Cooperativa, qualquer contrato relativo à utilização ou exploração das obras indicadas na alínea f) nem assumir por outra forma quaisquer obrigações ou receber quaisquer direitos em relação às mesmas;

i) Não renunciar, total ou parcialmente, aos direitos autorais relativos às obras mencionadas na alínea f), nem os ceder, total ou parcialmente, sem prévia concordância da Direcção, excepto no caso de representações teatrais por grupos de amadores sem entradas pagas e sem fins lucrativos;

Além de ser estatutariamente ilegal, essa atitude representa consideráveis prejuízos para a cooperativa, que assim fica privada de cobrar as respectivas comissões. Representa também uma reprovável quebra de solidariedade com a instituição e com os cooperadores respeitadores dos Estatutos, sobretudo em contexto de crise, para além de deixar as obras não contratualizadas pela SPA sem a desejável protecção legal que só os competentes serviços da cooperativa podem assegurar. Não pode também o Conselho de Administração da SPA deixar de mencionar a situação de alguns cooperadores, que, tendo passado a usufruir do Subsídio Estatutário, deixaram de fazer passar os contratos das suas obras pela cooperativa, atitude que, sendo ética e estatutariamente condenável, representa um agravamento significativo dos encargos resultantes desta justa medida de carácter social. Por estes motivos, o Conselho de Administração da SPA apela, uma vez mais, a todos os cooperadores para que respeitem escrupulosamente aquilo que se encontra expresso nos Estatutos sobre esta matéria, tendo também em conta que só dispõe de legitimidade plena para intervir na vida da cooperativa e ser abrangido pelos seus mecanismos de assistência e solidariedade quem respeita integralmente os seus Estatutos.

Lisboa, 10 de Setembro de 2013
O Conselho de Administração

SPA SOLIDÁRIA COM A CINEMATECA PORTUGUESA EXIGE MEDIDAS PARA SE ULTRAPASSAR A CRISE



FOTO: ALFREDO ANTONIO

A SPA MANIFESTOU, em comunicado emitido a 30 de Agosto, a sua preocupação com a dramática situação que enfrenta a Cinemateca Portuguesa, que se encontra em risco de, por falta de condições financeiras, ter de suspender um conjunto significativo de actividades já durante o mês de Setembro.

Entende a SPA que “é de todo inadmissível a possibilidade de uma instituição com esta importância para a vida cultural portuguesa ser afectada de uma forma tão evidente e alarmante”.

Do ponto de vista da SPA, esta situação verifica-se pelo facto de o Governo, neste caso a Secretaria de Estado da Cultura, não ter previsto atempadamente uma solução para um problema que a falta de verbas deixava iminente, tanto mais que terá sido alertada na altura própria. “É lamentável que tal tenha acontecido e é no mínimo exigível que seja encontrada a tempo uma solução que evite o pior dos cenários”, refere a nota subscrita pelo Conselho de Administração da cooperativa.

Assim, a SPA, “considerando que esta situação reflecte a situação caótica em que o Governo deixou a vida cultural portuguesa”, manifesta, através deste comunicado, “a sua total solidariedade à Cinemateca Portuguesa”, na pessoa da sua Directora, Maria João Seixas, e de todos quantos trabalham naquela instituição, “e reclama da Secretaria de Estado da Cultura medidas urgentes que salvaguardem este património único e insubstituível da cultura portuguesa, tanto a nível artístico como arquivístico”. “Seria uma vergonha, dentro e fora das nossas fronteiras, a paralisação da Cinemateca Portuguesa, com tudo o que isso representaria de ainda maior do fracasso da intervenção governamental no sector da cultura”, salienta.

E termina, realçando que “o cinema e tudo o que ele significa não pode ficar, na Cinemateca Portuguesa, à mercê de uma situação de incerteza que tanto nos indigna e aflige”.

SEC FAZ DOTAÇÃO EXTRAORDINÁRIA DE 700 MIL EUROS ATÉ DEZEMBRO

Passados apenas sete dias após o comunicado da SPA, a 6 de Setembro, a directora da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, Maria João Seixas, anunciou que aquela entidade vai receber, da Secretaria de Estado da Cultura, “cerca de 700 mil euros” de “dotações extraordinárias” mensais, até Dezembro deste ano de 2013.

“O secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, conseguiu esta verba. É difícil reunir qualquer montante agora e eu percebo. Estes cerca de 700 mil euros vão ser uma ajuda e teremos de fazer bastante com menos”, disse a directora da Cinemateca.

Maria João Seixas sublinhou ainda que a Cinemateca procurará também reunir verbas através do mecenato cultural, para “ajudar a fazer face à tarefa que há que fazer”.

A transferência destas verbas vai permitir à Cinemateca o arranque das actividades previstas já para este mês de Setembro, tendo sido iniciada entretanto a divulgação da programação.

A directora da entidade tinha vindo a lançar alertas nos últimos meses sobre o agravamento da situação financeira e de quase rotura que ameaçava o arranque da “casa do cinema”, em Setembro. Referindo-se à queda das receitas publicitárias nas televisões, a directora da Cinemateca afirmou que “estamos todos a sofrer as consequências da crise”.

O orçamento da Cinemateca não depende do Orçamento do Estado, mas provém da cobrança da taxa de quatro por cento de exibição de publicidade nas televisões, cujas receitas são repartidas entre aquele organismo (20%) e o Instituto do Cinema e Audiovisual (80%).

PROCESSO ARRASTAVA-SE DESDE 2008

TRIBUNAL DE PRIMEIRA INSTÂNCIA DÁ RAZÃO À SPA NO CASO DO DESPEDIMENTO DO EX-DIRECTOR-GERAL

O Presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA levou ao conhecimento de todos os órgãos da Direcção da cooperativa “a decisão tomada por um Tribunal de Primeira Instância de não dar razão ao ex-Director-Geral Dr. Pedro Costa na acção judicial movida contra a SPA, em consequência do despedimento de que foi objecto”. Segundo a nota enviada no dia 29 de Julho por José Jorge Letria, “o Tribunal considerou procedentes os argumentos produzidos pela cooperativa relativamente à decisão de dispensar a colaboração daquele dirigente”.

Este processo, como se sabia, “arrastava-se nos Tribunais desde 2008, com todos os prejuízos e encargos daí decorrentes”, daí a “justificada satisfação” com que foi comunicada a notícia.

O Conselho de Administração manifestou a convicção de que “este será mais um passo para a normalização plena da vida da nossa cooperativa e para o definitivo encerramento de capítulos que há muito deveriam ter deixado de nos perturbar”, conclui a nota do CEO da Sociedade Portuguesa de Autores.

SPA VAI APOIAR AUTORES EM CANDIDATURAS A FUNDOS EUROPEUS

A SPA propôs-se pôr em funcionamento, em moldes a anunciar oportunamente, uma estrutura destinada a dar apoio a associados que pretendam candidatar projectos culturais a fundos europeus e que necessitem do indispensável enquadramento e aconselhamento, segundo anunciou o Conselho de Administração num comunicado datado de 24 de Abril. “Impossibilitada, devido à inexistência de uma nova Lei da Cópia Privada, de manter activo o Fundo Cultural que viabilizou mais de uma centena de projectos em quatro anos, a SPA pretende, deste modo, criar condições para que os seus associados possam obter outros apoios, designadamente os da Europa da União”, justifica a estrutura máxima da cooperativa de autores.

RELATÓRIO DE CONTAS DA SPA APROVADO COM EXPRESSIVA VOTAÇÃO

O Relatório de Contas referente à gestão da cooperativa no ano de 2012 foi aprovado, na assembleia-geral do passado dia 26 de Março, com 181 votos a favor, cinco abstenções e um voto contra. Numa nota datada de 27 de Março, a Direcção e o Conselho de Administração afirmaram que “não podem deixar de considerar esta votação (uma das maiores de sempre fora de actos eleitorais) como uma expressiva prova de confiança dos cooperadores na gestão da sua cooperativa, num período em que a defesa dos direitos dos autores se tornou particularmente difícil devido à falta de legislação que os proteja e à diminuição das cobranças resultante do constante agravamento da crise”.

PROTOCOLO ENTRE A SPA E O MILLENNIUMBBCP REFORÇA APOIO A ACTIVIDADES DA COOPERATIVA



A SPA E O MILLENNIUMBBCP assinaram, na tarde do dia 22 de Maio, um novo protocolo, que substitui o que expirou em 2007 e prevê novas formas de apoio a iniciativas e actividades desenvolvidas pela nossa cooperativa, constituindo-se assim como patrocinador da Sociedade Portuguesa de Autores durante um ano.

O protocolo prevê a atribuição anual à SPA de uma verba de 60 mil euros destinada a cobrir os custos de produção da revista AUTORES, bem como o valor pecuniário de vários prémios atribuídos anualmente a autores de diversas disciplinas. Deste modo, “a SPA fica liberta de um encargo dificilmente suportável em tempo de grave crise e não

SPA DENUNCIOU SITUAÇÃO DA LEI DA CÓPIA PRIVADA EM REUNIÃO COM A PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Uma delegação da SPA foi recebida em audiência pela presidente da Assembleia da República, Assunção Esteves, e pelo deputado José Ribeiro e Castro, presidente da Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura, a quem “manifestou as suas preocupações com o gravoso vazio legal resultante da inexistência de uma Lei da Cópia Privada, documento que continua retido, sem justificação, no gabinete do secretário de Estado da Cultura”.

Numa nota emitida a 14 de Maio, o Presidente da SPA afirma que informou os seus interlocutores acerca das diligências efectuadas no sentido de que esse vazio seja superado e também acerca da situação europeia no que toca à Cópia Privada, sobretudo após a emissão do parecer elaborado pelo ex-comissário António Vitorino a pedido da Comissão Europeia.

Segundo o Conselho de Administração da SPA, “a Presidente Assunção Esteves manifestou o seu interesse pelo assunto, tendo sugerido algumas

medidas a ser adoptadas pela SPA. Comprometeu-se ainda a agendar este tema para uma próxima reunião com os líderes parlamentares”. O presidente da SPA informou que a AGECOP, a que a cooperativa dos autores preside, tenciona processar o Estado pelos prejuízos causados em virtude do bloqueio da Lei da Cópia Privada, acrescenta a nota.

O presidente da SPA, que se encontrava acompanhado pelo vice-presidente João Lourenço e pela directora de Planeamento Estratégico e Gestão Financeira, Paula Cunha, referiu ainda a ausência de legislação de combate à pirataria, a não revisão do Código de Direito de Autor e a não regulamentação da Lei do Cinema como situações que prejudicam os autores e cuja resolução em tempo útil constava do Programa do Governo.

Na sequência desta reunião, a SPA irá contactar comissões, grupos parlamentares e as direcções dos partidos com assento na Assembleia da República.

se vê forçada, por esse motivo, a privar autores do incentivo de que são merecedores”, lê-se num comunicado emitido pelo Conselho de Administração. Saliendam, porém, os responsáveis da SPA o facto de “essa verba se destinar parcialmente à dotação financeira de prémios e não à manutenção do Fundo Cultural”, actualmente comprometido pelo facto de continuar sem concretização a proposta de Lei da Cópia Privada. Este ano, o banco liderado por Nuno Amado vai apoiar, designadamente, o Dia do Autor, o Grande Prémio de Teatro, o Prémio Consagração de Carreira, o Grande Prémio da Música - Prémio Pedro Osório, o Prémio Alçada Baptista de Literatura Memorialista e Autobiográfica, o Prémio de Rádio Igrejas Caeiro, a Revista AUTORES, bem como outras iniciativas culturais que venham a ser acordadas entre as partes.

“O banco pretende apoiar iniciativas que visam a criação artística, estimulando o trabalho não só dos autores portugueses com obra reconhecida e consagrada como também dos que se encontram em início de carreira”, escreveu esta instituição bancária em comunicado distribuído à comunicação social.

Recorde-se que o protocolo anteriormente em vigor e que se encontrava prescrito há cerca de seis anos previa a atribuição à SPA de uma verba mensal na ordem dos 35 mil euros, destinada, designadamente à manutenção dos prémios que eram atribuídos na gala anual realizada no Teatro de São Carlos e que acabaram por ser extintos.

Com a negociação deste protocolo, refere a nota da cooperativa de autores: “a SPA assegura, sem encargos materiais, a continuidade de actividades que considera fundamentais para a vida da cooperativa e para a comunicação e relação com os cooperadores”.

SPA E IMPRENSA NACIONAL- CASA DA MOEDA REVALIDAM E APROFUNDAM PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO

Os presidentes da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e da Sociedade Portuguesa de Autores, respectivamente António Osório e José Jorge Letria, revalidaram o protocolo de cooperação celebrado entre as duas instituições, “reafirmando a sua importância e oportunidade e tendo apresentado formas de o aprofundar nos próximos anos”.

De acordo com um comunicado divulgado no dia 19 de Julho passado, anunciando a revalidação deste protocolo, o Conselho de Administração da SPA pormenorizou alguns dos itens acordados. Assim, as duas instituições, para além de manterem as colecções de teatro e de biografias com novos títulos, concordaram “avançar com a criação de uma colecção de textos de Direito de Autor, com a edição da obra de Natália Correia, de cujos direitos a SPA é detentora, de acordo com a vontade da escritora e do poeta Dórdio Guimarães, seu marido, e ainda com a criação de uma colecção destinada à reedição de textos de autores portugueses contemporâneos caídos num relativo esquecimento”.

Na cerimónia de assinatura do protocolo foi referida como exemplo, entre outras, a obra de Manuel de Lima, autor de obras como “O Clube dos Antropófagos”, livro de referência da literatura de matriz surrealista.

Ficou igualmente assente na reunião “a criação de um Prémio Nacional de Poesia, que deverá ter como patrono o poeta, ensaísta e professor universitário David Mourão-Ferreira”, que presidiu à Assembleia-Geral da SPA nos anos noventa do século passado. Os presidentes da IN-CM e da SPA reafirmaram “o propósito de valorizar este protocolo” e de “o alargar a áreas marcantes da cultura portuguesa e prestigiantes para as duas instituições”.

A QUESTÃO DA EXCELÊNCIA

O Senhor Secretário de Estado da Cultura ter-se-à pronunciado – e se não se pronunciou, ou se a ideia que se transmitiu não era esta, fácil se lhe tornará desmenti-lo ou esclarecê-lo – acerca de duas formas alegadamente antagónicas de encarar a defesa e a divulgação da Cultura “num país com pouco dinheiro, como é o nosso”.

Segundo o Secretário de Estado, há quem defenda que a divulgação dos valores culturais deve atingir o maior número possível de pessoas, levando o Teatro, a Música, o Cinema, a Dança, as Artes Plásticas, etc., não apenas aos grandes centros populacionais, mas também às cidades do interior, às vilas ou mesmo às aldeias mais recônditas do interior.

O Senhor Secretário de Estado, implicitamente, está contra essa ideia, pois considera que, na actual conjuntura, só é admissível e desejável a atribuição de subsídios estatais a manifestações artísticas ou culturais marcadas por aquilo a que terá chamado a Excelência.

Resumindo, os trabalhos que mereçam o rótulo de excelência serão - ou seriam - subsidiados, pelo que não restaria aos outros candidatos a apoios do Estado senão trabalhar ainda mais e produzir consequentemente melhor.

Numa linguagem mais popular, teriam que deixar crescer as unhas antes de quererem tocar guitarra...

É um critério.

E, “a priori”, eu até acho positivo que se defendam critérios – concorde-se ou não com eles... – num país cada vez mais à deriva, no qual, muito especialmente na política, já poucos sabem ao certo quem é quem.

Por outro lado, porém, há que assumir as responsabilidades inerentes aos critérios que se defendem, o que também significa ter de se prestar um certo número de esclarecimentos. Admitindo como certo que o Senhor Secretário de Estado defende que só está disposto a apoiar a excelência, a minha primeira pergunta como cidadão é solicitar que nos dê um exemplo de algo que já tenha subsidiado – ou se prepare para subsidiar – e que considere excelente.

Trata-se de algum teatro comparável, por exemplo, ao Burgtheater de Viena? De alguma orquestra comparável à Filarmónica de Berlim? De alguma sala de ópera ou de bailado ao nível do Bolshoi de Moscovo, do Carnegie Hall de Nova Iorque ou do Scala de Milão?...

Na verdade, os exemplos atrás citados merecem, de facto, a classificação de excelência, mas nada têm que ver com adjectivações mais próprias do nosso meio, tais como “digno”, “aceitável”, “razoável”, ou mesmo, na melhor das hipóteses,

“bastante bom”.

Em Portugal, a excelência é, sem dúvida, atingida, mas só a nível individual - livros de um Saramago, quadros de um Júlio Pomar, recitais de piano por um Artur Pizarro ou de poesia por uma Eunice Muñoz, monólogos como a “Maria Parda” da Maria do Céu Guerra, etc. - ou tratando-se de pequenos grupos.

Eu estou a lembrar-me de um grupo de câmara – inequivocamente excelente -, cujos membros, tudo músicos de primeira classe mundial, só poderão levar para casa cerca de 300 Euros, no caso de fazerem um concerto em determinada cidade do país.

É com semelhantes apoios que se promove a excelência?

E acaso pensará o Senhor Secretário de Estado que, mesmo abrindo a bolsa para pagar a um convidado especial, um espectáculo de ópera no São Carlos (em cujo fosso de orquestra, para já, nunca poderá caber o número de instrumentos e de músicos exigidos por Wagner...!) poderá verdadeiramente classificar-se de excelente?! Por cá, deverá saber o Senhor Secretário de Estado da Cultura, faz-se o que se pode e, muitas vezes, é graças a verdadeiros milagres de talento, de perseverança, de generosidade e de verdadeiro amor pela Cultura.

Aceitamos como justos os aplausos e os elogios que reflectam um sincero incentivo para que continuemos na luta que travamos; até admitimos que, nalguns casos, nos vejamos como heróis; mas ninguém será tão inconsciente que acredite ser possível fazer em Portugal uma integral de Mahler, de Bruckner ou de Stravinsky, por exemplo, que mereça o rótulo de verdadeira excelência!

E todavia, se olharmos a impressionante quantidade de jovens talentos que tem vindo a manifestar-se na Música (e também poderia decerto falar no Teatro, no Cinema e noutras artes!) até nem estaríamos assim tão longe desse objectivo. Bastava um pouco mais de azul no vesgo horizonte dos vários poderes - não só o político, tome-se nota... - que deixam a Cultura morrer à beira da praia, afogada em desesperança, enquanto uma intelectualidade cangalheira irá preparando comovidas homenagens aos futuros defuntos.

Sem um verdadeiro e consistente apoio, a tal excelência a que o Senhor Secretário de Estado terá dito que aspira, só se consegue fora das nossas fronteiras, razão pela qual irão embora os melhores futebolistas, os melhores ciclistas, os melhores enfermeiros, os melhores investigadores e, aos poucos e poucos, os melhores em tudo.

E vamos à segunda pergunta:

Quem foi que classificou - e a partir de que critérios - os eleitos à categoria de excelência? O Senhor Secretário de Estado poderá sempre alegar que todas as escolhas e selecções, desde as classificações de um júri de danças de salão aos veredictos de um tribunal, estão sempre sujeitas a um certo grau de subjectivismo. Todos sabemos isso, incluindo o Monsieur de La Palisse.

Mas é possível - e cada vez mais urgente – estabelecer uma diferenciação entre o subjectivismo de um julgamento, perfeitamente legítimo, e determinados actos de pura irresponsabilidade que vão corroendo com carunchoso afã a vida de uma imensidade dos nossos artistas.

Para julgar há também que poder ser julgado, através de indicadores de prestígio curricular, tanto ao nível profissional como até académico - a despeito de uma alarmante desvalorização dos títulos de “Doutor”, outrora uma consagração do mérito, hoje quase uma obrigação na luta por qualquer emprego...

Ora, é importante que o Senhor Secretário de Estado esclareça quem é que julga quem, nomeadamente segundo os seus severíssimos critérios de excelência obrigatória.

Imaginemos, por exemplo, que alguém envia para o Senhor Secretário de Estado uma partitura coral-sinfónica, por exemplo, sem nenhuma assinatura que possa identificar o autor, no intuito de a ver incluída na programação de qualquer evento mais ou menos directamente subsidiado pelo Estado.

O Senhor Secretário de Estado apelará decerto aos seus especialistas. Mas estarão esses especialistas (que não sei quem são, mas talvez seja ignorância minha, pelo que me abstenho de avançar com quaisquer comentários favoráveis ou desfavoráveis) em condições de garantir através da leitura das pautas que a obra em questão é mesmo excelente ou apenas de razoável qualidade? Estarão esses julgadores em condições de assumir por inteiro a responsabilidade pelos seus conselhos ou veredictos? Terão eles, como decisores da carreira e da própria vida de muitas pessoas, a mesma excelência que o Senhor Secretário exige às obras ou aos projectos?

Desejava-se, sem dúvida, uma resposta elucidativa e tranquilizadora, pois é natural que se deseje saber quem é que nos julga ou classifica.

Mas sendo tão escassa a fatia do orçamento de Estado que vai para o Palácio da Ajuda, também seria absurdo que um Secretário de Estado e os seus colaboradores revelassem uma qualidade



excepcional no seu trabalho.

Portanto, apenas se aconselha que o Senhor Secretário de Estado encare de frente as realidades do seu país e admita que, dentro dos seus modestos recursos, lá vai fazendo o que pode, obviamente sem excelência.

Acontece, entretanto, que talvez pudesse fazer, não muito mais, mas um pouco melhor, sobretudo se escutasse mais pessoas, nomeadamente os profissionais das diversas artes, gente habilitada a abrir-lhe os olhos para um mundo que talvez só conheça em teoria, como espectador de camarote. A tecnologia que hoje permite organizar com uma eficácia e uma celeridade nunca outrora conhecidas todo o tipo de manifestações de rua, também poderá ser utilizada, parece-me, como instrumento desse maior diálogo entre cidadãos e instituições, evitando-se desde logo a perda de tempo e paciência no agendamento de audiências formalistas, cheias de "Vossas Excelências", mas sem conduzirem, na maioria dos casos, a nada que ajude a produzir excelência.

Esta será, portanto, a minha primeira participação nessa rede de contactos e informação.

E, precisamente, para contestar com um exemplo o critério alegadamente defendido pelo Senhor Secretário de Estado, vou referir o caso do Teatro Nacional de São Carlos, ao que se diz, uma das instituições culturais mais subsidiadas deste país. Penso que ninguém pretenderá afirmar que a sala do São Carlos goza de qualquer índice desejável de popularidade.

Como já escrevi atrás, não é um teatro com condições para oferecer récitas de uma qualidade realmente comparável aos grandes teatros estrangeiros; e mesmo que invista assinaláveis quantidades do seu dinheiro a contratar, por exemplo, uma grande cantora ou um grande cantor, aquilo que for gasto com esses artistas irá faltar para outros elementos que são essenciais a um espectáculo que assenta muito especialmente no todo.

Com efeito, a ópera é por essência um espectáculo completo, derivando daí o seu próprio nome: Opera, palavra italiana, significa Obra.

Ora, apesar de uma choruda parcela do orçamento atribuído à Cultura ir, segundo sei, para os chamados teatros nacionais, nem por isso a população de Lisboa encara o edifício do largo

de São Carlos com uma referência topográfica: - É um teatro ou coisa parecida que fica ali para os lados do Governo Civil, não é...? - costuma ser a reacção dos taxistas.

Contudo, o São Carlos até tem recentemente obtido um êxito bastante satisfatório com os espectáculos na rua: segundo sei, a população de Lisboa adere, ouve em silêncio, aplaude no final e pergunta quando é o próximo.

Até hoje, independentemente do vento - que é o grande inimigo de todos os espectáculos ao ar livre... - nunca ouvi falar de forma depreciativa, antes pelo contrário, dessa iniciativa. E se o espectáculo oferecido ao público for, por exemplo, um recital por um grande solista ou por um óptimo grupo de câmara, até poderá revestir-se de uma efectiva excelência.

Ora, daqui resultará, parece-me, que alguns desses espectadores de rua - que jamais terão sequer pensado entrar num teatro de São Carlos totalmente impopular - comecem a admitir realizar essa experiência, transformando uma dispendiosa espécie de sarcófago de memórias num espaço vivo de verdadeira Cultura.

Logo, parece-me que o Senhor Secretário de Estado deveria atentar nesse fenómeno e concluir que os caminhos certos são, de facto, os que levam a Cultura ao comum das pessoas e não aqueles que assentam em quaisquer utópicas excelências, destinadas a minorias economicamente mais protegidas.

Haverá efectivamente que divulgar as Artes e a Cultura junto do maior número possível de núcleos populacionais; haverá que fazer concertos pela chamada província - pois o público acorre às centenas ou mesmo aos milhares (e disso tenho eu provas muito concludentes...) -; haverá que dar sempre o nosso melhor, jamais cedendo por desleixo ou preguiça à defesa intransigente da qualidade possível; mas também haverá que não usar de qualquer arrogância, proclamando e exigindo uma excelência que, no actual estado da nação, não passa de uma incoerência risível e absurda: pobres na educação, na saúde, na habitação, na qualidade de vida, mas alegadamente opulentos nos grandes palcos ou na ópera!

Haja ou não qualquer reacção por parte da Secretaria de Estado, estou disposto a usar, a partir de agora, este meio de comunicação das ideias, no qual até me estreei a fazer um sincero elogio, pois o que é preciso é apoiar o que for bom - e não mascarar o que está errado.

Com os meus cumprimentos
António Victorino D'Almeida

SPA REPUDIA POSIÇÃO DO PROVIDOR DA JUSTIÇA SOBRE COMUNICAÇÃO PÚBLICA DE RÁDIO E TELEVISÃO

A Sociedade Portuguesa de Autores "repudiou energicamente a posição defendida pelo Provedor de Justiça" Alfredo José de Sousa, através da recomendação nº 8/B/2013 enviada ao Secretário de Estado da Cultura e que foi tornada pública no dia 17 de Julho.

A posição do então ainda Provedor de Justiça, resultante de uma queixa apresentada em 11 de Fevereiro de 2010 pelo proprietário de um estabelecimento de restauração e bebidas, sito em Barrosetas, opondo-se à liquidação de remunerações sobre a recepção de emissões de rádio e televisão na generalidade dos estabelecimentos abertos ao público, pela Sociedade Portuguesa de Autores, independentemente da sua lotação", resultou na recomendação que passamos a citar: "A adopção de iniciativa legislativa tendente a alterar as normas do Código dos Direitos de Autor e Direitos Conexos, nomeadamente, as contidas no artigo 149.º, no sentido de estabelecer uma cláusula de razoabilidade, em particular, de não exigência nem de autorização dos autores nem de qualquer contrapartida patrimonial pela mera recepção das emissões de radiodifusão e televisão que insiram obras literárias ou artísticas nos normais receptores, ainda que compostos de instrumentos difusores de sons e/ou imagens, desde que aquela não se traduza em nova utilização da obra radiodifundida, com ou sem prévia fixação, através de altifalante ou de qualquer instrumento análogo transmissor de sinais, sons ou imagens".

Perante tal recomendação assinada pelo então Provedor de Justiça, a Direcção e o Conselho de Administração da SPA emitiram nesse mesmo dia uma nota em que "lamentam que o Provedor de Justiça, no final de um mandato caracterizado por posições públicas reveladoras de lucidez e bom senso [o novo provedor, Faria Costa, indicado pelos grupos parlamentares de PSD e PS, foieleito pela Assembleia da República no dia 24 de Julho], o tenha manchado com a recomendação referida, que evidencia um lamentável desconhecimento das legislações e jurisprudências portuguesa e comunitária".

A SPA reconhece, nessa nota, que, relativamente à matéria de cobrança de Direitos de Autor pela comunicação pública de emissões de rádio e de televisão em estabelecimentos comerciais, a jurisprudência portuguesa tem-se, infelizmente, dividido. Mas também lembra que "é do conhecimento público, e por maioria de razão do Provedor de Justiça, que essa matéria é pacífica no sentido da obrigatoriedade desse pagamento, quer na legislação comunitária, quer na jurisprudência dos seus tribunais". Assim, a recomendação do Provedor de Justiça e dos seus juristas, que não deverá em circunstância alguma ser veiculadora de opiniões pessoais, "só faria sentido - acrescentam os responsáveis da SPA - caso apontasse no caminho do cumprimento da Lei portuguesa (recorde-se que o Código do Direito de Autor é de 1985 e desde então vários foram os Provedores que não viram necessidade de a Lei ser alterada) e das Directivas Comunitárias sobre esta matéria".

"O mesmo se dirá relativamente à Jurisprudência Comunitária que o Provedor parece ignorar, a qual tem sistematicamente decidido no sentido da obrigatoriedade do pagamento de Direitos de Autor quando está em causa a comunicação pública de programas de rádio e de televisão nos quais são difundidas obras de autores protegidos pelo Direito de Autor, no caso português representados pela SPA", acentua ainda a cooperativa de autores.

Por último, nesta sua nota, "a SPA lamenta que o Provedor de Justiça não tenha considerado a posição, tornada pública, das maiores associações hoteleiras e da restauração portuguesas, bem como das associações representativas das colectividades de cultura, recreio e desporto, que através de protocolos recentemente celebrados reconheceram e aceitaram tal pagamento e tenha privilegiado a posição de um comerciante de Barrosetas que lhe apresentou a queixa que originou esta errada e injusta tomada de posição".



O COMBATE À PIRATARIA

POR



JOSÉ DA PONTE*

A pirataria é própria do ser humano, tal como a sua pele. A pirataria não é caracterizada pela novidade. Significa que o curso desta actividade criminosa sempre decorreu paralelamente aos sistemas socioeconómicos legais vigentes e num mundo definido por várias e acentuadas diferenças regionais.

Sendo a acção das sociedades de autores essencial no combate à pirataria digital, deverá este combate ser corporizado através de duas vias: a via política e a via comercial - ambas, estruturantes e complementares, prosseguindo de modo particular nos seus processos e natureza uma busca da regulação do mercado, sem a qual haverá a tendência para o crescimento de riscos acrescidos para todos os intervenientes no processo de criação, difusão e consumo da obra. Temos, todavia, a noção, ao referirmos a regulação de mercado num universo mental marcado pelo (neo)liberalismo desenfreado e, quiçá, tão utópico como foram outros dos desideratos procedentes da complexa diversidade do pensar das coisas das gentes, de que corremos o risco de nos tornarmos redundantes e afastados das doutrinas hoje em voga e aceites como correctas, segundo alguns gurus das ciências económicas.

A via política pontua-se hoje pela desilusão; porém, continua a ser a trave mestra para a obtenção de resultados consistentes, no tempo e no espaço. É necessária uma convergência internacional que, até ao presente, pouco ou nada se tem feito sentir.

O combate à pirataria digital passa necessariamente por uma essencial acção conjunta dos estados e organizações particulares com interesse no processo. Torna-se necessária uma compreensão do espaço global e dos seus desafios; a criação de leis específicas, tendo por base uma partilha comum, e a sua eficaz aplicação; tornam-se essenciais princípios reguladores (como é o caso da Lei da Cópia Privada para a qual se torna abusiva toda a especulação e adiamentos que se têm feito sentir), afinal, princípios que pugnem pela solidariedade global e reforço estratégico na luta contra o crime organizado; e, não menos importante, a integração do conceito de direito de autor na educação - a partir dos primeiros anos de escolaridade.

O direito de autor beneficiaria de um natural reconhecimento, num mundo que - presumivelmente - ainda se anseia dotado de regras, para que nos dignifiquemos na paz de uma convivência salutar e democrática, usufruindo de uma verdadeira liberdade e paridade nas responsabilidades que nunca deveremos omitir.

O combate ao crime organizado é uma missão essencialmente política. Combater uma ameaça global continua a justificar uma necessária resposta global, tese ainda recentemente defendida por Jack Straw (ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, quando se referiu à ameaça terrorista após os atentados de Istambul).

A realidade diz-nos que esta primeira via - a via política -, e até prova em contrário, continua sem apresentar os resultados que, supostamente,

seriam expectáveis.

Observemos, então, a segunda via, a via comercial.

Aparenta ser agora o próprio comércio a dar sinais de auto-regulação e a baixar as expectativas da pirataria digital. Após anos marcados pela desorientação nas relações comerciais, começa a notar-se o resultado do impacto causado pelo encontro dos dois mundos: o mundo cercado pelas fronteiras e o mundo global em que a complexidade se torna a referência.

Segundo dados observados no início do ano corrente,¹ tudo o que vai acontecendo no domínio do comércio digital é permanentemente reformado e os negócios que se criam inacreditáveis sucedem-se, contribuindo para o reerguer de um mercado com fome de regras e, até, com actores já de todos conhecidos e refeitos da queda sofrida aquando do aparecimento da vaga digital. Se os industriais o afirmam, o sinal é naturalmente positivo. 'A indústria da música compreendeu as oportunidades do mundo digital'². Começa este a ser hoje um discurso assumido publicamente: informação proveniente das grandes companhias multinacionais que deram cartas no mercado da música nas últimas décadas do século XX, mostrando que a tendência caminha na direcção de uma estabilização no novo mercado³ e a uma constante procura de equilíbrio - no deve e no haver. Esta tendência, todavia, não significa qualquer estabilidade de facto; referimos apenas a tendência do fenómeno.

Na leitura dos números revelados agora pela indústria que se apropria lentamente das novas formas de comércio e até das novas companhias formadas sob o signo do digital e dos novos autores, observa-se a evidência de uma admirável regeneração por parte do vector comercial, mesmo órfão de um apoio institucional e político e num mundo cercado por piratas materializados e em potência.

Que papel então para as sociedades de autores que têm as suas receitas ameaçadas pelo crime organizado e pelas sistemáticas e compulsivas transformações provenientes de um presente que é global?

Cabe às sociedades de autores, através da força da sua confederação (CISAC) e das federações regionais onde se inserem (e.g. GESAC - no continente europeu), sem excluir quaisquer outros organismos afins, a missão de produzirem actos conjuntos que reflectam um sentimento comum e que force a criação de um quadro legal coerente e abrangente na defesa dos seus interesses - os interesses dos autores.

Deu a CISAC o primeiro passo, em 2011, quando definiu as grandes linhas de actuação aos seus membros. Estas linhas - exploradas em toda a sua dimensão - suportam o nosso próximo futuro: não são de simples realização, nem os resultados se devem entrever a curto prazo. Requerem, sobretudo, uma mudança na forma de lidar com a nossa capacidade de defender os autores. Agora, as sociedades de autores devem caminhar para promover os autores que representam e de comercializar (compreendendo e aceitando a articulação com os potenciais



clientes) as licenças dos conteúdos que, antes, assumiram gerir e que se encontravam e encontram protegidos pela Lei.

“Devemos manter a concentração em promover os direitos de autor mais do que centrarmo-nos unicamente em defendê-los”, escreveu Oliver Hinnewinkel, o actual Director-Geral da CISAC. Ao considerarmos esta oportuna afirmação - afinal, uma aspiração comum a todos os que lidam quotidianamente com a gestão das obras protegidas -, estaremos perante uma mudança radical no tratamento do direito de autor e no combate à ameaça do crime como fenómeno sistémico. E se a esta posição institucional juntarmos o já referido fenómeno de regeneração do comércio dos conteúdos protegidos na área musical, estaremos perante um novo cenário que voltará a beneficiar os autores (em todas as áreas criativas), porque o desenvolvimento do processo não deixará de espelhar o que se passou com a primeira sacrificada nos novos territórios do desenvolvimento tecnológico: a música.

É essencial continuar a levar à prática esta renovada forma de encarar o dia-a-dia das sociedades de autores. Se formos capazes, construiremos uma rara possibilidade para vencermos o enorme desafio que temos pela frente!

* *Vogal do Conselho de Administração da SPA / Agosto 2013*

1 IFPI (Federação Internacional da Indústria Fonográfica)

2 Frances Moore, IFPI

3 Que mercado? Qual o modelo de negócio? É cedo para respostas prontas e assertivas; mas a definição sistemática continua a ser construída orientada para uma estabilização que reputamos de essencial. De outro modo assistiríamos à destruição pura do sistema - o que não é decerto provável.

SPA VAI CELEBRAR PROTOCOLO COM A PROCURADORIA-GERAL DA REPÚBLICA

A Sociedade Portuguesa de Autores foi recebida em audiência, no passado dia 8 de Maio, pela Procuradora-Geral da República, Dra. Joana Marques Vidal, a quem foram apresentados os cumprimentos da cooperativa dos autores portugueses e “expostas algumas situações em que a magistratura do Ministério Público pode contribuir para assegurar uma mais eficaz defesa dos direitos dos criadores culturais”.

Num comunicado emitido a 10 de Maio, o Conselho de Administração da SPA informou que “a Procuradora-Geral da República manifestou disponibilidade para analisar as situações expostas, bem como para a celebração de um protocolo de cooperação entre a PGR e a SPA que envolva a realização de acções de sensibilização e formação de magistrados e a participação de especialistas da SPA em debates e outras iniciativas que contribuam para que haja uma visão mais aberta e dinâmica do Direito de Autor, designadamente num contexto de crise como aquele que o país enfrenta”.

Os contactos entre a SPA e a Procuradoria-Geral da República, que, segundo os responsáveis da cooperativa, já deram alguns resultados práticos, “irão tornar-se regulares”, garantiram. A delegação da SPA era constituída pelo seu presidente, José Jorge Letria, pelo vice-presidente, João Lourenço, e pelo assessor da Administração Dr. Lucas Serra.

AHP E SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES CHEGAM A ACORDO HISTÓRICO

A AHP – Associação da Hotelaria de Portugal - e a SPA – Sociedade Portuguesa de Autores - assinaram no dia 29 de Maio, “um protocolo que visa regular os termos, condições e remuneração devida aos autores representados pela SPA pela utilização das suas obras nos empreendimentos turísticos associados da AHP”.

O protocolo regula os encargos com o licenciamento de música ambiente e emissões de TV e abrange todos os espaços públicos, incluindo restaurantes, bares, ginásios, piscinas, spa's, etc., e privados dos empreendimentos.

O valor a pagar é resultado da ponderação da categoria do empreendimento e da sua dimensão, medida em razão do número de quartos, estabelecendo escalões que resultam dessa dimensão. “Este é um acordo que permite pacificar, tornar estável e transparente a relação entre os nossos hoteleiros e a SPA”, afirmou, na celebração, Cristina Siza Vieira, presidente da Direcção Executiva da AHP. A responsável elogiou ainda o “bom senso e ponderação” da SPA com este protocolo, fruto de longas negociações em que a AHP esteve muito empenhada. “Os hotéis são também um veículo fundamental para a divulgação da cultura portuguesa e dos nossos autores, produtores e intérpretes, pelo que é de mútuo interesse comercial esta relação”, acrescentou.

Para José Jorge Letria, Presidente da SPA, é “globalmente positivo o acordo que foi alcançado”. “Este documento é um exemplo de diálogo institucional e empresarial que abre portas para o futuro”, destacou o responsável.

Com este acordo, diz ainda a AHP, espera-se conseguir estabilizar uma relação pacífica com a SPA, que ponha termo a discussões interpretativas ou mesmo litígios a propósito do tema do pagamento dos direitos de autor pela música ambiente e disponibilização de TV nos empreendimentos turísticos, exemplo que espera poder ser seguido por outros.

A SPA APELA À REDUÇÃO URGENTE DA TAXA DO IVA DE 23% PARA 13%

Tendo conhecimento de que o assunto se encontra em debate no seio do Conselho de Ministros, o Conselho de Administração da SPA “apela para que o valor do IVA da restauração, hotelaria e similares seja rapidamente reduzido de 23% para 13%, sem que as medidas de carácter compensatório entretanto adoptadas venham prejudicar ainda mais a economia nacional e os portugueses”.

A SPA emitiu em comunicado vários apelos no sentido de que o IVA seja reduzido, tendo em conta os enormes prejuízos que o valor actual causa a um sector vital da nossa economia e às actividades com ele relacionadas. “Recorde-se que o agravamento da taxa do IVA contribuiu para a falência de milhares de estabelecimentos da restauração e para a entrada no desemprego de dezenas de milhares de pessoas, o que contribuiu também para agravar a incapacidade desses agentes económicos de pagarem os direitos de autor correspondentes à utilização de repertórios protegidos, nomeadamente sob a forma de música gravada”, lembra a estrutura administrativa da SPA num último comunicado emitido a 13 de Setembro passado, salientando que, “dessa situação tem decorrido também um grave e preocupante prejuízo para os autores portugueses e para a instituição que os representa – a SPA.”

A nota precisa que países como a França e a Grécia têm os valores do IVA da restauração hotelaria e similares situados, respectivamente, nos 7% e nos 13%, “o que significa, considerando em particular a situação grega, que é inadmissível que Portugal persista na aplicação de uma taxa de 23%.”

Assim, o Conselho de Administração da SPA “renova o apelo no sentido de que a taxa do IVA neste sector passe tão rapidamente quanto possível para 13%, que tal aconteça antes da entrada em vigor do Orçamento de Estado para 2014 e que esta medida seja entendida e executada como um contributo efectivo para a reanimação de um sector vital da economia portuguesa.”

CICLO “COM TODAS AS LETRAS” REGRESSOU EM JUNHO COM DEBATES EM VÁRIAS ÁREAS E EM DIRECTO NA NET



O CICLO “COM TODAS AS LETRAS”, iniciativa que em 2006 e 2009 já ocupou este espaço, regressou em Junho à Sociedade Portuguesa de Autores, em Lisboa. No total, quatro sessões, sempre às quartas-feiras, às 18h30, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, nas quais estiveram presentes muitos interessados e que foram, igualmente, transmitidas em directo pela net, através do nosso facebook, via Livestream, onde, aliás, ainda podem ser vistas e ouvidas.

“Palavras em Cena – Literatura, Teatro e Dança” (dia 5), “Palavras em Três Dimensões – Literatura e Cinema” (dia 12), “Palavras Digitais – Literatura e Suportes Digitais” (dia 19) e “Palavras com Som – Literatura e Música” (dia 26) foram os temas deste ano do ciclo “Com Todas as Letras”, evento realizado em parceria com a ARIC - Associação de Rádios de Inspiração Cristã, que, deste modo, assegurou a retransmissão futura das sessões em diversas rádios

locais, um pouco por todo o país.

Patrícia Portela, escritora, performer e encenadora, Cláudia Galhós, jornalista e escritora, e André Gago, actor, encenador e escritor, foram os convidados da primeira sessão; na segunda, participaram Jorge Leitão Ramos, crítico de Cinema e professor do Ensino Secundário, António de Macedo, realizador, investigador, docente universitário e escritor, e João Tordo, escritor, guionista e formador na área da Literatura. A terceira sessão contou com Pedro Sobral, director de Marketing do Grupo Leya, André Letria, ilustrador, editor e fundador da Nave Espacial, e José da Ponte, administrador da SPA responsável também por esta nova área; e, na última sessão, debateram a questão Sérgio Godinho, músico, escritor e actor, João de Menezes-Ferreira, ex-crítico de Música e docente universitário, e António Mega Ferreira, jornalista, escritor, investigador, ensaísta e gestor cultural.

“Constituiu-se aqui uma base de comunicação sólida que nos permite, no futuro, fazer outro tipo de coisas em formatos semelhantes ou inovadores”, declarou à AUTORES João Morales, o jornalista que, à semelhança das edições anteriores, foi o responsável pela coordenação e moderação destas conversas, em que se procurou “a intertextualidade entre as diversas formas de arte, entre diferentes gerações, entre diferentes atitudes, entre diferentes posturas ideológicas até”. EE

SPA PREOCUPADA COM A SITUAÇÃO DO PAÍS EXIGE MEDIDAS LEGISLATIVAS AO GOVERNO

A Direcção e o Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores não podiam deixar de manifestar a sua mais legítima preocupação com o facto de se ter conhecido, no passado dia 13 de Março, através do Instituto Nacional de Estatística, que “a degradação da economia portuguesa deu origem, no último trimestre de 2012, a uma quebra da ordem dos 3,8% do PIB”. É também sabido – está confirmado – que no último trimestre do ano passado as famílias portuguesas consumiram, no máximo, 150 euros por mês com bens alimentares. E “não existe sequer uma estatística neste momento que nos dê uma ideia de qual é a situação do consumo dos bens culturais”, refere o presidente da SPA, numa nota emitida naquela mesma data.

Naturalmente que, num quadro com esta gravidade e com este grau de incerteza, “a SPA tem consciência que a situação dos autores se vai agravar profundamente ainda ao longo deste ano e seguramente nos próximos dois anos, não obstante estarem a ser tomadas todas as medidas necessárias no sentido de reduzir o inevitável impacto desta crise no que diz respeito à vida cultural portuguesa”. A SPA – adverte - faz o que está ao seu alcance, mas seguramente não tem condições para fazer milagres e sobretudo tem consciência que têm de ser tomadas medidas no sentido de se preservar uma

instituição que completa este ano 88 anos, sempre ao serviço dos criadores intelectuais de todas as disciplinas.” Também por este motivo, a SPA não pode deixar de apelar à Secretaria de Estado da Cultura e ao seu titular no sentido de que concretize as promessas feitas em matéria legislativa, designadamente no que se refere ao diploma de Combate à Pirataria no universo digital e à nova lei da Cópia Privada, dois instrumentos fundamentais para defender os direitos e os interesses dos autores portugueses. Também por esse motivo, “a SPA apela a todas as entidades, estruturas e organizações deste sector, que são afectadas com aqueles que representam pela gravíssima situação da economia portuguesa e com todos os efeitos que ela está a produzir, para que se encontrem e criem uma plataforma que permita combater designadamente o fenómeno da pirataria”. E acentua: “É um momento de conjugar energias e vontades, de mobilizar esforços, para que o Governo não tenha justificação para continuar a adiar iniciativas legislativas que fazem parte do seu compromisso eleitoral, das suas promessas políticas, do seu programa de acção também e, portanto, tudo aquilo que for adiamento numa matéria que for inadiável e indeclinável constituirá um prejuízo incalculável para os autores portugueses e para quem os representa e, naturalmente, um acto de lesa-cultura que não pode deixar de ser denunciado.”

SPA PASSA A DISPONIBILIZAR ACESSO ONLINE ÀS CONTAS DOS AUTORES

O investimento tecnológico levado a cabo pela Administração da SPA nos últimos anos, com o intuito de modernizar a cooperativa, dotando-a dos meios necessários para enfrentar os desafios do futuro e colocá-la a par das sociedades mais avançadas, possibilitou já importantes ganhos na autonomia e na melhoria dos serviços. Deste modo, segundo anunciou o Conselho de Administração no passado dia 23 de Julho, “a SPA é agora uma sociedade mais capacitada para desenvolver, de forma autónoma, novas respostas nas áreas de informática ou de negócio, mas, sobretudo, no quadro da sua relação com os autores”.

Na necessidade sempre presente de melhorar os serviços, a Administração lançou agora a possibilidade de acesso à conta-corrente através da Internet, permitindo o acesso “online” a informações, sem necessidade de se recorrer ao Atendimento. “Este serviço representa o culminar de um longo processo de consolidação e estabilização do conjunto dos sistemas que operam na SPA - o SPA Digital - para os quais concorreu o empenho de praticamente todos os serviços da cooperativa”, disse à AUTORES o presidente da cooperativa, adiantando que “corresponde ainda ao primeiro passo de uma relação mais fácil e próxima dos autores com a sua cooperativa, cujo grau de interactividade continuará agora a ser progressivamente aprofundado”.

Para activação do acesso à conta online, os cooperadores receberão no seu email de contacto com a SPA uma mensagem que os encaminhará para a página onde poderão definir a sua password e assim proceder à sua autenticação. A partir daquela data ficarão aptos a aceder à conta corrente.

Os cooperadores cujo endereço de email não seja do conhecimento da SPA e pretendam fazer a referida autenticação deverão dirigir-se ao Atendimento, recomenda a nota.

A Administração salienta ainda o facto de que “nesta primeira fase apenas será disponibilizado o acesso à informação de conta (saldos e movimentos), ficando visíveis unicamente os lançamentos que concorrem para a formação do referido saldo existente” e “não sendo possível, por enquanto, interagir com o portal. Também este serviço será disponibilizado, numa primeira fase, apenas para os cooperadores”.

Em caso de dúvidas ou de quaisquer outras questões técnicas, deverão ser contactados os serviços telefonicamente ou enviar email para: incidencias.informatica@spautores.pt.



FOTO: ALFREDO ANTONIO

UMA INICIATIVA DA SPA COM COORDENAÇÃO DE MANUEL MARIA CARRILHO

“TEMOS DE REPENSAR COM LUCIDEZ O POTENCIAL DA CULTURA”

UMA CONFERÊNCIA DO FILÓSOFO francês Gilles Lipovetsky, uma das maiores referências mundiais no pensamento sobre a sociedade contemporânea, com o tema “A Cultura na Era da Globalização”, deu início, na tarde do passado dia 17 de Setembro, no Auditório Maestro Frederico de Freitas da SPA, ao Fórum Cultura Viva. Trata-se de “uma série de debates promovidos pela SPA e coordenados pelo Prof. Manuel Maria Carrilho, que irão decorrer ao longo de dois a três anos, e com os quais se pretende repensar a cultura nos tempos de hoje para encontrar uma política cultural para o futuro, atendendo ao seu provado potencial”, segundo declarou à AUTORES o Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores. A iniciativa partiu da necessidade de se produzir “um espaço aberto e partilhado para se fazer um diagnóstico dinâmico da realidade cultural portuguesa de hoje, também com a participação regular de figuras referenciais da vida cultural internacional, e depois, partirmos para a definição de um conjunto de políticas culturais adaptadas ao nosso mundo cultural”, conforme afirmou na apresentação oficial do Fórum. Naturalmente, “no contexto mundial da era de globalização em que vivemos e que tudo transformou”, acrescentou. Os debates são coordenados pelo

filósofo Manuel Maria Carrilho, antigo ministro da Cultura, catedrático da cadeira de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, ex-embaixador de Portugal junto da UNESCO e cooperador da Sociedade Portuguesa de Autores, o que, salientou o presidente da Instituição, “lhe confere uma redobrada legitimidade para intervir também neste espaço”. Nas suas breves palavras de apresentação desta iniciativa de grande enriquecimento, o presidente da SPA declarou: “O grande compromisso que aqui assumimos é que vamos partilhar o máximo de conclusões, de ideias, de projectos”.

“HÁ QUE REVITALIZAR AS POLÍTICAS PÚBLICAS”

Manuel Maria Carrilho referiu, por seu turno, ter aceitado este “desafio”, sobretudo, “pelo prestígio e a capacidade que a SPA tem revelado no domínio particular da cultura, na capacidade de animação, de seguimento dos problemas, da preocupação de propostas, que são extremamente raras na sociedade portuguesa, e – realçou - porque o seu próprio presidente é dos intervenientes mais regulares no espaço público português”. Justificando o lançamento desta iniciativa, o antigo ministro da Cultura disse que tem a ver com “a necessidade

de fazer qualquer coisa pela cultura”, pois “a situação a que ela chegou impõe dar este passo”. “Todos nós sabemos o que é indiferença política em relação à cultura, contra a qual eu sempre me bati, mas estamos agora a assistir a um desleixo sem igual. Não existe política cultural em nenhum domínio”, sublinhou. Lembrou, então, que “o orçamento para a Cultura nunca foi tão baixo” e que, “hoje, para 100 euros que se investe em Portugal, apenas se investe em cultura 1 a 2 cêntimos”. E concluiu: “Temos de repensar a cultura sem o desprezo que o poder tem mostrado,

mas também sem a sacralização dos que têm dela uma visão nostálgica. Temos que olhar com lucidez para aquilo que é o potencial da cultura. E olhar para o mundo todo. Há que revitalizar as políticas públicas, tendo presente as oportunidades que existem hoje.”

“O MELHOR DIAGNÓSTICO DA CULTURA-MUNDO”

E foi nesse ponto de vista, disse, que trouxe à SPA, nesta sessão inaugural do Fórum Cultura Viva, o filósofo francês Gilles Lipovetsky, “porque ele fez o melhor diagnóstico que conheço das profundas transformações da cultura na era da globalização”, assegurou. De facto, Lipovetsky é autor, entre outros livros, de “A Cultura-Mundo – Resposta a Uma Sociedade Desorientada”, editado em Portugal pelas Edições 70, como, aliás, foram quase todas as suas obras. No dia a seguir a esta magnífica conferência, que abriu as portas do esclarecimento e da esperança a todos os muito interessados que encheram por completo o auditório da SPA e o aplaudiram efusivamente no final da sua riquíssima exposição, o autor de “A Era do Vazio” regressou à Universidade de Aveiro (UA) para receber as insígnias de Doutor Honoris Causa. Após a sessão de Abertura do Ano que incluiu a distinção, foi apresentada também na Sala Hélène Beauvoir, no edifício da Biblioteca da UA, a nova edição de “A Era do Vazio”, com prefácio de Manuel Maria Carrilho, que há três décadas estuda e acompanha a obra de Lipovetsky. **EDITE ESTEVES**

PONTOS PRÁTICOS

O programa do Fórum Cultura Viva irá prolongar-se por dois a três anos, realizando-se na primeira quarta-feira de cada mês um debate temático sobre os diferentes sectores da área da cultura, com dois a quatro convidados. As sessões decorrerão no Auditório Maestro Frederico de Freitas, no edifício principal da SPA, com início às 21h30.

De três em três meses, contará com a participação de um conferencista estrangeiro convidado, “que abordará temas que possam alargar a nossa visão em termos culturais.”

José Jorge Letria adiantou à AUTORES que serão convidados grandes académicos e ex-ministros da Cultura, estando já confirmada a presença de Anna de Hollanda (irmã de Chico Buarque), cantora e compositora brasileira e que foi ministra da Cultura do Governo Dilma entre Janeiro de 2011 e Setembro de 2012.

Será também criado um “site” do Fórum Cultura Viva, que reunirá todos os contributos, e será aberto à participação de quem quiser contribuir para esta reflexão.

O cinema vai ser o primeiro tema a ser tratado no Fórum, já no próximo dia 2 de Outubro. **EE**



DIA DO

SPA FAZ 88 ANOS



ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS – PRÉMIO CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA EXORTA AUTORES

“ACORDEM, UNAM-SE,
DEIXEM-SE DE RADICALISMOS!”

“ESTE PRÉMIO DE CARREIRA QUE A SPA acaba de me atribuir tem para mim vários significados, todos eles muito especiais.

“Primeiro, porque, ao contrário do que quase sempre acontece, não coincide desta vez com o anúncio de uma retirada, nem é um adeus às armas: por uma feliz coincidência, comecei há poucos dias a realizar um novo filme - a única razão, aliás, que me impede [me impediria] de estar presente nesta cerimónia que muito me honra.

“Mesmo se este filme que agora começo corre o risco de ser o último, perante o ataque brutal a que estamos a assistir, quer aos meios que são postos à disposição dos autores para fazer teatro, cinema e televisão de qualidade, escrever e editar livros, música e tudo o que se acolhe sob o rótulo tão desprezado de cultura, quer à capacidade de consumir e fruir os bens culturais, por parte de uma população que está a ser atirada para a margem, para a exclusão, para a miséria e para o desespero, mesmo se este filme, dizia eu, corre o risco de ser o último, a verdade é que estou a filmar, com o prazer que isso sempre me dá e o sentido de responsabilidade perante o público que nunca me abandonou.

“A segunda razão que me leva a dizer que este prémio tem para mim um significado especial é que ele não contempla apenas a obra - demasiado escassa para o que eu gostaria de ter feito em quase 50 anos daquilo a que, com algum exagero, chamaram carreira – mas contempla também o que posso descrever como a minha militância pela criação de condições para haver mais e melhor ficção audiovisual na nossa língua e de origem portuguesa, nas salas de cinema e nos ecrãs de televisão, e mais condições de acesso do público à fruição desses produtos; mas também à minha batalha pela salvaguarda do serviço público de televisão, o que não invalida, bem pelo contrário, a urgência de uma

outra batalha: pela sua independência e pela melhoria da sua qualidade, ambas fortemente ameaçadas.

“Finalmente, este prémio coincide com um momento em que, em sintonia com a direcção da SPA, e em particular do seu presidente, José Jorge Letria, me bato pela aprovação de leis e regulamentos que defendam os autores contra a apropriação gratuita das suas obras na internet e noutras plataformas digitais, o que constitui, além de um crime e de um roubo, uma ameaça séria à sobrevivência da própria criação.

“Se é verdade que o público deve ter direito livre e igual à fruição dos bens culturais, também é verdade que os autores têm direito a uma justa remuneração pelo trabalho que fazem, sempre que ele é consumido por alguém, sem o que, em pouco tempo, deixará de haver novas obras para roubar. Se este prémio é um estímulo, que ele sirva então para juntar a minha voz aos que, na SPA e fora dela, reclamam do governo a urgência da aprovação da lei da ‘cópia privada’, alargada aos suportes de difusão digitais; e aos que, em todos os países europeus, unidos à volta das suas sociedades de autores, apelam à União Europeia para que não fique cativa de poderosos interesses privados, que estão a destruir cegamente a capacidade de renovação do repertório cultural europeu nas diversas áreas da criação.

“É um escândalo que este governo lave a mãos como Pilatos deste atentado, quando tem nas mãos precisamente o instrumento que pode minimizar o impacto dos ‘downloads’ gratuitos de conteúdos artísticos, que jovens e adultos praticam nas plataformas digitais, sem custos, e com uma alegre inconsciência dos devastadores prejuízos que causam em quem necessita de inspiração e talento, mas também de dinheiro para sobreviver e criar.

AUTOR



“Vivemos tempos difíceis, semelhantes àquilo a que Malraux, na véspera da ameaça fascista e da ascensão do nazismo, chamou ‘o tempo do desprezo’.

“O ataque que o ‘lobby’ de Hollywood se prepara para lançar contra o direito à protecção da actividade dos cineastas pelos Estados nacionais e pela própria União, ao pretender incluir o audiovisual nos acordos do GATT, é um assustador sinal dos tempos.

“A vingar, essa inclusão destruiria o esforço que, há 20 anos, os cineastas fizeram para fazer vingar a ‘excepção cultural’, uma batalha feroz contra os poderosos interesses americanos, em que eu, com o apoio do Comissário João de Deus Pinheiro, honra lhe seja feita, tive o orgulho de participar activamente.

“É um escândalo, a somar a muitos outros, que o Parlamento Europeu se prepare para aceitar este crime.

“Finalmente, quero deixar aqui um apelo aos meus colegas do cinema e do audiovisual, produtores, argumentistas, realizadores, técnicos e actores: acordem, unam-se, deixem-se de querelas mesquinhas, de radicalismos estéticos e de ódios antigos.

“A nossa capacidade de contar histórias, de falar do país e do mundo, das pessoas e dos seus problemas, mais do que um direito, é, ao mesmo tempo, uma responsabilidade social e moral que não podemos deixar que nos seja usurpada.

“Num momento em que os portugueses estão a assistir a um ajuste de contas com o 25 de Abril, a um ataque sem precedentes aos seus direitos e às suas liberdades, e os governantes assistem, impotentes e veneradores à perda da nossa soberania, é altura de os criadores se juntarem à volta da SPA para defenderem, ao mesmo tempo, o direito inalienável à criação, mas também o direito à fruição das suas obras pelo público, sublinhando sempre que a cultura, nestes tempos em que escasseia o pão, o trabalho e a esperança, é o que nos ajuda a compreender melhor o mundo e a nós mesmos, é o que nos ensina a ser livres e a tomar decisões, a não pactuar com a tirania, a injustiça e o desprezo, que é, tantas vezes, a tentação dos poderosos e dos governantes.”



Hino
Orquestração
Op.172
António Victorino

Allegro ♩=128

Flute 1-2

Oboe 1-2

Clarinet in B \flat 1-2

Bassoon 1-2

1 $^{\circ}$

2 $^{\circ}$ Horn in F

Timbales

Percussion

Voz

Violin I

Violin II

Viola

Violoncello

© 2013 Sybil Haré

HINO DA SPA

Música e Orquestração: **Maestro António Victorino d'Almeida**
Letra: **José Jorge Letria**

Da ideia nasce o livro,
Nasce o filme a sinfonia
Nasce o mistério sem nome
Que é a alma de quem cria

Que pobre seria o mundo
Sem a força dos autores
Que dando o melhor de si
Da sua obra são senhores

Eis a casa dos autores
Feita com matéria-prima
Do sonho que se faz obra
Da razão que nos anima

Que pobre seria o mundo
Sem a luz de obra feita
Que correndo contra o tempo
Sonha ser livre e perfeita

Que triste seria a vida
Sem essa luz que ilumina
A noite dos nossos dias
Com o brilho que a domina

E aquilo que nós criamos
Com toque de amor-perfeito
Ganha vida nesta casa
Torna-se o nosso direito

A razão que nos assiste
É grande em qualquer altura, (2x)
Pois sem autores não há cultura

A razão que nos assiste
É grande em qualquer altura, (2x)
Pois sem autores não há cultura

A razão que nos assiste
É grande em qualquer altura, (2x)
Pois sem autores não há cultura





D'Almeida



HINO DA SPA



SPA FAZ 88 ANOS
DIA DO AUTOR PORTUGUÊS
22 DE MAIO DE 2013

O VALOR IMATERIAL DA CRIATIVIDADE

A ALMA DOS AUTORES PORTUGUESES e a força prodigiosa da criação e da invenção iluminaram o fim de tarde do dia 22 de Maio de 2013, elevando os espíritos presentes na festa dos 88 anos da Sociedade Portuguesa de Autores a uma fasquia bastante alta de qualidade e a um laborioso e incessante combate contra as forças emergentes do anunciado “desprezo” pela cultura. Navegando num rio lamacento de obstáculos interpostos pela crise global que assola o planeta, os discursos dos criadores que nessa mesma data celebravam o Dia do Autor Português, quer dos distinguidos, quer dos seus pares, foram unânimes nas palavras de resistência à maré, desembocando sem senãos na limpidez das águas do “imenso mar interior da criatividade, da imaginação, da investigação científica e da descoberta de um outro Portugal em Portugal”, como realçou José Jorge Letria, CEO da SPA, na sua intervenção de fundo. Intervenção que publicamos aqui adiante na íntegra e que constituiu um momento estruturante desta cerimónia, em que o responsável máximo da instituição fez uma resenha sobre a vida e obra deste último ano da SPA e apontou alguns dos mais importantes elementos para “a necessária renovação que haverá no próximo ano com o processo eleitoral”, e, nesse sentido, “a apresentação de um plano e um projecto para o futuro.”

Dentro do vasto e variado plano de preparação para a modernização da cooperativa, “leitmotiv” do discurso, José Jorge Letria salientou, entre outros exemplos (ver balanço final), a estreia do Hino da SPA (aqui ao lado), com letra de sua autoria e música e orquestração do maestro António Victorino d’Almeida, “não só porque é mais um reforço de coesão entre nós e da nossa identidade, mas, sobretudo, porque somos a primeira sociedade de autores no mundo que tem um hino”. A abertura da cerimónia foi feita, aliás, com a projecção de um vídeo com a gravação do hino e a interpretação do mesmo, pela jovem cantora lírica Daniela Varela.

“A defesa do direito inalienável à criação”, conforme acentuou o Presidente da SPA, foi lema constante da cerimónia que decorreu na Sala-Galeria Carlos Paredes, forrada ainda com a exposição de homenagem a João Villaret a celebrar o centenário do nascimento daquele actor, autor e declamador, associado da SPA até à sua morte prematura, a derramar de gente ligada à cultura, incluindo destacadas figuras públicas da Justiça, na figura da Procuradora-Geral da República, e do Município de Lisboa.

“O valor imaterial da criatividade”, tal como o apelidou José Jorge Letria, teve aqui grande expressão no reconhecimento público de muitas e diversas personalidades de áreas diferentes da cultura.

Para além da simbólica estreia do Hino da SPA e do discurso do Presidente desta sociedade, a entrega dos Prémios Pró-Autor a nove entidades individuais e colectivas, que contribuíram de forma persistente para a defesa e divulgação do trabalho dos autores portugueses, em diversos domínios; das Medalhas de Honra a sete autores, cujas obras mereceram público aplauso; do Grande Prémio de Teatro SPA/Novo Grupo a Cecília Ferreira, uma nova dramaturga do Porto; e do Prémio Consagração de Carreira ao realizador de audiovisual e activo militante das causas dos autores António-Pedro Vasconcelos constituíram o núcleo da cerimónia, num agradecimento e reconhecimento públicos do seu talento e entrega à defesa da criatividade.

A sessão foi sustentada ainda pela leitura da Mensagem da SPA do Dia do Autor Português 2013, sob o título “O público e o notório”, escrita pelo próprio autor, Mário Zambujal; pelo lançamento de mais um livro para a colecção de Teatro com chancela da SPA de parceria com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, “A Teia” de Hélia Correia; e pela magnífica actuação de Janita Salomé, a encerrar a sessão solene, interpretando “Estrela do Vinho” (Li Bai), “Fragmentos” (Dnacreonte), “Palavras que voam... como aves” (Maria Manuela Espinho), “Em nome da rosa” (José Jorge Letria) e, como não podia deixar de ser, a carismática “Ronda dos Mafarricos”, de Zeca Afonso.

E terminamos esta introdução à festa, lembrando as palavras de alerta do Presidente da SPA: “Sem os autores, Portugal ficaria ainda mais pobre, mais triste e mais minguido de esperança e de capacidade de sonhar.” **EDITE ESTEVES**

MENSAGEM DO DIA DO AUTOR PORTUGUÊS

O PÚBLICO E O NOTÓRIO

MÁRIO ZAMBUJAL



PARTO DA LÚCIDA FRASE que abre o convite para esta celebração - “Sem Autores não há Cultura” - permitindo-me acrescentar, prosaicamente: “E sem consumidores, os Autores não vão longe”.

Publicar é tornar público. O que significa, desde logo, um casamento... uma união de facto... ou mesmo encontro fortuito, entre os autores e essa entidade plural - de diferentes gostos e interesses - que por público designamos. Em consequência, empobrecer o público - com particular afinco a decisiva classe média - atinge os autores em duplicado: como cidadãos fustigados pela austeridade - e pela austeridade que asfixia os destinatários das suas obras.

Sou um velho jornalista que escreve histórias. Já as escrevia nos jornais, ainda adolescente, bem antes de imaginar que tomaria o jornalismo como modo de vida. Pelos jornais, acamaradei com gente graúda da escrita - o Urbano Tavares Rodrigues, o Augusto Abelaira, o Baptista-Bastos, o Luís de Sttau Monteiro, o Fernando Assis Pacheco, a então menina - como, aliás ainda é - Alice Vieira. E outros. E outras. Vários deles me incitaram a dar o passo - à época mais invulgar - de escrever um livro. Desembarcei-me em pouco mais que uma quinzena de férias e o desenrascão foi apresentado pelo Abelaira num sítio à altura, afamado estabelecimento de diversão nocturna no Cais do Sodré.

Divertira-me a mim próprio com esse divertimento, sem prosápias de literatura e sem aspirações de chegar muito além do círculo da malta amiga. Não sucederia bem assim, mas assim me “matriculei” como autor - intencionalmente ocasional, esporádico.

Por esse tempo, convencidos de que o ainda distante Século XXI nos iria presentear com um Portugal nunca visto, esclarecido, justo e venturoso, não se imaginava o apertão de agora.

Nem o estoiro da explosão tecnológica. Um tipo da minha geração, que chegou a esta idade toda afeiçoado às palavras impressas no papel, torce-se um pouco perante as acrobacias de um tão admirável como execrável mundo novo. Tão admirável que se traduz num salto de civilização. Tão

execrável que ensina a fazer bombas em casa.

Os jornais, que folheio há mais de seis décadas, têm os dias contados - dizem-me. Reajo recusando crédito a tal barbaridade. Os próprios livros - ousam alguns prever - serão um dia peças para pesquisadores de modas ultrapassadas. Nunca por nunca ser - contesto - se inventará um sucedâneo do livro digno desse nome.

Hão-de compreender e perdoar estas embirrações de gajo antigo. Ao fim e ao cabo, aconteça que acontecer, verdadeiramente insubstituíveis são os autores e as suas obras. E publicar será sempre um acto de comunicação com autoria - seja nos livros, sim, nos livros, na música, na pintura, no teatro, na escultura, no cinema - em tudo quanto cabe na vastidão das artes.

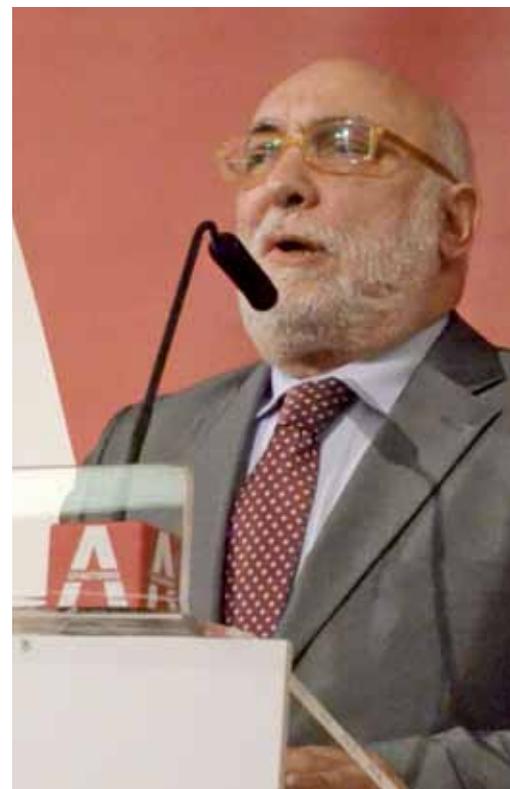
Vivemos um tempo escurecido mas provisório - como o de todos os desvios à razoabilidade. Do Estado - mande nele quem mandar - se espera a inteligência de olhar para uma gama de agentes culturais: sem eles, um país não será, propriamente, terra civilizada. Urge devolver o que a quase todos vão tirando - o direito de não serem apenas contribuintes, mas também consumidores. É o público. O caminho que hoje se percorre afasta-o também dos seus autores. É o notório. De permeio, apanham por tabela indispensáveis intervenientes: fecham editoras, livrarias e outras portas do circuito - lá vai mais gente boa para o desemprego.

Mas hoje é dia de festa - não abdiquem de esperança e firmeza. Hão-de mudar as políticas que lesam os autores - e toda uma sociedade que pretendem servir. Batalhar, é preciso. Bom exemplo temos na batalha constante da Sociedade Portuguesa de Autores, a sua direcção, encaçada pelo infatigável José Jorge Letria e todos os trabalhadores desta casa que nos reúne.

Finalmente: sobretudo como consumidor - que também sou - das obras de tantos autores que admiro, tomo a liberdade de pedir, quase exigir: não fiquem parados! Tudo o que fizerem será mais duradouro que um episódico governo.

**PRESIDENTE DA SPA REFLECTE
SOBRE AMEAÇAS E PERIGOS QUE A CULTURA ENFRENTA**

“ESTAMOS A MODERNIZAR
OS SERVIÇOS E OS MÉTODOS
PARA MELHOR PODERMOS
SERVIR OS AUTORES”



“COMEMORAMOS HOJE OS 88 ANOS de existência da Sociedade Portuguesa de Autores, nascida um ano antes de Portugal ter mergulhado no longo túnel de sofrimento e privação de liberdade representado pelo chamado Estado Novo, e fazemo-lo num momento em que os autores, os artistas e os agentes culturais em geral enfrentam um dos mais sombrios momentos da sua história, devido a uma inaceitável falta de legislação que os proteja e dignifique, a uma ostensiva e quase sempre arrogante supressão de apoios e a um estado de incerteza que desmotiva uns, empurra outros para a angústia ou mesmo para as novas rotas da emigração e indigna e sobressalta quase todos.

“Mas nem assim abdicamos da festa a que temos direito, pois foi neste dia, há 88 anos, que umas escassas dezenas de autores de referência da vida cultural portuguesa, criaram a cooperativa que até hoje, nas horas de júbilo como nas de tristeza, nunca deixou de os defender e de os representar condignamente, em Portugal e no estrangeiro.

“Por isso, este é também o dia, o Dia do Autor Português, em que celebramos a criatividade e o talento de alguns dos melhores de todos nós e em que agradecemos a pessoas individuais e colectivas que têm contribuído para difundir, dignificar e promover o trabalho de criação autoral.

“Também para eles as portas desta casa de autores estão e estarão sempre abertas, porque temos o hábito saudável e estimulante de gostar de quem gosta de nós.

“A SPA está consciente da magnitude dos perigos e desafios que se lhe deparam. Por esse motivo, tem vindo a desenvolver um esforço de modernização que lhe permita superar práticas erradas e alguns vícios e tiques arcaicos, sem nunca perder a sua matriz cooperativista, em que assentam a irrenunciável responsabilidade social e a vocação solidária e assistencialista que lhe permite dizer ‘presente’ sempre que há autores em estado de carência, criadores em luta contra a marginalização e o esquecimento e também autores de várias gerações que a escassez de

meios públicos e privados teima em condenar à impossibilidade de realizarem e difundirem o seu trabalho, condição elementar para a sua sobrevivência material e espiritual.

“Porém, a inexistência de uma Lei da Cópia Privada, várias vezes prometida e anunciada e também consagrada no próprio Programa do Governo, condenou praticamente à extinção o Fundo Cultural que, em cerca de quatro anos, permitiu apoiar a concretização de mais de uma centena de projectos apresentados por cooperadores e provenientes de todas as áreas de criação que esta cooperativa multidisciplinar com orgulho e sentido de responsabilidade abarca. Infelizmente, e à míngua de condições materiais que a lei nos deveria facultar de forma sustentável e continuada, somos forçados a dizer não a quem de nós só mereceria receber o sim do apoio solidário e da admiração pelo esforço criador.

“Mas não é essa a única razão para estarmos apreensivos com tudo aquilo que o futuro ainda nos reserva. Também nos debatemos com a clamorosa ausência de legislação nacional e europeia que defina um quadro eficaz de combate às várias formas de pirataria, desde a reprográfica até à digital. De uma vez por todas, devem os decisores políticos nacionais e da União Europeia compreender (eu sei que até compreendem, só não lhes convém agir em conformidade) que não podem, por um lado, enaltecer a importância da cultura para a criação de riqueza e emprego e para a superação da própria crise e depois privarem os autores e quem os representa dos instrumentos legais indispensáveis para a justa e oportuna defesa dos seus direitos e interesses. Se fosse preciso adjectivar este procedimento contraditório e tantas vezes revoltante, poderia chamar-lhe somente ‘hipócrita’, mas, como o dia é de festa, limitar-me-ei a considerá-lo, eufemisticamente, pouco correcto. “Presente desde o Norte do país até às Regiões Autónomas com as suas delegações e rede de correspondentes, a SPA está a conseguir, apesar da severidade desta crise estrutural, que também é de valores e de princípios, resistir aos danos causados pela queda alarmante dos consumos



culturais e à subsequente dificuldade de efectuar a cobrança atempada e justa dos direitos autorais, único e legítimo salário de quem escreve, compõe, pinta, encena ou realiza.

“Acreditem que não é fácil e que esse objectivo só pode ser cumprido graças ao empenho de um competente quadro de pessoal que não nos cansamos de adaptar, designadamente pela via da formação, às novas realidades que na sua complexa diversidade todos os dias nos confrontam com novos desafios e ameaças.

“Estamos a modernizar os serviços e os métodos para melhor podermos servir os autores. Estamos a unir os autores para melhor conseguirmos afirmar a representatividade e a credibilidade desta instituição que qualquer dia será secular. Estamos a comunicar de forma regular e empenhada aquilo que fazemos para que a opinião pública perceba, neste tempo de ideias mistificadas e confusas, que sem autores não pode haver cultura. Estamos a apostar numa forte presença mediática nas televisões e na rádio para que, cada vez mais, o nome da Sociedade Portuguesa de Autores seja sinónimo de rigor, seriedade, transparência e sobretudo da Cultura que nos dignifica, responsabiliza e engrandece. “Só cerrando fileiras em torno da única instituição que sempre os representou e continua a representar, os autores portugueses, dando voz ao que os motiva, mobiliza e sustenta, estarão em condições de assegurar o seu futuro e a intransigente defesa dos seus direitos, num tempo em que, de forma crescente, só são lembrados por quem decide quando é preciso ornamentar comissões de honra e pomposas lapelas eleitorais. Depois vem o esquecimento, o fechar de portas dos gabinetes, a falta de espaço e de tempo nas agendas sobrecarregadas. E porquê? Porque a cultura sendo sempre de importância estratégica para a vida de uma pátria e de um povo, deixou de ser prioritária, mesmo agora que a hegemonia do betão foi posta em causa pela dimensão da crise e nem dinheiro há para construir rotundas e para comprar esculturas

destinadas a celebrar a magnânima sensibilidade de quem governa.

“Estão a mudar-se os tempos e com eles algumas vontades, mas uma coisa podemos ter como certa: na vida cultural como no resto nada voltará a ser como era dantes, porque há muito que se esgotaram as especiarias das Índias, os lucros da venda do volfrâmio e, em larga medida, os fundos de Bruxelas.

“O mar que já foi todo descoberto e ao qual desejavelmente deveremos regressar, mesmo sem a frota pesqueira que perdemos, é hoje, sobretudo, o imenso mar interior da criatividade, da imaginação, da investigação científica e da descoberta de um outro Portugal em Portugal, porque como bem lembrou Fernando Pessoa, cujos 125 anos do nascimento este ano se comemoram e que se inscreveu na SPA em 1935, ano em que faleceu, “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. E a alma que aqui celebramos, crentes ou não crentes, é o Fogo Grego de Prometeu que, pela força prodigiosa da criação e da invenção, consegue tornar o Homem mais poderoso que os deuses, ao ponto de ter imaginação bastante para os criar, receoso como sempre esteve da morte e da proverbial necessidade de se encomendar para a longa travessia que supõe vir a seguir.

“Temos vindo a dilatar os apoios que nos permitem ir mais longe. Temos vindo a apostar numa modernidade tecnológica sem a qual o futuro se torna ainda mais incerto. Temos vindo a reforçar a nossa presença nos organismos internacionais do Direito de Autor, onde somos ouvidos e respeitados. Temos vindo a estabelecer parcerias e pontes de diálogo que contribuam para fortalecer a nossa posição, fazer passar a nossa mensagem e conseguir que aqueles que fazem cumprir a lei dêem razão aos autores sempre que eles a têm, o que acontece, diga-se, na maior parte das vezes.

“Mas esta é também uma grande casa da memória, de uma memória cultural que nos permite celebrar aqui o centenário do nascimento

“... à míngua de condições materiais que a lei nos deveria facultar de forma sustentável e continuada, somos forçados a dizer não a quem de nós só mereceria receber o sim do apoio solidário e da admiração pelo esforço criador”

“... com as suas delegações (...), a SPA está a conseguir (...) resistir aos danos causados pela queda alarmante dos consumos culturais e à subsequente dificuldade de efectuar a cobrança atempada e justa dos direitos autorais, único e legítimo salário de quem cria”

“Temos vindo a apostar numa modernidade tecnológica sem a qual o futuro se torna ainda mais incerto. Temos vindo a reforçar a nossa presença nos organismos internacionais do Direito de Autor, onde somos ouvidos e respeitados”

“Temos vindo a estabelecer parcerias e pontes de diálogo que contribuam para fortalecer a nossa posição, fazer passar a nossa mensagem e conseguir que aqueles que fazem cumprir a lei dêem razão aos autores sempre que eles a têm...”

“Mas esta é também uma grande casa da memória cultural. (...)Esta memória partilhada é o cimento de uma unidade, de um orgulho e de uma energia de que nunca abdicaremos (...) com a convicção de que só existe este caminho para se ganhar o futuro...”

“Para os decisores políticos, os de agora e os que vierem depois, vai a certeza de que nunca abrandará a nossa combatividade sempre que sentirmos que a razão se encontra do nosso lado, inequívoca e mobilizadora”

“É indispensável que saibamos que a cultura, de Luís de Camões a Manuel de Oliveira, de Gil Vicente a Graça Morais, de Sá de Miranda a Jorge de Sena, é sempre um pilar essencial da soberania de um país e de um povo”



de João Villaret, associado da SPA até à sua morte prematura, ou celebrar os 120 anos do nascimento de José de Almada Negreiros, também cooperador da SPA até à data da partida, em 1971. Esta memória partilhada é o cimento de uma unidade, de um orgulho e de uma energia de que nunca abdicaremos e de que hoje aqui vos damos conta, com a convicção de que só existe este caminho para se ganhar o futuro que, neste mundo global e sempre mais acelerado, já começou há algum tempo.

“Para os distinguidos vai o mais caloroso aplauso e o testemunho da nossa grata admiração. Para os dirigentes e trabalhadores desta casa vai a confiança da Direcção e do Conselho de Administração, em nome dos quais falo. Para os decisores políticos, os de agora e os que vierem depois, vai a certeza de que nunca abrandará a nossa combatividade sempre que sentirmos que a razão se encontra do nosso lado, inequívoca e mobilizadora. Para o público em geral vai uma mensagem breve e sentida: nunca se esqueçam de que por trás de cada livro, de cada canção, de cada filme, de cada quadro ou encenação existe sempre pelo menos um autor e que esse autor, esses autores, vivem dos direitos correspondentes às obras que criam. Sem eles, os autores, Portugal ficaria ainda mais pobre, mais triste e mais minguido de esperança e de capacidade de sonhar. E isso, estou certo, ninguém nesta sala deseja que aconteça, para que não fiquemos ainda pior do que já estamos.

“É a cultura que fortalece a identidade e a coesão de uma pátria e de um povo, sobretudo quando as grandes encruzilhadas mal sinalizadas nos fazem temer pelo futuro dos nossos filhos e netos e pela própria soberania de uma nação. E é indispensável que saibamos que a cultura, de Luís de Camões a Manuel de Oliveira, de Gil Vicente a Graça Morais, de Sá de Miranda a Jorge de Sena, é sempre um pilar essencial da soberania de um país e de um povo. Da ameaçada soberania de Portugal.”



PRÉMIO CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA DA SPA DISTINGUE ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS

“UMA DAS VOZES MAIS PODEROSAS CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DA RTP”

O PRÉMIO CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA atribuído anualmente pela Sociedade Portuguesa de Autores no dia 22 de Maio, Dia do Autor Português, foi entregue, na edição deste ano, ao realizador António-Pedro Vasconcelos, com a unanimidade do júri, “por mais de quatro décadas de actividade como criador de filmes, mas também como crítico, ensaísta e como cidadão sempre empenhado na defesa dos direitos dos criadores do audiovisual e do serviço público de televisão”.

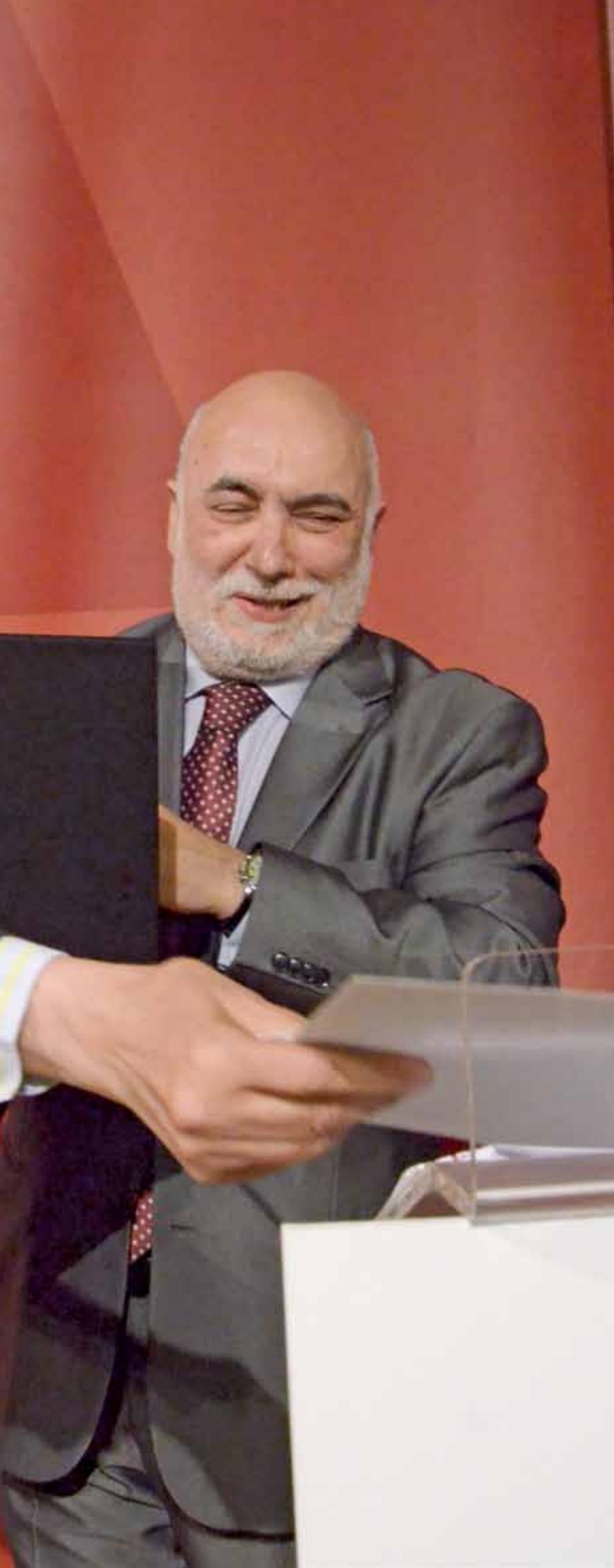
“Além da sua carreira de realizador de cinema, António-Pedro Vasconcelos é um combatente, com grande capacidade de organização, militância e justiça”, disse José Jorge Letria, na apresentação do prémio mais importante desta sessão, relevando o facto dele “ser uma das vozes mais poderosas no combate contra a privatização da RTP.”

O premiado, que estava na altura a rodar numa casa antiga do Chiado a sua nova longa-metragem “Os gatos não têm vertigens”, com a qual filma o amor e tenta responder a um problema que se colocou a si mesmo - para que serve o cinema perante tempos de crise -, conseguiu “filmar depressa” para chegar a tempo de receber a distinção, mas especialmente, segundo notou, de partilhar a cerimónia com todos os outros distinguidos. Muitos deles, com quem, curiosamente, tem ou teve muitas coisas em comum, entre os quais, Vitorino Salomé, Luís

Cília, José Augusto-França e Mário Castrim. O Prémio de Consagração de Carreira distinguiu, nos últimos anos, figuras como Matilde Rosa Araújo, Raul Solnado, Isabel da Nóbrega, António de Macedo, Igrejas Caeiro, Teresa Rita Lopes, José Cid, Luís Filipe Costa e Jorge Costa Pinto. Este galardão, que é constituído por um troféu e um prémio pecuniário de dois mil e quinhentos euros, “é atribuído a autores de todas as áreas da criação cultural que se distinguiram pelo reconhecido contributo para o engrandecimento da cultura e das artes em Portugal.”

Visivelmente empolgado com a partilha e o significado especial deste prémio, exactamente, em tempo de crise e quando a luta pelos direitos dos autores e pelo combate à pirataria e contra a privatização da estação pública de televisão estão no auge e na ponta da sua crítica incisiva, António-Pedro Vasconcelos, que tinha gravado um vídeo de quatro minutos com a sua mensagem, caso não lograsse ter oportunidade de estar presente na cerimónia dos 88 anos da SPA, levou consigo aquele “texto escrito de uma maneira ponderada” e leu-o com a intensidade que lhe conhecemos. Aplaudido de pé, pela sua densidade e determinação, transcrevemos na íntegra, na abertura deste dossiê a sua empenhada e mui estruturada mensagem. EE





PERFIL

REALIZADOR DE “CALL GIRL” ASSINA “OS GATOS NÃO TÊM VERTIGENS”

ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS, 74 anos, já não rodava uma longa-metragem desde a comédia romântica “A bela e o paparazzo”, que dirigiu há três anos, mas assinou uma série, ainda não concluída, de documentários para a RTP sobre o fotógrafo Eduardo Gageiro, o arquitecto e realizador Cotinelli Telmo, o treinador Moniz Pereira e o escritor José Rentes de Carvalho.

O realizador “deu o patrocínio” para a realização de um documentário sobre toda a história do rock português, que terá guião de David Ferreira e realização de Leandro Ferreira e Pedro Clérigo, também para a RTP, com produção da Panavídeo. Realizador e crítico de cinema, António-Pedro Vasconcelos nasceu em Leiria, estudou na Faculdade de Direito de Lisboa e em Paris, onde frequentou um curso de Filmologia na Sorbonne.

Nos anos 1969 trabalhou em publicidade e realizou alguns documentários, como “A Indústria Cervejeira em Portugal” (1967), “Exposição de Tapeçaria” (1968) e “Fernando Lopes-Graça” (1971).

Foi fundador do Centro Português de Cinema, e rodou a sua primeira longa-metragem em 1973, “Perdido por Cem...”, seguindo-se outras obras que marcaram a carreira do realizador, como “Adeus Até ao Meu Regresso” (1974), “O Lugar do Morto” (1984), “Os Imortais” (2003), “Call Girl” (2007) e “A Bela e o Paparazzo” (2010).

Em 1999, com o filme “Jaime”, sobre a exploração do trabalho infantil, ganhou o Prémio Especial do Júri no Festival Internacional de Cinema de San Sebastian.

Ao longo da carreira foi também montador, co-argumentista e produtor executivo, e de 1991 a 1993 foi presidente do Secretariado Nacional para o Audiovisual, e do Conselho de Opinião da RTP.

Foi também professor da Escola de Cinema do Conservatório Nacional e coordenador executivo da licenciatura em Cinema, Televisão e Cinema Publicitário da Universidade Moderna de Lisboa.

Em 2012 foi homenageado pelo Fantasporto.

Distinguido a 22 de Maio deste ano com o Prémio Consagração de Carreira pela Sociedade Portuguesa de Autores, António-Pedro Vasconcelos contou que “Os gatos não têm vertigens”, na altura em rodagem, será um filme “à Frank Capra, sobre dois universos, sobre idosos e um rapaz de 18 anos. São duas faixas etárias empurradas para fora da cidade”.

O filme é produzido por Tino Navarro, conta com 840 mil euros de apoio financeiro do Instituto do Cinema e Audiovisual e o argumento é de Tiago Santos, a partir de uma ideia original de António-Pedro Vasconcelos, tal como aconteceu com os dois filmes anteriores, “Call Girl” (2007) e “A bela e o paparazzo” (2010).

GRANDE PRÉMIO DE TEATRO SPA ATRIBUÍDO A NOVA DRAMATURGA DO PORTO

“O MEU DESEJO É QUE SEJAMOS MAIORES QUE AS ADVERSIDADES!”

O GRANDE PRÉMIO DE TEATRO Português SPA – Novo Grupo 2013 foi atribuído à jovem dramaturga Cecília Ferreira, do Porto, pela peça “A Acompanhante”. O prémio, no valor de cinco mil euros, foi entregue durante as comemorações do Dia do Autor Português, juntamente com um belo troféu concebido pelo encenador e director do Teatro Aberto e administrador da SPA João Lourenço e pelo cenógrafo Fernando Filipe.

Cecília Ferreira, que integra a companhia de teatro independente do Porto Teatro a Quatro, verá, com esta distinção, a sua peça subir ao palco do Teatro Aberto na próxima temporada, já que o Grande Prémio de Teatro da SPA é atribuído em conjunto com aquela companhia lisboeta. Erguendo o galardão com a força e a esperança da sua juventude, Cecília Ferreira sublinhou, confiante: “O meu desejo é que sejamos maiores que as adversidades!”.

A autora premiada é licenciada em Teatro/ Interpretação pela ESMAE-Escola Superior de

Música, Artes e Espectáculo e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde obteve o Mestrado em Línguas e Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas, com uma tese sobre a poesia de Gastão Cruz. É professora de Teatro no Colégio Nossa Senhora do Rosário, no Porto, tem vários trabalhos de adaptação dramática realizados, com destaque para o da peça “Rei Lear”, de William Shakespeare. Foi ainda membro fundador e elemento da direcção da Artâmega – Academia das Artes de Marco de Canaveses.

De acordo com o regulamento do prémio, a peça “A Acompanhante” será montada oportunamente pelo Novo Grupo de Teatro, conforme já foi referido. O júri que lhe atribuiu o prémio e que foi chamado ao palco nesse momento alto da festa dos 88 anos da SPA, foi constituído por Francisco Pestana, Marta Dias e Vera San Payo de Lemos, por parte do Novo Grupo/Teatro Aberto, e por Rui Mendes,

Luís Filipe Costa e Tiago Torres da Silva, por parte da Sociedade Portuguesa de Autores. A declaração do júri foi lida pelo actor Rui Mendes. João Lourenço, director do Teatro Aberto e administrador da SPA presidiu, como vem sendo hábito, ao grupo de jurados.

JOÃO LOURENÇO EXALTA OS “VALORES HUMANOS”

No seu discurso de introdução à cerimónia de divulgação e entrega do Grande Prémio de Teatro 2012, sempre muito bem guardado até este momento especial, João Lourenço fez questão de deixar uma mensagem alusiva ao objectivo deste prémio e à situação actual da cultura “que está a ser desprezada”, dirigida a todos os presentes, especialmente àqueles a quem chamou de “caros oficiais da cultura”, exaltando no final “a ficarmo-nos nos valores humanos”, “que é aí que vamos encontrar soluções”. São dele, textualmente, as seguintes palavras:

“Todos os artistas conscientes, quer sejam pessoas da pintura, do teatro ou do cinema, têm no fundo uma intenção que geralmente assume uma irreverência, que, mais tarde, durante o seu crescimento, desagua numa simples e quase impossível ideia: mudar o mundo tal como nós o conhecemos para melhor. “A arte tem de estar relacionada com a comunicação, com a vontade de chegar ao nosso semelhante. Nós trabalhamos para que o

DECLARAÇÃO DO JÚRI DO GRANDE PRÉMIO DE TEATRO SPA / NOVO GRUPO 2013

A PEÇA “A ACOMPANHANTE” DE CECÍLIA FERREIRA REUNIU O MAIOR CONSENSO PARA PASSAR AO PALCO

O JÚRI DO GRANDE PRÉMIO DE TEATRO SPA / Teatro Aberto 2013, presidido por João Lourenço, Vice-Presidente da SPA, e constituído por Luís Filipe Costa, Rui Mendes e Tiago Torres da Silva, pela Sociedade Portuguesa de Autores, e por Francisco Pestana, Marta Dias e Vera San Payo de Lemos pelo Teatro Aberto, decidiu, por maioria, atribuir o Grande Prémio de Teatro de 2013 à obra “A Acompanhante” de Cecília Ferreira.

De todas as obras a concurso, foi esta a que reuniu maior consenso entre os membros do júri, quanto às potencialidades que contém não só para a edição, mas principalmente para a sua transposição para a cena que, de acordo com o regulamento do prémio, ocorrerá no Teatro Aberto.

A peça, ao focar a vida e as memórias de uma mulher que acompanha as pessoas sós na hora da morte, bem como as relações que com elas consegue criar, levanta importantes questões sobre a vida, a morte, sobre a inevitabilidade da solidão e sobre as formas como todos nós

vamos tentando enganar esses fantasmas que nos assombram durante toda a vida. O apaziguamento da personagem principal em relação a estes temas surge como a paz que todos procuramos.

O júri apresenta os seus parabéns à autora e congratula-se por, mais uma vez, este Prémio contribuir para o fortalecimento do Teatro Português, aproximando os autores e a cena, diminuindo a distância entre a prática da escrita e a prática do palco, e fomentando também a internacionalização da nova dramaturgia portuguesa.



acto criativo chegue às pessoas, se possível a milhões de pessoas. Tem sido sempre um propósito maior do que nós próprios. Em suma, esperamos que o público se identifique ou que rejeite, mas que se sinta de algum modo transformado.

“Eu acredito que a cultura é tão importante como a neurocirurgia, a ida a Marte ou a divisão do átomo. A perda de valores que agora a nossa sociedade com o terramoto neste momento faz com que o indivíduo deixe de se respeitar a si próprio e persiga o que a maioria lhe pede: tudo rápido, fácil, descartável. O que se foi construindo ao longo dos anos neste país, porque se construíram coisas muito boas, está a ser destruído por pessoas que estão à frente deste governo. A cultura está a ser desprezada, à semelhança do que acontece com a educação, a saúde, a protecção social. Desenham-nos um futuro pessimista... Que nos leva a crer que não há saída, não podemos fazer nada contra este estado de coisas e eu estou convencido que é precisamente nesta situação que as vozes dos artistas são mais urgentes, que a sua expressão e engenho e visão do mundo são necessários à sociedade. Devemos manter a esperança de olhar uns para os outros por cima de ideologias e ficarmo-nos nos valores humanos, que é aí, tenho a certeza, que nós vamos encontrar soluções.”

CECÍLIA FERREIRA APELA

“À PERSISTÊNCIA E PROLIFERAÇÃO”

Chamada ao palco, no meio de fortes aplausos, a jovem dramaturga e nova encenadora do Porto manifestou abertamente a sua “grande alegria e grande honra” por estar naquela casa de autores e agradeceu à SPA e ao Teatro Aberto o Grande Prémio de Teatro que acabara de lhe ser atribuído. “Proporcionaram à minha vida uma experiência inédita”, disse.

Depois de agradecer aos familiares mais próximos, nomeadamente ao marido, Nuno Ferreira, por abraçar os seus projectos como se fossem de ambos, Cecília Ferreira deixou uma palavra de agradecimento muito especial a todos os amigos que a incentivaram a escrever e a tornar os seus textos públicos.

Dedicou, de seguida, o prémio à companhia de Teatro a Quatro, formada no Porto, em 2010, e de que é uma das quatro fundadoras e criadoras artísticas. Residente na Fábrica da Rua Alegria, a companhia nasceu da cumplicidade entre quatro amigas do curso de Teatro da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), por isso dedicou

a distinção às suas companheiras de lides e amigas Catarina Santos, Isabel Carvalho e Joana Magalhães, todas ali presentes.

Sabendo muito bem o que queriam, segundo referiu, as quatro actrizes fazem “um trabalho rigoroso, sempre à procura de novas linguagens e horizontes artísticos, associando-se ao contexto sociocultural em que actuam”, mas também “muito custoso”, já que “nunca tiveram nenhum subsídio” e, para poderem sobreviver, “têm de manter actividades paralelas”.

Com poucos recursos, são, no entanto, uma das companhias do Porto que mais produziu, em apenas dois anos de existência, orgulhando-se de “nunca terem deixado de fazer nenhum projecto por falta de dinheiro”.

Cecília Ferreira dá aulas de teatro num Colégio no Porto, faz acções de formação para adultos na área e é Coordenadora Executiva de uma Academia de Artes. Catarina Santos trabalha com a comunidade e Isabel Carvalho faz dobragens e tem um projecto televisivo no Canal Panda. Já Joana Magalhães tem vindo a trabalhar com uma companhia brasileira, onde esteve cinco meses, graças ao programa INOV-art. “Apesar de ter consciência das dificuldades e obstáculos que a cultura atravessa neste momento – disse, a terminar, com um sorriso rasgado -, o meu grande desejo é que sejamos maiores que as adversidades, para que o teatro português possa persistir teimosamente e proliferar.”

EDITE ESTEVES

CECÍLIA FERREIRA

mostra feliz
o belo troféu
do Grande Prémio
de Teatro





PRÉMIOS



A escritora **Hélia Correia** foi distinguida de forma especial nesta sessão, com o lançamento simbólico da sua pequena peça de teatro "A Teia", com chancela conjunta da SPA e da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, passando a integrar a colecção de Teatro da cooperativa



Nuno Lopes, da agência de notícias LUSA



Francisco Pinto Balsemão, representado por Albérico Fernandes, da Imprensa/Sojornal

PRÓ-AUTOR



"Site" Casal das Letras, representado pelos seus responsáveis, Maria Augusta Silva e Pedro Foyos



FITEI – Porto, representado pelo seu director, Mário Moutinho



Escola António Arroio, representada pelo escultor Luís Castel-Branco



Perfecto Cuadrado, professor catedrático de Filologia Galega e Portuguesa nas Ilhas Baleares e curador da Fundação Cupertino de Miranda, vindo de Palma de Maiorca

PRÉMIOS PRÓ-AUTOR



Madalena Iglésias, que vive entre Lisboa e Barcelona

NOTA: Por se encontrar no estrangeiro, **Ana Daniela Soares**, realizadora do programa "À Volta dos Livros", da RDP 1, não pôde estar presente nem se fez representar nesta cerimónia



PEN Clube Português, representado pela sua presidente, Teresa Salema

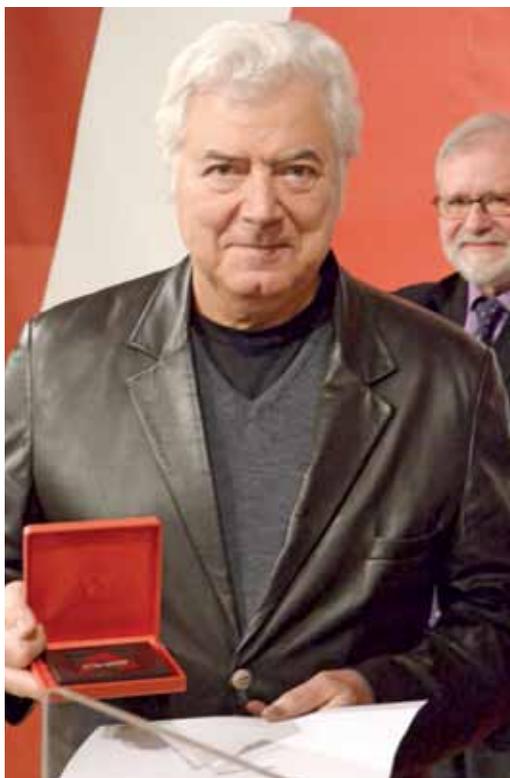
MEDALHAS DE HONRA



A dramaturga, encenadora e tradutora **Luzia Maria Martins** (a título póstumo), representada por António Casimiro da parte do Museu do Teatro



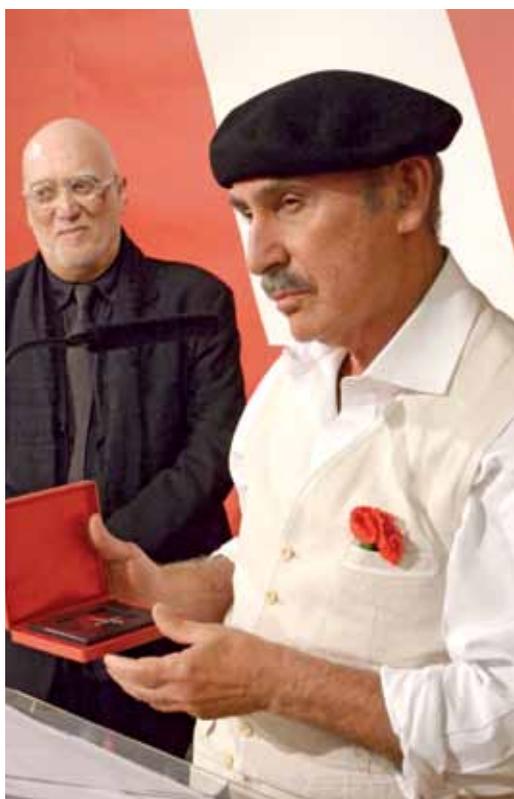
O cineasta **Luís Flipe Rocha**



O escultor **José de Guimarães**



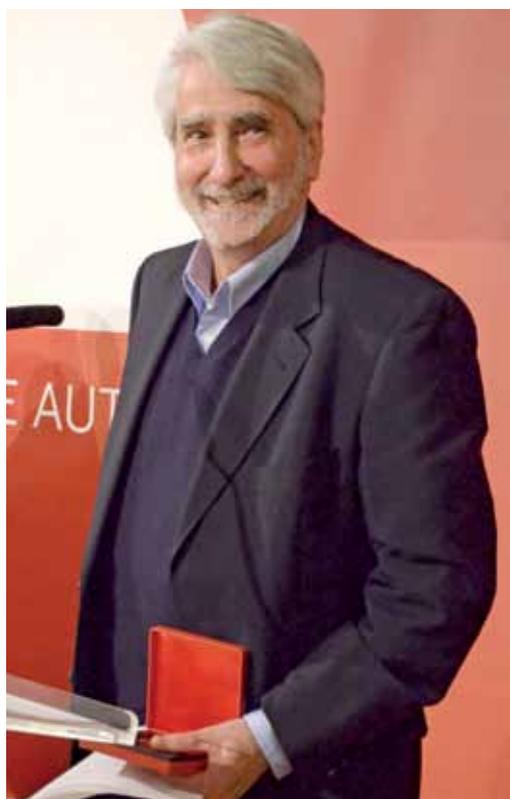
O historiador e crítico de arte **José Augusto-França**, representado pelo professor, crítico e historiador de arte Rui Mário Gonçalves



O compositor e cantor **Vitorino Salomé**



O jornalista e crítico de televisão **Mário Castrim** (a título póstumo), representado por Alice Vieira, com quem partilhou a sua vida intensa



Luís Cília, o primeiro cantor de intervenção que no exílio denunciou a guerra colonial e a falta de liberdade em Portugal



JOSÉ JORGE LETRIA SATISFEITO COM FESTA DO DIA DO AUTOR PORTUGUÊS 2013

“FOI UM MOMENTO DE UNIDADE, DE COESÃO E DE MOBILIZAÇÃO PARA OS COMBATES QUE AÍ VÊM”

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO e do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores manifestou à AUTORES a sua satisfação, relativamente à festa do Dia do Autor 2013 que decorreu na Sala-Galeria Carlos Paredes, no passado dia 22 de Maio, data em que a cooperativa celebrou os seus 88 anos de vida. Num balanço acurado feito exclusivamente para esta revista, José Jorge Letria resumiu numa frase poderosa a dimensão da iniciativa que reuniu naquelas instalações da SPA uma quantidade significativa de autores e de figuras ligadas à criação e que distinguiu uma diversidade muito grande de personalidades ligadas à cultura, numa abrangência notória e numa qualidade média muito alta: “Foi um momento de unidade, de coesão e de mobilização para os combates que aí vêm”.

Repetindo o que já havia focado durante a cerimónia, o CEO da SPA salientou:

“Mesmo num tempo de crise tão grave como aquele que estamos a viver, há lugar para a festa. Desde que a festa não seja uma festa tonta de celebridades e de famas vazias, que seja um momento de encontro, de unidade, de coesão e de mobilização para os combates e isso parece-me muito importante. Aliás, quase todos os discursos apontaram nesse sentido, de resistência e combatividade e de esperança de um tempo melhor”.

Desde Perfecto Cuadrado (catedrático de Filologia Portuguesa e Galega da Universidade das Ilhas Baleares, tradutor da primeira versão completa em espanhol de “O Livro do Desassossego”, de Fernando Pessoa, em 2002, Prémio Giovanni Pontiero de Tradução), Prémio Pró-Autor 2013, que “fez uma intervenção brilhantíssima”, em sua opinião, até ao realizador de cinema António-Pedro Vasconcelos, Prémio Consagração de Carreira 2013, registou-se “um grande sentido de luta, de resistência, de reconstrução da esperança na democracia por parte dos intelectuais”. Portanto, “a SPA é, cada vez mais, hoje, neste contexto, uma referência da vida cultural e social portuguesa. E também uma frente de resistência à arbitrariedade, à falta de legislação, ao desrespeito pelos autores e pelos artistas em geral.”

DISTINGUIDOS E PRESENTES REFLECTEM “FORTE IMPLANTAÇÃO DA SPA”

Os 88 anos da SPA foram mesmo, “enquanto festa do autor português”, aquela que, do ponto de vista da Administração, “correu melhor”. Porque, tanto na diversidade dos premiados, que, como é habitual, cobriram diversas áreas, como na animação, nomeadamente na estreia do Hino da SPA, com música e orquestração do maestro António Victorino d’Almeida (Hino Orquestração Op.172) e letra de José Jorge Letria, momento de forte impacto desta celebração, “a festa teve uma abrangência muito grande, uma diversidade muito grande, uma qualidade média muito alta”.

Basta ver as listas dos premiados para verificarmos que, tanto no Prémio Pró-Autor – Nuno Lopes, da agência Lusa; o ‘site’ Casal das Letras, da responsabilidade de Maria Augusta Silva e Pedro Foyos; Ana Daniela Soares, autora do programa “À Roda dos Livros” da RDPI; o FITEI do Porto; o Presidente do Conselho de Administração e ‘chairman’ da Impresa e ex-primeiro-ministro, Francisco Pinto Balsemão; a Escola António Arroio; o catedrático espanhol especialista em Literatura Portuguesa e Galega Perfecto Cuadrado; a cantora Madalena Iglésias; e o PEN Clube - como nas Medalhas de Honra – o realizador Luís Filipe Rocha; o escultor José de Guimarães; o historiador, crítico de arte e ficcionista José Augusto-França; a falecida dramaturga, tradutora e encenadora Luzia Maria Martins (a título póstumo); o compositor e cantor Vitorino Salomé; o jornalista, escritor e crítico da televisão portuguesa Mário Castrim (a título póstumo e já atribuída em 2012); e o compositor, músico e intérprete de música de intervenção Luís Cília –, “os distinguidos reflectem a forte implantação que a SPA tem, seja no mundo autoral, seja no mundo cultural e mediático, que também ajuda os autores a terem difusão das suas obras”.

Foi, para além disso, “uma demonstração da grande coesão e grande unidade dos autores”, pela quantidade de autores que estiveram presentes, pela quantidade de figuras ligadas à criação que apareceram. “Não posso deixar de destacar o significado que tem para nós a presença neste dia da Procuradora-Geral da República, Dra. Joana Marques Vidal, que aceitou imediatamente ao convite que eu lhe fiz”, sublinhou José Jorge Letria, adiantando que a SPA vai “celebrar um protocolo com a PGR” (ver notícia noutra local) por sugestão da procuradora, porque “o grande objectivo é contribuírmos para formar as novas gerações de magistrados nas questões do Direito de Autor”.

“A magistratura do Ministério Público é a primeira instância e a primeira etapa da denúncia das prevaricações, portanto se o Ministério Público considera que há matéria de direito para se avançar com os processos é este o caminho”, referiu o Presidente da SPA, afirmando: “Encontrámos por parte da senhora procuradora, como já tínhamos encontrado da parte do seu antecessor, Pinto Monteiro, uma receptividade grande e para nós foi uma grande honra, porque foi a presença da lei, do direito e do respeito institucional também pela Sociedade Portuguesa de Autores”. Por outro lado, também honrou muito os responsáveis da SPA terem o presidente da Câmara da Lisboa, cidade que acolhe a SPA desde sempre – a SPA é uma instituição nacional e internacional, mas a sua sede é a capital do país. Além de António Costa, a festa contou também com a presença do vice-presidente do município lisboeta, o arquitecto Manuel Salgado, “o que não é muito comum e nos deu, por isso, um motivo de grande satisfação”, pormenorizou José Jorge Letria.

De destacar, igualmente, a presença de Duarte Azinheira, director da



Unidade de Publicações, Marketing e Vendas da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, instituição com a qual a SPA mantém parceria em termos de edição de livros.

A SPA ASSUME-SE COMO “UMA GRANDE INSTITUIÇÃO CULTURAL”

“São momentos como este, como eu disse na intervenção de fundo que fiz em nome da administração e da direcção da SPA (ver texto integral do discurso), que mostram que a SPA é muito mais do que uma mera sociedade de gestão colectiva de direito de autor, é uma grande instituição cultural”, considerou o Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, para de seguida relevar que “a SPA é uma cooperativa que é uma empresa, uma empresa que é uma instituição e essa instituição tem cada vez mais, com os seus 25 mil associados, o estatuto de um parceiro social e cultural”.

Isto, segundo detalhou entre outros factos determinantes, na sequência da Gala de 25 de Fevereiro, na efectivação do regresso do programa “Autores” à TVI, da atribuição do prémio da TV7Dias a Paulo Sérgio Santos, seu apresentador regular, “tudo isto mostra que a SPA está a viver um ciclo muito diferente daquele que viveu há 10 anos ou há 5 anos atrás”. A propósito, referiu a importância do estudo que está a ser elaborado a partir do resultado do “inquérito feito para obter o perfil sociológico dos autores, o qual já define o autor-tipo, o cooperador-tipo, que é predominantemente homem com 60 anos ou mais, de formação superior e com uma ligação à SPA que é, crescentemente, dependente dela até em termos de rendimentos”.

A actuação do Janita Salomé foi também “um momento de enorme qualidade”, a encerrar a cerimónia da celebração dos 88 anos da SPA, na opinião do seu presidente, que destacou, com igual ênfase, a estreia do Hino da SPA com letra da sua autoria e música e orquestração do maestro António Victorino d’Almeida (ver letra em destaque). “É importante, não só porque é mais um reforço de coesão entre nós e da nossa identidade, mas, sobretudo, porque somos a primeira sociedade de autores no mundo que tem um hino”, acentuou, para justificar:

“A partir de agora, temos um hino, temos uma identidade reforçada, temos programas na rádio e na televisão (ver verso de capa), que não há nas outras sociedades e, portanto, somos uma instituição que se prepara

não só para a necessária renovação que haverá no próximo ano com o processo eleitoral, o que é normal em instituições democráticas, sujeitas ao escrutínio dos cooperadores, mas sobretudo, queremos apresentar, e a minha intervenção já foi clara nesse sentido, um plano e um projecto para os próximos anos.”

E reafirmou enfático: “Queremos apresentar uma estratégia empresarial, uma estratégia da sociedade para os próximos anos e, sobretudo, a ideia de que quanto mais o direito de autor está movido e incerto no mundo, mais nós temos de reforçar a componente empresarial para nos conseguirmos aguentar.”

UMA FESTA AUSTERA EM DESPESAS, MAS DE FORTE VISIBILIDADE

O Presidente da SPA assegurou à AUTORES que esta foi “uma festa moderada, contida e austera em termos de despesas”, mas que logrou obter uma forte visibilidade da instituição, especialmente porque estiveram igualmente presentes muitos órgãos de comunicação social. “É muito importante ter momentos como este – disse -, que são festivos, momentos mobilizadores que dêem ainda mais visibilidade à SPA. Porque, quanto mais visibilidade nós tivermos, mais somos reconhecidos e aceites por aqueles que negociam connosco, desde as televisões a outras entidades.”

De facto, tanto o próprio Presidente da SPA como o secretariado da instituição, tiveram um grande retorno: mensagens de cooperadores, não cooperadores e várias instituições a felicitarem a SPA.

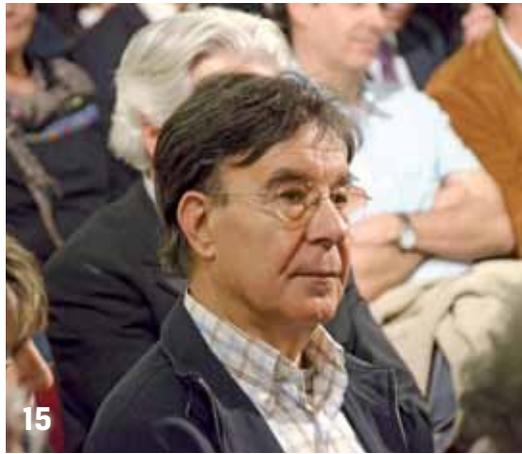
E depois, conforme acrescentou, um grande retorno quanto ao “índice de agrado por aquilo que foi feito”, pois “foi uma festa diversificada, plural, bonita e, sobretudo, com uma fasquia de qualidade muito alta, toda a gente reconheceu.”

Além disso foi, tanto nos medalhados e nos premiados pró-autor, a demonstração do “reconhecimento e do grande peso que a SPA tem hoje na vida cultural portuguesa”. E rematou, com grande determinação: “Uma das nossas grandes obrigações é fazermos com que a SPA seja muito mais do que uma mera empresa de gestão – coisa que é e que tenta fazer de uma maneira cada vez mais moderna – mas somos muito mais do que isso: somos, realmente, uma grande instituição e é como instituição que temos de ser reconhecidos.” **EDITE ESTEVES**





1 – A jovem cantora lírica Daniela Varela, na abertura da cerimónia, entoou, pela primeira vez publicamente, o Hino da SPA, num momento muito simbólico e significativo da festa; 2 - Entre a assistência que encheu por completo a Sala-Galeria Carlos Paredes, podemos ver em primeiro plano a Procuradora-Geral da República, Joana Marques Vidal, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, António Costa, e o seu vice, o arquitecto Manuel Salgado, ao lado do administrador Tozé Brito. À direita ainda, na foto, Perfecto Cuadrado, o catedrático das Ilhas Baleares e curador da Fundação Cupertino de Miranda; 3 – Ana Paula Cunha, directora do novo Departamento de Planeamento Estratégico e Gestão Financeira, acompanhada por Vítor Nogueira, do Ministério das Finanças; 4 – Escritores lado a lado: Jaime Rocha e Hélia Correia; 5 – O escritor, compositor e cantor Miguel Ângelo à conversa com o produtor musical Renato Júnior, membro suplente da Assembleia Geral da SPA; 6 – O escultor José de Guimarães com o administrador da SPA José da Ponte; 7 – Mário Zambujal, autor da Mensagem do Dia do Autor e do livro "Cafuné", como sempre, muito acarinhado; 8 – Vitorino Salomé e João David Nunes, dois membros da Direcção da SPA, respectivamente para a música e para o audiovisual; 9 – O maestro Álvaro Cassuto, ladeado pela cantora Madalena Iglésias; 10 – Marta Dias, do Teatro Aberto, conversa com o seu parceiro de júri do Grande Prémio de Teatro, Rui Mendes; 11 – O crítico e historiador de cinema Jorge Leitão Ramos, presidente do Conselho Fiscal da SPA, e mulher;





12 – Maria Augusta Silva e Pedro Foyos, os responsáveis pelo “site” premiado Casal das Letras; 13 – A cantora Madalena Iglésias, vencedora do Festival RTP da Canção de 1966 com “Ele e Ela”, ladeada pelas escritoras suas amigas Leonor Xavier e Alice Vieira, ambas membros dos corpos sociais da SPA; 14 – O cineasta premiado Luís Filipe Rocha, tendo à sua direita o compositor João Afonso, sobrinho de Zeca Afonso; 15 – António Chainho, guitarrista e compositor, reconhecido internacionalmente, considerado um embaixador da guitarra portuguesa; 16 – António Homem Cardoso, fotógrafo e escritor, não podia deixar de levar a sua máquina para registar os seus momentos; 17 - O Presidente da SPA, José Jorge Letria, fazendo as honras da casa à sua convidada da área da Justiça, a Procuradora-Geral da República, Joana Marques Vidal; 18 – Acompanhado ao piano por Filipe Raposo, Janita Salomé encerrou da melhor maneira a festa dos 88 anos da SPA, fechando a sua versátil actuação com a “Ronda das Mafarricas”, de Zeca Afonso.

POR SEREM APENAS CINCO E POR TER HAVIDO DESPENSAS

PRÉMIOS AOS TRABALHADORES ENTREGUES EM FESTA INTERNA



ESTE ANO, A ENTREGA DOS PRÉMIOS para os trabalhadores da Sociedade Portuguesa de Autores, no que diz respeito à antiguidade, não foi integrada na festa do Dia do Autor, como vem sendo hábito. Decorreu a 15 de Maio, numa festa íntima.

José Jorge Letria explicou, na altura, que esta decisão foi tomada, “não só porque era um número reduzido de contemplados – foram poucos os que chegaram aos 20 anos (António Castro, Rui Pádua e Rui Seixas) e 25 anos (Conceição Sequeira e Liliane Cristina), mas, sobretudo, porque tendo havido uma despesa de trabalhadores pouco tempo antes, não fazia sentido estar ali a fazer uma festa desta natureza”.

Portanto, foi feita uma festa interna, a que se seguiu no dia 28 um grande plenário para todos os trabalhadores que ficaram na casa. “Entendemos que não era uma festa para os trabalhadores se estarem a rir para o exterior, quando, no fundo, estamos a conter as despesas”, justificou à AUTORES o Presidente da SPA.

Antecipando em resumo o objectivo do plenário, na cerimónia de entrega dos prémios de antiguidade, José Jorge Letria deu conta aos presentes dos motivos que levaram à redução de alguns elementos do pessoal da cooperativa, tendo em vista a sustentabilidade desta casa, a qual passa também pela contenção de outras despesas correntes para além dos salários. Garantiu, entretanto, que “não vai haver mexida nos salários, nem nos adquiridos dos que ficam na SPA”.

Ao salientar que se está a entrar num ciclo de modernização desta casa, o Presidente da cooperativa “apelou à agilização e eficácia de resposta no atendimento aos autores”, lembrando que “os autores são a nossa razão de ser e de existir”. E para que a modernização e eficácia aconteçam, precisou que a estratégia passa por “uma reestruturação de carreiras, pela formação de quadros e pela oportunidade de entregar a liderança aos mais novos”.

“É preciso preparar os mais novos para os próximos 10 a 15 anos sabermos defender esta casa”, alegou, parafraseando Churchill: “Estamos a trabalhar não para ganhar eleições, mas ganhar gerações.”

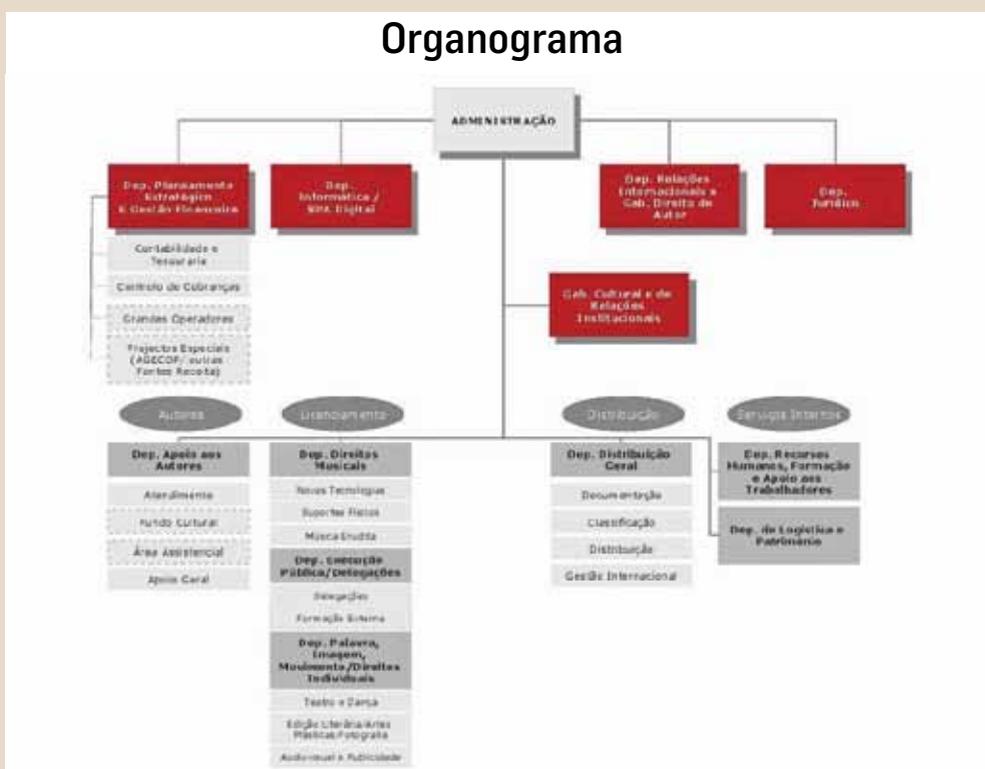
José Jorge Letria fez notar que “este trabalho faz-se em equipa” e que “a nova estrutura orgânica (ver caixa) não é importante por si mesma, é preciso inspirá-la com novas estruturas e mentalidades.” E acentuou: “É necessário criar uma nova criatividade empresarial.”

“Consequiremos ganhar esta batalha se nos superarmos e formos corrigindo as assimetrias que ainda aqui existem, premiando o mérito e a dedicação”, declarou, advertindo que “a lealdade não se premeia, faz parte do compromisso.”

SPA TEM NOVA ESTRUTURA ORGÂNICA

A DIRECÇÃO DA SPA aprovou por unanimidade, no passado dia 26 de Março, o novo organograma da cooperativa, que, de acordo com uma nota difundida no dia 4 de Abril pelo Conselho de Administração, “introduz na estrutura de funcionamento dos serviços maior agilidade, maior transparência, maior capacidade de resposta aos cooperadores e sobretudo um sentido de modernidade indispensável numa empresa que se quer preparada para os grandes desafios do presente e do futuro”.

A nota recorda que este objectivo, durante anos programado, nunca chegou a ser cumprido, pelo que a estrutura dos serviços se manteve durante muitos anos tal como era na sua configuração original, entretanto tornada arcaica. Por outro lado, o novo organograma da SPA (em anexo e com maior visibilidade no portal da SPA) permite à cooperativa acompanhar os processos de modernização já ocorridos, ou em curso, em congéneres internacionais com as quais mantemos uma relação regular e de reciprocidade.





PREMIADOS COM 25 ANOS

- 1 – **Liliane Cristina** do Atendimento aos Autores
- 2 - **Conceição Sequeira** do Departamento Jurídico

PREMIADOS COM 20 ANOS

- 1 – **António Castro** do Departamento de Logística e Património
- 2 – **Rui Pádua**, delegado de Setúbal e Évora
- 3 – **Rui Seixas** da Área de Licenciamento do Departamento de Direitos Musicais





Autores Portugueses no Mundo

“JERUSALÉM” ROMANCE DE GONÇALO M. TAVARES ENCENADO EM ATENAS

O romance “Jerusalém”, do escritor Gonçalo M. Tavares (foto), voltou a ser adaptado para teatro numa peça que se estreou no dia 14 de Setembro, em Atenas, intitulada «Jerusalem Heaven», encenada por Vana Pefani, anunciou a editora Editorial Caminho.

A estreia grega, na sede da Fundação Michael Cacoyannis, coincidiu com a tradução e edição na Grécia do romance do premiado autor português, pela editora Kastaniotis.

“Jerusalem Heaven” estará em cena em Atenas até 2 de Outubro, sendo descrita como “uma mistura de elementos poéticos e reais que defende a tese de que cada um de nós é, ao mesmo tempo, potencialmente executor e vítima”. “História, psiquiatria e esquizofrenia. Estes são os eixos de um filme negro contemporâneo com um título-armadilha: Jerusalém não é a cidade onde a história decorre. Jerusalém é a cidade fantasma que assombra o espírito das personagens”, lê-se na página da fundação grega.

“Jerusalém”, romance sobre loucura, razão e crença publicado em 2004, é o terceiro volume da tetralogia “O Reino”, juntando-se a “Um Homem: Klaus Klump”, “A máquina de Joseph Walser” e “Aprender a Rezar na Era da Técnica”. Foi com aquele romance que Gonçalo M. Tavares venceu os prémios Ler 2004, José Saramago 2005, Ler/Millennium-BCP e Prémio Portugal Telecom de Literatura, ambos em 2007.

Em 2008, o texto foi transposto para o palco pelo Teatro o Bando, com encenação de João Brites, e no ano seguinte Gonçalo M. Tavares escreveu um libreto para uma ópera homónima, com música de Vasco Mendonça e encenação de Luís Miguel Cintra.

“Jerusalém” integrou a lista dos “1001 Livros para ler antes de morrer - um guia cronológico dos mais importantes romances de todos os tempos”.

Gonçalo M. Tavares, nascido em Angola em 1970, tem uma intensa produção literária desde 2001, que passa por diversos géneros, poesia, ensaio, uma epopeia, livros de contos e romances.

O escritor assinou recentemente o texto de “Two maybe more”, um espectáculo de Marco Martins, que está em cena em Lisboa.

NOVAS TRADUÇÕES DE “SE EU FOSSE UM LIVRO”

A obra «Se Eu Fosse Um Livro», com texto de José Jorge Letria e ilustrações de André Letria, editado pela Patológico, já se encontra traduzido em francês pela Joie de Lire, na Noruega pela Magikon Forlag, nos Estados Unidos da América pela Chronicle (a sair em 2014), na Coreia do Sul pela KooKmin Book e na Grécia pela Kaleidoscope (a editar em 2014), estando também editado no Brasil pela Globo. Este livro, uma das obras infantis portuguesas mais traduzidas de sempre, foi apresentado na Feira de Bolonha na Primavera de 2012, conforme noticiámos oportunamente na revista AUTORES. Os dois autores preparam novos títulos ainda para este ano e para a comemoração dos 40 anos do 25 de Abril, em 2014.

500 PESSOAS POR DIA VISITARAM CACILHEIRO DE JOANA VASCONCELOS EM BIENAL DE VENEZA

O cacilheiro “Trafaria Praia”, criado por Joana Vasconcelos para representar Portugal na Bienal de Arte de Veneza, recebeu cerca de 15.600 visitantes no primeiro mês do evento. O “Trafaria Praia” chegou a Veneza no final de Maio depois de duas semanas de viagem desde Lisboa. Lúcio Moura, do gabinete de comunicação da artista, disse na ocasião que o cacilheiro recebeu uma média de 500 visitantes diários. Entretanto, desde o passado dia 1 de Junho e até 24 de Novembro, de terça a domingo, das 10 às 18 horas, o “Trafaria Praia” poderá ser visitado no Pavilhão Atlântico, em Lisboa.

ANTOLOGIA POÉTICA DE PESSOA TRADUZIDA E PUBLICADA NA CHINA

A antologia de Fernando Pessoa compilada por Richard Zenith para a Penguin Classics, “A Little larger than the Entire Universe” (“Um pouco maior do que o Universo Inteiro”), foi traduzida e publicada na China. A notícia foi divulgada publicamente no dia 6 de Setembro.

“Pessoa é o melhor poeta moderno do século XX”, afirmou o tradutor chinês Wei Bai.

É o segundo livro de Pessoa lançado este verão na China, depois de um volume com os Poemas de Alberto Caeiro (um dos seus heterónimos)



publicado em Agosto, ilustrando a universalidade daquele poeta português. A antologia organizada por Richard Zenith saiu em 2006. A versão chinesa, com cerca de 470 páginas, foi publicada por uma editora de Xangai, integrada numa colecção que inclui o russo Boris Pasternak, o inglês D.H. Lawrence e outros autores europeus.

Richard Zenith, 57 anos, tradutor e investigador norte-americano radicado em Portugal desde 1987, ganhou, no ano passado, o Prémio Pessoa, um dos mais prestigiados do país, atribuído pelo semanário Expresso a personalidades do mundo artístico, literário e científico.

A primeira obra de Fernando Pessoa publicada na República Popular da China, em 1999, foi “O Livro do Desassossego”, traduzido a partir do inglês pelo romancista Han Shaogong.

Uma década depois, o livro já ia na quinta edição e inspirou o nome de um dos blogues mais populares da China, “Oitavo Continente”.

Lian Yue, o autor do blogue, retirou o nome da passagem do “Livro do Desassossego” que fala da “oitava partida” do mundo: “Não é nenhuma das sete partidas do mundo aquela que me interessa e posso verdadeiramente ver; a oitava partida é a que percorro e é a minha”, escreveu Pessoa. (Na tradução chinesa, a “oitava partida” é referida como “oitavo continente”).

“Pessoa e Kafka são dos escritores estrangeiros que mais admiro”, afirmou Lian Yue.

A professora Min Xuefei, que traduziu directamente do português os poemas de Alberto Caeiro, não tem dúvidas: “Pessoa é um autor universal”.

“Mostrei a tradução dos poemas de Alberto Caeiro a alguns poetas chineses e eles gostaram muito”, contou Min Xuefei à agência Lusa.

Há também uma tradução chinesa de “Mensagem”, feita por Jin Guoping e publicada pelo Instituto Cultural de Macau em 1986, treze anos antes de a administração do território passar para a China.

OBRA COMPLETA DE SARAMAGO EDITADA COM CHANCELA BRASILEIRA

A editora Companhia das Letras lançou na segunda semana de Agosto, em São Paulo, os livros “Memorial do Convento” e “Levantado do Chão” de José Saramago, Prémio Nobel Português da Literatura, um autor muito admirado e estudado nas universidades brasileiras. Estas duas obras de Saramago foram completar todas as já editadas por aquela chancela. Estiveram presentes no lançamento destes volumes Pilar del Rio, viúva do escritor e presidente da fundação com o seu nome, o Prémio Camões 2013, Mia Couto, e o Prémio Saramago 2011, Andréa del Fuego.

PORTUGUESES ACTUAM NO PRIMEIRO FESTIVAL DE FADO DO BRASIL

A primeira edição do Festival de Fado do Brasil decorreu na semana de 12 a 18 de Agosto, entre São Paulo e o Rio de Janeiro, marcando pontos para aquele género musical consagrado pela UNESCO como Património Imaterial da Humanidade. O festival culminou no Rio

com a actuação no sábado, dia 17, de Mariza e, no dia seguinte, de Ana Moura e António Zambujo (foto).

JOSÉ LUÍS PEIXOTO LEVA LITERATURA À FRONTEIRA ENTRE BRASIL E BOLÍVIA

José Luís Peixoto (foto), autor de “Nenhum Olhar”, foi convidado pelo Festival Latino-Americano de Cinema, que decorreu em Porto Velho (capital da Rondónia), em Agosto último, para efectuar um périplo de mais de duas semanas por 13 cidades, ao longo das duas margens do rio Guaporé, que demarca a fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Fazendo leituras e apresentações da sua obra, o escritor português deixou, em cada etapa do percurso, uma antologia de textos da sua autoria em português e em castelhano, intitulada, exactamente, “Um Poeta de Guaporé”.

“PHOTO” DE CARLOS SABOGA ESTREOU EM PARIS EM ABRIL

“Photo”, o primeiro filme realizado por Carlos Saboga, argumentista de dezenas de filmes, duas vezes galardoado com o Prémio do Melhor Argumento pela Sociedade Portuguesa de Autores, estreou a 10 de Abril passado em Paris.

Antigo jornalista na RFI, exilado político em França desde os anos 60, onde continua a residir, Carlos Saboga considera “menos atormentado o trabalho de realização do que a escrita”.

“Photo”, que estreou em Portugal em Maio, é inspirado num facto real e aborda pela primeira vez a questão ainda tabu em Portugal, dos assassínios políticos por traição, cometidos no seio de partidos de esquerda ou extrema-esquerda, ou como diz Carlos Saboga “o desencanto das pessoas que militaram sonhando com um mundo melhor, e acabaram por praticar actos que eles próprios condenaram”.

ANA MOURA ACTUOU NA TELEVISÃO BRITÂNICA E CANTOU “DEFADO”

A fadista portuguesa Ana Moura actuou, em directo, no passado dia 16 de Abril, no famoso programa “Later... with Jools Holland”, da BBC. A cantora interpretou o novo single, “A Case of You”, cujo vídeo estreou no dia 11 de Abril, e “Desfado”, o tema-título do seu mais recente disco, editado no final de 2012. A participação de Ana Moura no programa de Jools Holland aconteceu cinco meses depois de Luísa Sobral ter sido convidada pelo apresentador britânico.

O novo tema “A Case of You”, cantado em inglês, é uma versão do original de Joni Mitchell e “Desfado” foi distinguida no passado dia 25 de Fevereiro, na IV Gala SPA/RTP 2013, com o prémio de Melhor Canção de 2012 pela Sociedade Portuguesa de Autores.

O regresso da fadista ao Reino Unido incluiu ainda concertos em Londres, Southampton e Bury.

LUÍS VEIGA LEITÃO



POR

ANTÓNIO TAVARES-TELES

O PRIMEIRO POEMA que aprendi de cor – pelo menos um dos primeiros – foi “A uma bicicleta desenhada na cela”. Dizia: “Nesta parede que me veste / da cabeça aos pés, inteira / bem hajas, companheira / as viagens que me deste / Aqui, onde o dia é mal nascido / jamais me cansou / o rumo que deixou / o lápis que proibido... / Bendita a mão que te criou! / Olhos montados no teu selim / pedalei, atravessei e viajei / para além de mim”. Autor? Luís Veiga Leitão, hoje quase esquecido mas excelente poeta, e amigo do meu pai que, entre muitas outras dádivas, me fez duas, ambas inesquecíveis: o convívio com poetas e escritores seus amigos, e o gosto pela leitura, quer em prosa, quer em verso.

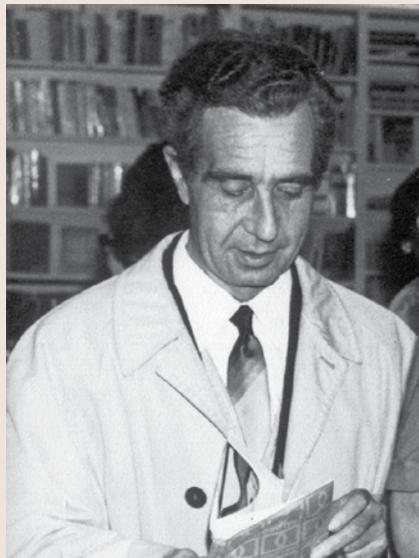
Nasceu em Moimenta da Beira, Beira-Alta já a caminho do Alto-Douro. Em 1912. Findo o curso liceal, ainda trabalhou como inspector da Brigada Cadastral dos Vinicultores da Região até ter sido demitido, em 1949 por razões políticas, dessas funções, ao mesmo tempo que a sua mulher – Maria Sofia – o era igualmente, e por iguais razões, dos CTT. Conheci-o por volta de 53-54, após ele ter estado preso em Caxias, já delegado de propaganda médica, uma ocupação que o levava, quantas vezes a pé – não tinha carro e só podia servir-se do comboio e das frequentemente decrépitas camionetas de carreira – sob a torreira do sol ou a chuva, por montes e vales, dono de um rosto parecendo talhado em pedra mas fisicamente frágil, e sofrendo com isso: calcorrear o Douro, de facto, não era fácil. Quando andava mais por perto do Pinhão, vinha jantar e pernoitar lá em casa, e era sempre, sempre um serão de boa conversa – literatura, poesia muito em particular, política, os amigos – o que, nos meus doze, treze anos me fazia, tal como ele, com a sua “bicicleta desenhada na cela”, viajar...

Da sua “estada” no forte de Caxias trouxe porém, alinhavado na cabeça, na emoção (mesmo contida), no desconforto, um notável livro de poemas que intitulou “Noite de Pedra”. Já tinha então, em 1950, publicado um outro – “Latitude”. Mas foi com essa “Noite de Pedra” que se instalou nas Antologias e que melhor aprendi a conhecê-lo como poeta, até como homem e – apesar de frágil, repito – como corajoso resistente. Que é o que tinha de ser quem não se vergasse ao regime, a Salazar, à Pide, à Censura, etc., etc. (Hoje é fácil falar disso, para muitos quase irrisório evocar sequer o antifascismo e a força, a determinação, o companheirismo e até a clandestinidade que isso implicou, com a polícia política e seus esbirros e bufos sempre à perna). Mas era, foi assim. E ser livre por dentro representava um bem imenso, um imenso dom, até um imenso prazer. Aliás, parafraseando o poeta: impérios que a liberdade (ou a vontade de ser livre) tece... Apesar do desconforto, do profundo desconforto: “No corredor, plantação de celas / pombas vêm, pombas voltam, a espaços / Digo

que os meus olhos vão com elas... / Mentira. E as pernas? E os braços?”. “Caneta, lápis, papel e lâmina de ponta de lua / um autómato do bolso me tirava... / Depois a minha mão ficou nua / da vestimenta que usava. / Mas deram-me uma tinta preta (nuvem negra de um fogo posto) / e meteram-me no tinteiro... / Na tinta, afago as mãos, o rosto / o meu corpo inteiro: / A força, o canto, a voz que encerra / ninguém, ninguém pode afogar / como as raízes da terra / e o fundo do mar”. Nem as pombas, que vêm e voltam a espaços...

Em 1967, foi viver para o Brasil onde, no início de 1969, acabei por encontrá-lo, após muitos anos sem nos vermos... No Rio de

Janeiro, no Centro Republicano com, entre muita gente, mas principalmente o Manuel Pedroso Marques, outro antifascista já com muitos anos de exílio, primeiro, na sequência do golpe de Beja de 61, refugiado na Embaixada do Brasil em Lisboa, depois em Paris e, mais tarde, no Rio, onde era editor na Expressão e Cultura. O Luís, esse, cada vez mais frágil fisicamente mas sem nunca perder um enorme vigor intelectual, lá ia mantendo tarefas variadas, porque é bem verdade que, nesse tempo, não era fácil sobreviver económica e financeiramente na (no entanto) apelidada de “Cidade Maravilhosa”! E, assim, foi redactor, pesquisador, bibliotecário, desenhador e, curiosamente, até autor em televisão de um programa sobre a moderna (de então, é claro) poesia portuguesa. Mas, sempre escrevendo, sempre desenhando (era um excelente desenhador), sempre viajando quando podia, tendo inclusive publicado, na Editora Achiamé, um livro – justamente “Livro de Andar e Ver” – de



viagens, ilustrado aqui e ali pela sua talentosa pena de tinta da China. Entrou-se porém, com a publicação do Acto N.º 5 – estávamos no mês de Dezembro de 1968, ainda em pleno governo de Costa e Silva – em ditadura feroz, plena, e as coisas pioraram tanto que decidi regressar à Europa, a Bruxelas. Pelo que só voltei a reencontrá-lo já por cá, após o 25 de Abril. De resto, tal como o Manuel Pedroso Marques, com quem ainda trabalhei por essa altura no Palácio Foz. Em 1977, Veiga Leitão fixou-se definitivamente no Porto, continuando a escrever – publicou “Linhas de Trópico”, assistiu à reedição de “Ciclo de Pedras” inicialmente editado em 1964 na prestigiosa colecção Poetas de Hoje, da Portugália, e viajou pela União Soviética, Suíça, Hungria, países escandinavos, Paris, é claro, tendo ainda publicado o “Livro da Paixão” (ilustrado pelo filho, o Luís António – grande medalhista – que assina Veiga Luís) – ao mesmo tempo que ia visitando o Brasil. O Brasil onde, em 1987, vítima de uma hemorragia cerebral, de repente morreu. Com 75 anos.

E assim, na chamada “voragem do tempo”, mais um grande amigo se foi.



artepartilhada

No Millennium, sempre acreditámos que a arte, enquanto manifestação cultural, deve ser fruída por toda a comunidade. É deste desígnio que nasce a “Arte Partilhada Millennium bcp”, uma iniciativa que visa levar a todo o país as obras reunidas ao longo dos anos. **Está convidado!**

100 ANOS DE ARTE PORTUGUESA NOS 100 ANOS DO MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

No âmbito da iniciativa “**Arte Partilhada**”, o Millennium bcp convida-o a visitar a exposição “100 Anos de Arte Portuguesa nos 100 anos do Museu Nacional de Machado de Castro”

ENTRADA GRATUITA

17 JULHO A 29 SETEMBRO - **COIMBRA**

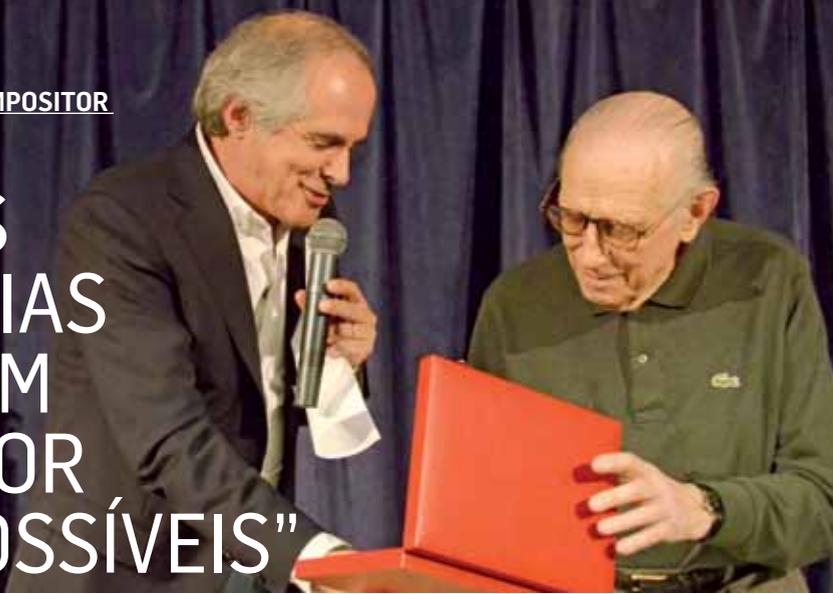
Museu Nacional de Machado de Castro

De 3ª a Domingo: 10h00 - 18h00

Millennium
bcp

MÁRIO MONIZ PEREIRA COMPOSITOR
HOMENAGEADO PELA SPA

CANÇÕES E MEMÓRIAS ENVOLVEM “VENCEDOR DOS IMPOSSÍVEIS”



QUINZE DIAS DEPOIS DE Pinto Balsemão lhe ter entregado o Prémio Mérito e Excelência na Gala da SIC, o professor Mário Moniz Pereira foi homenageado na SPA, essencialmente na sua qualidade de compositor, músico, letrista e cantor. No entanto, tanto amigos como admiradores que encheram o auditório maestro Frederico de Freitas, não puderam deixar de focar a sua faceta mais notória de grande treinador de campeões, respeitado por todo o mundo, e de cidadão “de corpo inteiro”.

Numa cerimónia que se pautou pela boa disposição, em particular do homenageado, sempre com mais uma curiosa história para relatar de entre o seu abrangente palmarés de 92 anos de vida, o tributo foi dado às canções de sua autoria e às inúmeras memórias deste homem que se considerou o “vencedor dos impossíveis”.

Além de ter começado a tocar apenas com um dedo e não saber nada de música – “tenho é um grande ouvido” – e com esse dom ter composto, tocado, cantado e continuar ainda a compor dezenas de canções bem conhecidas, Moniz Pereira justificou aquele epíteto, pelo qual gostaria de ser recordado, com um episódio que resumiu muito à sua maneira:

“Quando terminei o meu curso de professor de Educação Física no INEF, perguntaram-me qual era o meu objectivo e eu respondi que era treinar um dia um atleta que ganhasse uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos e

LIVRO INFANTIL DE JOSÉ JORGE LETRIA DISTINGUIDO NO BRASIL

O livro “Brincar com as Palavras”, de José Jorge Letria, com ilustrações de Sílvia Amstalden, lançado em Agosto do ano passado pela editora Peirópolis de São Paulo, foi distinguido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, como o mais importante lançamento de 2012 na área da Literatura de Língua Portuguesa para os mais jovens, o que lhe confere o título de “altamente recomendável” no que se refere aos programas nacionais de fomento da leitura naquele país. Esta distinção já antes fora atribuída ao livro “Avô, Conta Outra Vez”, de José Jorge Letria, com ilustrações de André Letria. O escritor, a comemorar em 2013 quatro décadas de vida literária, já fora distinguido nos anos noventa do século passado com o Prémio da Associação

Paulista de Críticos de Arte pelo livro “O Amigo Inventado”.

José Jorge Letria tem outros títulos em vias de publicação com a chancela da Peirópolis de São Paulo.

Foram também distinguidos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil o livro de poesia para crianças “Viagens às Terras de Portugal”, de José Santos, com ilustrações do português Afonso Cruz, e “Convite à Navegação: uma Conversa sobre Literatura Portuguesa”, de Susana Ventura, doutorada pela Universidade de São Paulo, com ilustrações de Sílvia Amstalden, ambos com a chancela da Peirópolis. De recordar que Susana Ventura, em Novembro do ano passado, foi convidada da SPA no âmbito das comemorações promovidas por esta instituição do centenário do nascimento do carismático escritor brasileiro Jorge Amado, inseridas no Ano Brasil-Portugal-Portugal-Brasil.

em gravação sonora: “Contentamento” (a sua primeira composição), uma declaração de amor a uma colega do INEF com quem acabou por casar, com letra e música sua, cantada por Lucília do Carmo; “Fado Varina”, com letra de Ary dos Santos, cantado por Carlos do Carmo; “Paixão”, com letra de Rosa Lobato de Faria, cantada por Fernando Tordo e tendo como guitarrista Mário Pacheco; “A Festa É de Lisboa”, com letra de Nuno Moniz Pereira, seu irmão, cantada por Teresa Siqueira; “Se Nós Soubéssemos”, com letra de Rosa Lobato de Faria, cantada por António Pinto Basto; e “O Gosto Não se Discute”, com letra de Fernando Tordo, cantada por Zé da Câmara. Todos os cantores aqui representados, à excepção, naturalmente, de Lucília do Carmo, recordaram histórias com Moniz Pereira e deram o seu contributo para o seu ainda maior reconhecimento público.

Na segunda parte, foram ainda ouvidas gravações de dois cantores ausentes - Maria da Fé e o espanhol Diogo Romero -, que interpretaram as suas versões da conhecida canção “Valeu a Pena”, com música e letra de Moniz Pereira.

Muito aplaudida foi ainda a surpresa feita, no final, pelo moderador da sessão e seu editor: a oferta e respectiva audição de um CD com a foto de Moniz Pereira na capa, a cantar, acompanhado ao piano pelo falecido maestro Pedro Osório. **EDITE ESTEVES**

FILME “A GAIOLA DOURADA” NOMEADO PARA PRÉMIO EUROPEU

O filme “A Gaiola Dourada”, do luso-francês Ruben Alves, é um dos nomeados para os Prémios de Cinema Europeu, que serão entregues em Dezembro na Alemanha.

“A Gaiola Dourada”, que se estreou em Portugal a 1 de Agosto, é um dos 11 filmes da categoria “prémio do público” cuja votação decorre desde 29 de Agosto, na página da internet dos European Film Awards [Prémios de Cinema Europeu].

O filme assinala a estreia de Ruben Alves na realização, um jovem luso-descendente que quis homenagear, brincando com os estereótipos, a comunidade portuguesa que emigrou para França a partir dos anos 1960.

“A Gaiola Dourada”, que foi rodado em Paris e

que o hino português fosse ouvido em todo o mundo. Disseram-me que isso era impossível. Demorou 39 anos a conseguir alcançar o meu objectivo, mas consegui. Portanto, ganhei aos impossíveis!”.

Tendo como apresentador da parte da SPA um director e grande especialista de música, Tozé Brito, que leu uma mensagem enviada pelo presidente, ausente em trabalho em Washington, e entregou uma placa a Mário Moniz Pereira como homenagem da cooperativa, coordenou a sessão o seu editor, Daniel Gouveia, também ele músico, ex-teclista no Quinteto Académico.

Entre memórias e depoimentos de muitos dos artistas, autores e compositores presentes, Daniel Gouveia escolheu seis temas todos compostos pelo homenageado, que foram ouvidos

parcialmente em Portugal, no Douro, tornou-se, de acordo com dados disponibilizados na página da internet do Instituto do Cinema e Audiovisual (ICA), no filme mais visto este ano nas salas portuguesas. Até 4 de Setembro – o filme estreou-se a 1 de Agosto -, “A Gaiola Dourada” já tinha sido visto por 467.082 espectadores.

Os Prémios de Cinema Europeu serão entregues a 7 de Dezembro, em Berlim. Os nomeados nas restantes categorias serão anunciados a 9 de Novembro no Festival de Cinema de Sevilha, Espanha.

JÓÃO CEITIL FOI O VENCEDOR DO PRÉMIO DE COMPOSIÇÃO SPA/ANTENA 2

João Ceitil, de seu nome completo João Vítor Silva Ceitil, de 29 anos, foi o vencedor da segunda edição do Prémio de Composição

["ESTOU MUITO ORGULHOSO POR VIR DO FAROL DA CULTURA EUROPEIA"](#)

ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA DISTINGUIDO COM ORDEM DE CAVALEIRO DAS ARTES E DAS LETRAS DE FRANÇA

O COMPOSITOR, MAESTRO, pianista e escritor António Victorino d'Almeida, membro da Direcção da SPA, recebeu a 26 de Junho a Grande Ordem das Artes e das Letras de França, grau máximo de Cavaleiro. "Fiquei muito honrado e orgulhoso de receber uma carta da senhora ministra da Cultura de França, Aurelie Filippetti, anunciando que fora contemplado com aquela distinção, que é, de facto, uma das importantes condecorações concedidas pela França às pessoas que se tenham distinguido pela causa da Cultura de uma forma abrangente em qualquer país, mas dirigido também a França", declarou a AUTORES o maestro, referindo textualmente o teor da carta.

Curiosamente, também a sua filha Maria de Medeiros já tinha sido distinguida com esta Ordem de França, para além de mais dois outros portugueses: o Nobel José Saramago e o editor Manuel Albino Valente. O Conselho da Ordem das Artes e das Letras é composto por 12 membros de direito, incluindo directores da Administração Geral do Ministério da Cultura, do Arquivo Nacional e de Museus de França e 13 membros designados pelo ministro.

"Vindo de França, acho muito importante – sublinhou -, porque, quanto a mim, a França sempre teve um papel indiscutível na cultura europeia. Não pretendo com isto atacar ninguém, mas este anglo-americanismo que existe só tem prejudicado a cultura europeia. As pessoas estão a perder as suas próprias origens. E a França continua a ser um farol na cultura europeia."

Para o maestro, o máximo projecto que tem, agora que já fez 72 anos, "é tornar conhecida a sua obra de compositor", porque, no fundo, é a menos conhecida. "Eu vivo num mundo surreal, porque sou muito mais conhecido por coisas a que atribuo uma importância muito menor. Por exemplo, os programas de televisão têm uns 15 por cento de importância na minha vida profissional."

Na sua opinião, "há todas as condições para que o compositor português até possa ter a sua obra tocada, simplesmente há forças que não querem, que são pessoas que não sabem música". Porque, explica, "quem manda na música não são músicos, são uns curiosos ou apaixonados. É evidente que tem de haver um contabilista, mas todo o critério de aproveitamento da criatividade, aproveitamento dos novos valores, recuperação dos velhos valores, tem de ser feito por verdadeiros músicos, que olhem para uma pauta e oiçam a música por estarem a lê-la".

A sua intervenção musical na abertura da 6.ª conferência anual do EUobserver, em Bruxelas em Novembro do ano passado, com a interpretação ao piano da obra de sua autoria inspirada n' "Os desastres de Guerra", de Goya, teve, em seu entender, muita importância a nível internacional. Houve muitas reacções escritas, segundo nos disse, mencionando o facto de "os presentes terem gostado de saber que há quem pense de uma forma progressista e com um conhecimento prático de causa".

No 10 de Junho de 2005, em Portugal, António Victorino d'Almeida foi feito Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique e na Áustria também recebeu a Ordem das Artes e das Ciências, depois de ter exercido, durante sete anos (1974-1981) as funções de adido cultural da Embaixada Portuguesa em Viena, sua cidade do coração; o cargo valeu-lhe aquela condecoração atribuída pelo Presidente da República da Áustria. **EDITE ESTEVES**

SPA/Antena 2, atribuído este ano. O júri, constituído pelo Maestro Pedro Neves (presidente) e pelos professores Carlos Azevedo e Carlos Caires, reunido a 11 de Agosto na ESMAE, deliberou por unanimidade atribuir o 1.º Prémio ao candidato com o pseudónimo "Ivy Borzoi" - João Vítor Silva Ceitil – pela sua obra "Prece Em". João Ceitil receberá um prémio pecuniário no valor de 1500 euros, mais um troféu e um diploma atribuídos pela SPA e ainda um prémio de formação Gulbenkian com estreia mundial no concerto de Gala PJM, que irá ser transmitido em directo na Antena 2 e na RTP 2. O júri desta edição atribuiu também uma Menção Honrosa ao candidato com o pseudónimo "Lego" - Daniel Tadeo da Mata - com a obra "A sair da Toca ...".

[FILME NORTE-AMERICANO "O MORDOMO" CANDIDATO A 7 ÓSCARES](#)

BANDA SONORA É DE RODRIGO LEÃO

Rodrigo Leão, o músico português que se tornou conhecido nas bandas Sétima Legião e Madredeus, cujo repertório a solo já foi muitas vezes descrito como "cinematográfico", poderá vir a estrear-se em Hollywood com um Óscar. O filme "O Mordomo", uma biografia dramática realizada pelo norte-americano Lee Daniels, com banda sonora da autoria do músico português e cooperador da SPA, é candidato a sete Óscares. A crítica internacional já afirmou que "a música de Rodrigo Leão pode ser considerada

uma das personagens do filme", o que lhe dá, à partida, expectativas fundadas. Rodrigo Leão compôs, recentemente, para as longas-metragens "O frágil som do meu motor", de Leonardo António, e para "A Gaiola Dourada", do luso-francês Ruben Alves. De acordo com a produtora Uguru, os premiados Quincy Jones e Alexandre Desplat tinham sido anteriormente designados para a composição da banda sonora de "O Mordomo", mas o convite acabou por recair em Rodrigo Leão. A carreira de Rodrigo Leão é singular e riquíssima, estando ligada a alguns dos mais importantes momentos da cena musical portuguesa pós-1980. Muitos admiradores e críticos classificam a sua música também como "mágica".

[HOMENAGEM A CECÍLIA GUIMARÃES](#)

"SÓ OS AUTORES E OS ARTISTAS UNIDOS PODERÃO ENFRENTAR ESTA CRISE"



CECÍLIA GUIMARÃES ERA toda ela uma "menina" bem comportada e impecavelmente vestida no seu estar e no seu ser, mas ainda assim rabina, audaz, de resposta pronta e desafio na pergunta. Imperturbável interveniente e atenta observadora aos mais pequenos pormenores à sua volta, com uma ponta de ironia no olhar miudinho e no sorriso, a actriz manteve-se ela mesma – uma trágico-cómica, como se definiu na homenagem que a SPA lhe promoveu, no passado dia 15 de Abril, no Auditório Maestro Frederico de Freitas. Centro das atenções da sessão em que a SPA, na pessoa do seu presidente, fez questão de celebrar o seu talento e agradecer a sua comunicação artística, para além da sua solidariedade, a distinguida actriz deu uma excelente lição de dignidade e de bem-fazer, ao longo de todo o tempo em que foi passado em vídeo parte importante do seu vasto repertório, quer no cinema – onde fez papéis muito dramáticos -, quer na televisão, e muito especialmente no teatro, onde a sua faceta cómica foi amplamente destacada.

"Embora não sendo autora, Cecília Guimarães tem estado sempre presente e solidária com todas as acções que a Sociedade Portuguesa de Autores vem organizando", justificou o presidente José Jorge Letria. "Só os autores e os artistas verdadeiramente unidos conseguirão enfrentar esta crise, em que a liberdade de expressão poderá até vir a ser posta em causa", adiantou.

Momento alto foi o da entrega pelo presidente da SPA de uma placa comemorativa da homenagem a Cecília Guimarães. O seu agradecimento em palco, num discurso que fez questão de ler sem microfone, fez justiça a todos os atributos que lhe conhecemos: breve, firme, lúcido e audaz q.b.. Dirigindo-se especialmente aos autores de que se intitulou "mais um dos modestos arautos da sua cultura", terminou, acentuando bem cada palavra e a mão ajustada em tom de desafio: "Mesmo sem Ministério da Cultura, a cultura não morrerá!" **EDITE ESTEVES**

Espólio de Rosa Lobato Faria doado à SPA pela sua família

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO da Sociedade Portuguesa de Autores comunicou oficialmente aos seus associados e cooperadores que “a família de Rosa Lobato Faria decidiu doar à SPA o espólio da autora”, que chegou a integrar a Mesa da Assembleia Geral da cooperativa e se destacou, de forma invulgar e largamente reconhecida, como ficcionista, poeta, dramaturga, letrista de canções e autora de textos para televisão.

Numa nota emitida no dia 26 de Abril, o órgão máximo da cooperativa confirmou que, com base nesse espólio será apresentada na SPA, no Outono, uma grande exposição sobre a vida e a obra da autora.

Recordando que Rosa Lobato Faria foi já distinguida a título póstumo com a Medalha de Honra da SPA e que o seu livro inédito “Alma Minha Gentil”, com posfácio de José Jorge Letria, foi apresentado na SPA, no passado dia 17 de Abril, conforme damos conta detalhada numa reportagem “postada” no Portal, os subscritores do comunicado adiantam que “está ainda prevista para este ano a publicação de um volume da Imprensa Nacional-



Casa da Moeda com a sua poesia inédita”.

“A Direcção e Administração da SPA não podem deixar de agradecer a honra que a doação deste espólio representa e de sublinhar a forma rara e exemplar como a família da escritora tem cuidado do seu legado, evitando que o esquecimento o atinja, como infelizmente tem acontecido com a memória material de tantos autores marcantes ao longo de décadas”, salienta o comunicado do Conselho de Administração da SPA. EE

NUNO JÚDICE GALARDOADO COM PRÉMIO RAINHA SOFIA

Com mais de quatro décadas de poemas e uma vasta obra literária, donde se destacam 30 títulos de poesia, Nuno Júdice foi distinguido, em Maio passado, com o Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana promovido pelo Património Nacional espanhol e pela Universidade de Salamanca, no valor de 42.100 euros. Este galardão, que visa sublinhar o contributo do autor no espaço de partilha cultural no mundo ibero-americano, foi desta feita atribuído a Nuno Júdice, passados dez anos sobre a sua entrega a Sophia de Mello Breyner, em 2003.

Nuno Júdice, de 64 anos, nascido no Algarve, surgiu com os primeiros livros “A Noção de Poema” e “O Pavão Sonoro” em 1972, sendo igualmente de destacar os seus trabalhos no domínio da ficção e do ensaio.

O júri de 18 individualidades, entre as quais os escritores portugueses António Lobo Antunes e José Manuel Mendes, assinalou a poesia depurada de Nuno Júdice, o modo como nela se compromete o “classicismo”, o imaginário e o real. Entretanto, no plano nacional, o escritor, que é professor associado da Universidade Nova de Lisboa, onde se doutorou em 1989, já foi galardoado com vários prémios literários, nomeadamente o Prémio Pen Clube, em 1985, o Prémio Dom Dinis, em 1990, o Prémio da Associação Portuguesa de Escritores, em 1995, e o Prémio Fernando Namora, em 2004.

LUÍS DE MATOS DISTINGUIDO COMO MELHOR MÁGICO DA DÉCADA



O ILUSIONISTA LUÍS DE MATOS recebeu, no passado dia 10 de Abril, em Coimbra, o “Merlin Award” para melhor mágico da década, que lhe foi atribuído recentemente pela International Magicians Society (IMS).

Segundo uma nota de imprensa, com o prémio Merlin “Illusionist of the Decade” esta associação internacional “pretende homenagear o mágico que mais se destacou,

a nível mundial, no conjunto de trabalhos desenvolvidos no período de 2000 a 2010”.

“Luís de Matos, doze anos depois, volta a receber um ‘Merlin Award’. A sua primeira distinção pela International Magicians Society aconteceu em 1998, na categoria de ‘close-up’, em consequência do espectáculo então escrito, dirigido e protagonizado para a Expo’98”, refere o comunicado.

O prémio, uma estatueta, foi entregue ao mágico de Coimbra pelo fundador da IMS, Tony Hassini, numa cerimónia marcada para a Quinta das Lágrimas.

Luís de Matos foi também um dos três mágicos do mundo distinguidos este ano, em Itália, com os prémios Golden Grolla.

Luís de Matos recebeu o galardão em Saint-Vincent, numa cerimónia em que também foram agraciados os mágicos Lu Chen e Dynamo, da China e do Reino Unido, respectivamente. “Trata-se de um prémio instituído, em 1953, com o objectivo de distinguir profissionais em áreas tão diversas como o cinema, a televisão, o jornalismo, a música e a magia”, salientou o mágico português, ao congratular-se com mais uma distinção internacional no momento em que comemora 25 anos de carreira.

VASCO GRAÇA MOURA RECEBEU PRÉMIO MORGADO DE MATEUS

O escritor Vasco Graça Moura recebeu no dia 21 de Setembro, na Casa Mateus, em Vila Real, o Prémio Morgado de Mateus 2013, galardão criado pela Fundação Casa de Mateus em 1980 para distinguir o conjunto da obra de um autor. O prémio foi anunciado a 26 de Junho pela instituição e, na altura, o escritor disse ter sentido “grande surpresa e grande contentamento” com a atribuição deste galardão pela Fundação da Casa de Mateus.

“Não contava, de todo, com o prémio, mas é muito gratificante”, disse nessa ocasião o autor, referindo que teve uma longa ligação à Fundação Casa de Mateus e que este prémio é uma espécie de “chave de ouro” a encerrar essa relação.

O Prémio Morgado de Mateus foi instituído em 1980, ano em que foi atribuído ex-aequo a Miguel Torga e Carlos Drummond de Andrade, e não voltou a ser entregue, até este ano.

“Durante anos e anos, tive uma ligação ao trabalho da Fundação e do próprio Prémio D. Dinis, a cujo júri pertenci. Este Prémio Morgado de Mateus foi recriado, julgo eu, para remate de um ciclo”, apontou o escritor, de 71 anos, nascido no Porto. O júri do Prémio Morgado de Mateus 2013 foi constituído por Eduardo Lourenço, Vítor Aguiar Silva e Nuno Júdice, e atribuiu-o, por unanimidade, a Vasco Graça Moura pelo conjunto da sua obra. Vasco Graça Moura, escritor, tradutor, ensaísta e actual presidente do Centro Cultural de Belém, recebeu anteriormente, entre outras distinções, a Ordem de Santiago da Espada, o Prémio Pessoa, o Prémio Vergílio Ferreira e o Prémio de Tradução 2007 do Ministério da Cultura de Itália.

PLANETA TANGERINA ELEITA EM BOLONHA A MELHOR EDITORA EUROPEIA DE LIVROS PARA A INFÂNCIA

Planeta Tangerina foi eleita a melhor editora europeia de livros para a infância na Feira do Livro Infantil de Bolonha, numa cerimónia que decorreu no passado dia 26 de Março.

Intitulado BOP, o prémio não monetário criado para assinalar os 50 anos da feira, o mais importante espaço internacional de divulgação e negócio deste sector da edição, pretende homenagear as melhores editoras mundiais — as que, segundo a organização, “estão na linha da frente da inovação na literatura para a infância” e que se destacaram pelas suas escolhas editoriais ao longo do ano anterior à feira., sendo as escolhas feitas em votação entre pares.

Na secção dedicada à Europa, a Planeta Tangerina estava nomeada com a francesa Editions Thierry Magnier, a checa Baobab, a italiana Edizioni EL e a alemã Beltz & Goldberg. Em Bolonha, a Planeta Tangerina conquistou ainda uma menção especial na categoria de primeira obra com o livro “A Ilha”, de João Gomes de Abreu e Yara Kono.

A editora esteve também nomeada, pela segunda vez consecutiva, para o prémio sueco Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA), no valor de 500 mil euros, que foi atribuído à ilustradora e escritora argentina Marisol Misenta (Isol, como assina os seus livros).

SPA ASSEGURA EM GENEBRA APOIO DA OMPI (ONU) PARA PROJECTO ESTRATÉGICO DE COOPERAÇÃO NO ESPAÇO LUSÓFONO



A coordenação do projecto de cooperação que irá envolver a OMPI estará a cargo de Ana Paula Cunha, assessora da Administração e directora do Departamento de Planeamento Estratégico e Gestão Financeira da SPA

A ADMINISTRAÇÃO DA SPA assegurou, em Genebra, na Suíça, nos dias 29 e 30 de Julho, “o apoio da OMPI (Organização Mundial da Propriedade Intelectual) para a concretização a médio e a longo prazo de um conjunto de projectos, no âmbito do espaço lusófono”, que permitirão levar por diante “ações concretas de promoção e formação na área do direito de autor, iniciativas de apoio às estruturas existentes nesse espaço e ainda de criação de novos modelos de relacionamento e de negócio que poderão envolver a área da informática, domínio em que a nossa cooperativa se encontra já devidamente apetrechada”. De acordo com um comunicado divulgado pelo Conselho de Administração da SPA no dia 2 de Agosto, “esses projectos deverão ter incidência prioritária em países como Angola e Timor Leste”, para além de outros que têm vindo a participar activamente, desde 2009, no projecto dos Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores, com edições já realizadas em Lisboa, Rio de Janeiro e Maputo, conforme temos vindo a noticiar na AUTORES.

A delegação da SPA, chefiada pelo presidente da cooperativa, realizou reuniões com os mais destacados directores de departamento da OMPI, agência das Nações Unidas, sediada em Genebra e que tem um quadro de cerca de 1300 funcionários, com presença e representatividade em todos os continentes. A representação da SPA reuniu-se, igualmente, com o Dr. Trevor Clarke, director-geral adjunto da OMPI, que “manifestou um particular e fundamentado interesse pelo projecto estratégico de cooperação e desenvolvimento apresentado pela SPA, tendo manifestado o seu apoio à ideia de que as sociedades de autores, em tempo de crise, deverão encontrar novas vias de crescimento, expansão e desenvolvimento que as tornem mais competitivas, credíveis e transparentes”. “A SPA foi apresentada, nesse quadro, como um exemplo de estabilidade, unidade interna dos autores e credibilidade junto deles e da opinião pública”, salientou José Jorge Letria.

A SPA não pode deixar de se congratular com a forma calorosa, interessada e solidária como a estrutura directiva da OMPI recebeu os seus representantes e deixou as portas abertas

para uma activa cooperação futura que poderá ter, muito em breve, expressão em Timor Leste, país que solicitou à SPA apoio na criação, a curto prazo, de legislação moderna para a área do direito de autor.

PROPOSTA CONCRETA COM TIMOR JÁ ESTABELECIDA

“Esta foi uma diligência que foi feita há uns três anos, no sentido de nos pormos à disposição de Timor Leste para ajudarmos a instalar uma sociedade de autores lá e veio finalmente uma carta da Secretaria de Estado da Cultura e das Artes em Timor a pedir apoio à SPA para duas coisas: a criação de legislação para a defesa dos Direitos de Autor, no fundo, um Código de Direito de Autor, e depois para o processo de instalação de uma sociedade de autores timorense”, explicou à AUTORES o presidente da SPA, adiantando que esta instituição já deu resposta, dizendo que “estamos naturalmente interessados”.

A OMPI ficará, portanto, na posse de uma proposta concreta de cooperação e também do esboço de um protocolo que constituirá o suporte do amplo processo que está prestes a ser iniciado.

“Não se trata de um investimento de retorno financeiro – anotou -, trata-se sim de um investimento cultural e solidário à semelhança do que fizemos com parte das sociedades africanas no final dos anos 70, princípio dos anos 80, a seguir à descolonização, e agora vamos tentar fazer o mesmo com Timor, o que naturalmente tem vantagens, porque Timor ficará muito mais alinhada com o conceito de direito de autor que nós praticamos e que é o da Europa, do que propriamente o conceito de ‘copyright’, que é o conceito dominante anglo-saxónico e que está na Austrália e na Nova Zelândia neste momento.”



José Jorge Letria confirmou que, para que o projecto com Timor se concretize, haverá alguém que irá para lá uns meses para tratar destes dois objectivos. Ainda em Genebra, a representação da SPA esteve reunida com o Dr. Gadi Oron, responsável por toda a área jurídica e de estratégia global da CISAC (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores), que manifestou também o seu apoio e da estrutura directiva que integra ao projecto de cooperação e desenvolvimento apresentado pela SPA, cuja visão de futuro e estabilidade interna fez questão de elogiar. O presidente da SPA, José Jorge Letria, “analisou ainda com o Dr. Gadi Oron a situação complexa que vivem, no momento presente, as sociedades de autores de Espanha e do Brasil, tendo ambos manifestado o desejo de que essa situação de crise seja superada e que sociedades com essa dimensão e importância mundial continuem a ser referências credíveis para o combate internacional em defesa do direito de autor”.

O Dr. Gadi Oron sublinhou, igualmente, a importância da continuidade, já este ano, dos Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores (ELUSA), que considerou fundamentais para a afirmação e consolidação do espaço lusófono dentro da CISAC. A coordenação do projecto de cooperação que irá envolver a OMPI estará a cargo de Ana Paula Cunha, assessora da Administração e directora do Departamento de Planeamento Estratégico e Gestão Financeira da SPA. EE

CIADLV DEFINE EM PARIS NOVOS RUMOS PARA O FUTURO

A análise da situação internacional do direito de autor foi um dos pontos principais focados na reunião do Comité Executivo do Conselho Internacional de Autores Dramáticos e Audiovisuais (CIDLV), efectuada no passado dia 9 de Julho, em Paris, na qual participou o presidente da SPA, José Jorge Letria, membro eleito daquela estrutura executiva.

De acordo com um comunicado datado de 15 de Julho, o Conselho de Administração informou os seus associados e cooperantes que, naquela reunião foi feito também o balanço da Cimeira Mundial de Autores, que decorreu em Washington, no princípio de Junho, conforme noticiamos detalhadamente nesta edição, e preparada a assembleia-geral do CIADLV, marcada para Outubro próximo em Amesterdão.

Ainda durante a reunião foi discutido o papel a desempenhar pelo Comité para a Política Estratégica Global, a ser instalado pela estrutura directiva da CISAC. “Ao presidente da SPA foram atribuídas tarefas relacionadas com uma desejável presença mais forte e regular dos países africanos lusófonos e do Brasil na vida do CIADLV”, conclui a nota, indo ao encontro de um desejo formulado já várias vezes por José Jorge Letria.

SPA SOLIDÁRIA COM AS CONGÉNERES BRASILEIRAS

Informada acerca da preocupante situação que as sociedades de autores brasileiras enfrentam neste momento devido ao modo como os decisores políticos nacionais estão a pôr em causa a gestão colectiva e os direitos dos autores daquele país, “a Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores manifestou, entretanto, a sua incondicional solidariedade com as suas congéneres brasileiras, cuja acção positiva e inquestionável representatividade sublinha”, “apelando a Sua Excelência a Presidente do Brasil no sentido de que sejam travadas medidas de carácter legislativo que prejudiquem ainda mais gravemente os autores de diversas disciplinas, as estruturas que os representam e a própria cultura brasileira”.

Numa nota conjunta da Direcção e do Conselho de Administração, datada de 16 de Julho, a SPA refere uma decisão do Senado, do passado dia 3 de Julho, que propõe a interferência estatal na gestão colectiva em todo o território brasileiro, “o que pode mesmo conduzir à extinção do ECAD e das sociedades de autores nacionais”.

ACÓRDÃO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA EUROPEU DÁ RAZÃO À SPA NO RECURSO INTERPOSTO DA DECISÃO DA COMISSÃO EUROPEIA DE 2008

A SPA ACOLHEU com muita satisfação a decisão proferida pelo Tribunal de Justiça da União Europeia no chamado Caso CISAC, publicada no passado dia 12 de Abril de 2013. A decisão deve ser considerada como uma grande vitória da CISAC e das sociedades europeias seus membros que, afectadas por uma decisão da Comissão Europeia de 2008, que as considerava envolvidas numa prática concertada restritiva da concorrência, decidiram interpor recurso dessa decisão.

O acórdão do Tribunal rejeita firmemente as alegações da Comissão, sustentando as suas conclusões nos argumentos apresentados pela CISAC e pelas sociedades recorrentes (entre elas, naturalmente, a SPA). Na sua decisão de 2008, a Comissão Europeia alegava que a existência de restrições territoriais idênticas nos contratos de representação recíproca celebrados entre as sociedades de gestão europeias era o resultado de uma coordenação ilegal que violava as leis de concorrência da União Europeia.

Os principais argumentos avançados contra esta decisão, pela CISAC e pelas sociedades recorrentes, basearam-se na falta de apresentação de provas nas quais as alegações da Comissão pudessem encontrar apoio. Ou seja, defendeu-se não haver quaisquer provas da concertação que a Comissão alegava existir. Foi, também, defendido que a inclusão de restrições territoriais nos contratos de representação recíproca é apenas justificada por razões lógicas, de senso comum, relacionadas com a eficácia da gestão do direito de autor em diferentes territórios; e que a existência de restrições idênticas nos diferentes contratos não era o resultado de nenhum tipo de concertação, mas sim fruto de uma decisão independente de cada sociedade.

O Tribunal acolheu ambos os argumentos.

O Tribunal aceitou que, enquanto a Comissão apenas colocava em questão as restrições territoriais relativas a três formas de exploração – internet, satélite e cabo – o Contrato-Tipo CISAC e os contratos de representação recíproca que o tomavam como modelo já estavam em

vigor muitos anos antes daquelas tecnologias se terem desenvolvido. A chegada de novas tecnologias não pode automaticamente tornar as estruturas de gestão colectiva existentes em práticas anti-concorrenciais. O Tribunal aceitou, igualmente, que as sociedades tinham muito boas razões para mandar apenas uma sociedade com presença local em cada um dos territórios estrangeiros. Entre as justificações lógicas para mandar apenas uma sociedade por território, o Tribunal deu particular relevo à necessidade de assegurar que os direitos dos membros de uma sociedade sejam adequadamente protegidos e defendidos. Ao fazê-lo o Tribunal adoptou o argumento apresentado de que é perfeitamente lógico que uma sociedade estabeleça os limites territoriais dos mandatos que confere, e que designe como sua mandatária, para cada país, a sociedade local, dado ser esta a que terá um maior conhecimento, competência e capacidade de contactar os usuários e monitorizar qualquer utilização não autorizada no seu mercado.

Deverá também ser sublinhado que o Tribunal admitiu haver legítimas razões para que uma sociedade não queira entrar em concorrência no que diz respeito aos direitos dos seus membros num determinado território. Ao fazê-lo, o Tribunal abriu a porta para o desenvolvimento de novos modelos de licenciamento multiterritorial.

Com base na análise efectuada, o Tribunal anulou a parte da decisão da Comissão Europeia relativa às “práticas concertadas respeitantes às restrições territoriais” nos contratos de representação recíproca. As restantes partes da Decisão de 2008 diziam respeito às cláusulas de adesão dos membros às sociedades e às cláusulas de exclusividade dos mandatos conferidos reciprocamente entre as sociedades incluídas no Contrato-Tipo CISAC. Estas partes da Decisão não foram objecto de recurso, na medida em que a CISAC e as sociedades seus membros já tinham dado uma resposta satisfatória a todas as objecções da Comissão, através da alteração do Contrato-Tipo CISAC e dos contratos de representação recíproca que o tomavam como modelo, muito antes de ter sido anunciada a decisão de 2008.

A SPA E O MINISTÉRIO DA CULTURA DE ANGOLA VÃO CONCRETIZAR PLANO DE COOPERAÇÃO

O presidente da SPA, José Jorge Letria, acompanhado pelo administrador Tozé Brito e pelas dirigentes Paula Cunha e Vanda Guerra, recebeu o Dr. Helder Epalanga, director da Direcção Nacional dos Direitos Autorais de Angola, com quem “foram analisados aspectos relacionados com acções de formação e de organização a desenvolver naquele país lusófono, assim como a possibilidade de o sistema informático actualmente utilizado pela SPA vir a ser utilizado em Angola no processo de gestão colectiva do Direito de Autor”. Como resultado desta reunião, segundo informa um comunicado de 7 de Junho assinado pelo Conselho de Administração da SPA, “irá ser elaborado um abrangente protocolo de cooperação cujas vertentes poderão começar a ter concretização ainda este ano”. Por intermédio do Dr. Helder Epalanga, o presidente da SPA transmitiu à Ministra da Cultura de Angola “a disponibilidade da SPA para se envolver activamente neste projecto de cooperação e contribuir para uma mais ampla

internacionalização dos autores e repertórios angolanos, bem como para uma maior visibilidade das suas estruturas de gestão colectiva nos fóruns internacionais em que a SPA está representada e desempenha, em alguns casos, funções executivas”, adianta a nota.

COMITÉ EUROPEU DA CISAC REUNIU-SE EM BRATISLAVA COM A SPA PRESENTE E O CENÁRIO DA CRISE EM FUNDO

Dezenas de dirigentes de sociedades de autores de toda a Europa participaram nos dias 23 e 24 de Abril em Bratislava, capital da Eslováquia, no Comité Europeu da CISAC. A SPA esteve representada pelo seu presidente, José Jorge Letria, e pela directora do Departamento de Relações Internacionais, Dr^a Vanda Guerra. Uma nota do Conselho de Administração da SPA, datada de 30 de Abril, informou que, durante dois dias foram discutidos temas como as posições da Comissão Europeia em relação aos autores e às sociedades que os representam, a acção da Organização Mundial

da Propriedade Intelectual (OMPI), em relação ao Direito de Autor, o papel da Google e do Spotify, representados por dirigentes para Europa, a relação dos direitos de autor com os direitos conexos, o modo como a crise europeia afecta crescentemente este sector, a situação dos criadores num mundo cada vez mais globalizado e ainda aspectos relacionados com a cópia privada e o com o combate à pirataria. Como declarou o presidente do Comité Europeu, “são cada vez em menor número as boas notícias, mas até por isso devemos estar mobilizados e unidos”. Os representantes da Sociedade Portuguesa de Autores no comité adiantaram que “foi genericamente salientado e reconhecido que as sociedades europeias e de todo o mundo vivem um período de profunda transformação e nunca como hoje enfrentaram tantas dificuldades e ameaças, o que exige que os criadores cerrem fileiras em torno das estruturas que o representam e participem cada vez

mais na vida das suas sociedades, não se limitando a verificar se as distribuições são regulares, transparentes e justas”. Na verdade, o diagnóstico feito em Bratislava sobre as dificuldades que o Direito de Autor enfrenta não deixa antever um cenário estável e positivo para os próximos anos.

Entretanto, um estudo apresentado pela SGAE, de Espanha, demonstra que a proporção média na Europa entre direitos de autor e direitos conexos é de 75% - 25% favorável aos primeiros, média que em Portugal está longe de ser alcançada, apesar dos esforços da SPA, que se bate pela valorização do direito de autor enquanto direito primário, acrescenta a nota.

Nesta reunião de Bratislava foi aprovado por unanimidade o relatório do Comité Europeu de Lisboa, que decorreu em Abril do ano passado com assinalável êxito, tendo a SPA como anfitriã. Foi ainda aprovada a decisão de se realizar a reunião do Comité Europeu, em Abril do próximo ano, em Viena de Áustria.



NUM ESFORÇO DE VALORIZAÇÃO DAS ARTES VISUAIS

VICE-PRESIDENTE DA CISAC E PRESIDENTE DA EVA RECEBIDO PELA ADMINISTRAÇÃO DA SPA

A administração da SPA recebeu, no passado dia 3 de Julho, Javier Gutiérrez, vice-presidente da CISAC, presidente da EVA (European Visual Artists) e responsável máximo pela VEGAP, sociedade que, em Espanha, efectua a gestão dos direitos dos criadores visuais, desde a pintura à fotografia, passando pela ilustração e por outras áreas deste domínio artístico. Num comunicado divulgado a 8 de Junho, o Conselho de Administração da SPA informou que foi analisada com Javier Gutiérrez "a possível adesão da SPA ao Banco de Imagens criado pela VEGAP e outras formas de cooperação de curto e médio prazo que podem contribuir para fortalecer o sector das artes visuais dentro da cooperativa e para uma condigna divulgação internacional da obra dos artistas portugueses, com a correspondente e indispensável defesa dos seus direitos".

Na reunião participaram, para além do presidente da SPA, José Jorge Letria, o administrador José da Ponte e as directoras de departamento Vanda Guerra e Ana Rita Duarte. O presidente da SPA e o vice-presidente da CISAC dialogaram ainda sobre a situação internacional do direito de autor, matéria sobre a qual trocaram também impressões na recente Cimeira Mundial de Autores, realizada em Washington. Esta reunião com Javier Gutiérrez integrou-se no esforço de valorização do sector das Artes Visuais na SPA.

PRESENTE NA CIMEIRA MUNDIAL DE AUTORES E NAS ASSEMBLEIAS DA CISAC E DO BIEM EM WASHINGTON

SPA REFERIDA COMO EXEMPLO DE ESTABILIDADE E DE PRESENÇA PRESTIGIANTE NO ESPAÇO MEDIÁTICO

UMA DELEGAÇÃO DA SPA constituída pelo seu presidente, José Jorge Letria, e pela directora do departamento de Relações Internacionais, Vanda Guerra, participou em Washington, entre 4 e 7 de Junho, na Cimeira Mundial de Autores, e nas assembleias-gerais da CISAC e do BIEM, para além de ter realizado reuniões bilaterais e multilaterais com outras sociedades e entidades. Para grande honra dos representantes da Sociedade Portuguesa de Autores, "a SPA foi referida neste importante encontro em Washington por várias sociedades de autores como exemplo de estabilidade e de presença prestigiante no espaço mediático".

Em todas as reuniões plenárias que decorreram na capital norte-americana, esteve presente a crise que afecta o direito de autor e as indústrias culturais, todos eles com consequências nefastas pela ausência de legislação que proteja os criadores das várias disciplinas e dignifique as estruturas que os representam.

"Na Cimeira Mundial de Autores que juntou cerca de 700 criadores, dirigentes de sociedades de vários continentes e representantes da indústria, dos media e sobretudo das novas tecnologias da comunicação, foi possível manter um debate aberto e franco e harmonizar algumas posições em conflito", segundo um comunicado do Conselho de Administração da SPA, datado de 12 de Junho, o qual destaca, entre muitas outras, a intervenção de Paul Williams, compositor famoso já distinguido com um Óscar da Academia e presidente da ASCAP, do compositor Jean-Michel Jarre, eleito em Washington presidente da CISAC, e ainda das ex-ministras da Cultura do Brasil e do Peru, respectivamente, Ana de Hollanda e Susana Baca. Para além disso, os representantes da SPA mantiveram

reuniões com dirigentes de diversas sociedades de autores, com estruturas que as agrupam na área das novas tecnologias, com o presidente do Comité Africano da CISAC e com as sociedades de autores brasileiras, "tendo esta reunião sido das mais relevantes em termos de futuro", conforme salienta a administração da sociedade de autores portuguesa e ratificou à AUTORES o seu presidente, José Jorge Letria. Com os dirigentes das sociedades brasileiras "foi nomeadamente discutido o futuro dos Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores, cuja edição deste ano deveria decorrer em Luanda", nada estando, no entanto, definido a esse respeito até à data, adianta a nota.

No período de quatro dias de trabalhos intensos, decorreu, igualmente, um encontro com José Macarro, novo responsável na CISAC por toda a área da Informática e que foi um quadro importante nesta área na SGAE, a sociedade espanhola que coordenou o trabalho de modernização do novo sistema informático da SPA. Para grande satisfação e honra dos representantes da SPA, o comunicado dá conta de que, "em Washington, várias sociedades apontaram a SPA como um referencial de estabilidade interna, de capacidade de resistência à crise e ainda como um exemplo da forma mais digna e eficaz de uma sociedade de gestão colectiva de direito de autor estar no espaço mediático, designadamente na televisão e na rádio, com todo o prestígio e credibilidade que essa presença confere aos autores e a quem os representa".

A CISAC, que se encontra em fase de reestruturação profunda, aprovou em Washington o seu novo organograma e apontou para Londres a realização da sua Assembleia-Geral, em 2014.

SPA DENUNCIA EM BRUXELAS IMPASSE DA CÓPIA PRIVADA E RECOLHE APOIO DAS SOCIEDADES CONGÉNERES EUROPEIAS

A evolução negativa da situação da legislação sobre a Cópia Privada em vários países foi um dos temas centrais das reuniões da Direcção e da Assembleia Geral do Grupo Europeu das Sociedades de Autores (GESAC) que decorreram em Bruxelas nos dias 10 e 11 de Abril. O presidente da SPA, José Jorge Letria, informou sobre "o impasse da proposta de Lei da Cópia Privada e da decisão da AGECOP, a que a SPA preside, de processar o Estado Português devido às consequências desta inércia legislativa". Informou, igualmente, que está em marcha a criação de uma plataforma de expressão e dimensão nacionais para exigir ao governo a adopção urgente de medidas antipirataria. Para ambas as iniciativas foi assegurado ao presidente da SPA o apoio da do GESAC. Recorde-se que a SPA é membro da Direcção

desta estrutura europeia, estando nela representada pelo seu presidente.

De acordo com um comunicado do Conselho de Administração de 12 de Abril, nestas duas reuniões, em que também participou a Directora do Departamento de Relações Internacionais, Vanda Guerra, "foram dadas informações relevantes sobre as posições crescentemente desfavoráveis da Comissão Europeia em relação aos autores e aos seus direitos, tendo sido apresentado como exemplo dessa atitude, o parecer do ex-comissário europeu António Vitorino sobre a Directiva da Cópia Privada". O seu parecer foi mesmo classificado por um dirigente do GESAC como "pouco democrático, opaco e altamente desfavorável aos autores". O presidente da SPA, depois de ter caracterizado a situação europeia como a mais grave de sempre, propôs "medidas urgentes de mobilização dos autores de vários países, devidamente informados e preparados para poderem defender os seus direitos de uma forma eficaz e justa".

O presidente da SPA apelou à unidade de

todas as sociedades de autores europeias, presentes de forma muito expressiva em Bruxelas, para conseguirem resistir a este tempo de adversidade que tão negativamente se reflecte também na vida das sociedades de autores e dos criadores. "Este é um tempo de luta e de mobilização, para que os governantes e a opinião pública percebam que estão a lesar gravemente a vida cultural dos seus países e a pôr o futuro em causa", afirmou José Jorge Letria.

Durante esta assembleia geral, foram ainda analisadas as relações entre o GESAC e a CISAC e a presença das sociedades europeias na Cimeira Mundial de Autores em Washington, em Junho.

A convite da Direcção do GESAC, esteve presente na reunião Maria Martin-Pratt, directora-geral do Direito de Autor na Comissão Europeia, "tendo as sociedades presentes encarado com muita apreensão as posições anunciadas por aquela dirigente comunitária em relação ao futuro do direito de autor na Europa".



**PROFUNDO PESAR DA SPA PELA MORTE DO “ESCRITOR NOTÁVEL,
GRANDE COMBATENTE PELA LIBERDADE E COOPERADOR DEDICADO”**

O MANDATÁRIO DA LISTA ÚNICA APRESENTADA EM 2010 SOB O LEMA “UNIR OS AUTORES, GARANTIR O FUTURO”

A DIRECÇÃO E O CONSELHO de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores manifestam o seu mais profundo pesar pelo falecimento de Urbano Tavares Rodrigues, escritor notável e plurifacetado, grande combatente pela liberdade e cooperador dedicado da SPA cujos processos de transformação e modernização operados nos últimos anos apoiou com entusiasmo. Recorde-se, aliás, que Urbano Tavares Rodrigues foi o mandatário da lista única que se apresentou no acto eleitoral de 2010, sob o lema “Unir os autores, garantir o futuro”.

Autor de uma obra muito extensa que inclui, destacadamente, a ficção narrativa, mas também o ensaio, o teatro, os livros de viagens, textos memorialísticos e a própria poesia, Urbano Tavares Rodrigues foi, igualmente, um académico brilhante na Faculdade de Letras de Lisboa, à qual só pôde regressar após o derrube da ditadura em 25 de Abril de 1974. A sua tese de doutoramento sobre a obra e vida do escritor e Presidente da República Manuel Teixeira Gomes, permanece como uma referência do nosso ensaísmo literário contemporâneo.

Urbano Tavares Rodrigues foi também um jornalista brilhante em jornais como Diário de Lisboa e O Século onde, durante anos, se destacou como um respeitado e influente crítico de teatro.

Ao longo de mais de sessenta anos de vida literária e cívica, Urbano Tavares Rodrigues afirmou-se sempre como um homem generoso e solidário, com uma rara capacidade de fazer amigos, como um corajoso militante político nas fileiras do PCP, com várias passagens pelas prisões da ditadura, e ainda como um intelectual sempre atento ao despontar de novos valores e talentos literários que apoiou com entusiasmo e generosidade. Nos últimos anos, continuando sempre a trabalhar incansavelmente apesar das restrições que a saúde lhe impunha, Urbano Tavares Rodrigues publicou vários livros e manteve uma colaboração activa com a SPA, que se traduziu na publicação do

seu pequeno ensaio “O Acto Criador”, editado em parceria com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, na publicação de “Noites de Teatro”, colectânea das suas críticas de teatro, na reedição da sua peça de teatro “As Torres Milenárias” e ainda na preparação de uma colectânea de textos sobre Aquilino Ribeiro, livro com a chancela da SPA, a sair antes do final deste ano.

Para além disso, Urbano Tavares Rodrigues concedeu, em 2012, uma extensa entrevista ao Presidente da SPA, José Jorge Letria, a qual virá oportunamente a ser divulgada, seja em livro, seja em DVD, tendo em conta a importância documental e histórica desse depoimento único.

Na hora da despedida, a Direcção e o Conselho de Administração da SPA, testemunham à família de Urbano Tavares Rodrigues, a sua mulher, Ana Maria, a sua filha, Isabel Fraga, e o seu filho, António Urbano, o mais sentido pesar pela perda de alguém que deixa um vazio profundo na vida cultural e cívica portuguesa.

O seu nome será recordado condignamente em actos a promover pela Cooperativa que se honra de o ter tido como membro.

Por vontade expressa de Urbano Tavares Rodrigues, manifestada há poucos anos, os restos mortais do escritor serão velados na Sala-Galeria Carlos Paredes (SPA, Rua Gonçalves Crespo, n.º 62). O horário de saída do féretro para o cemitério, bem como a hora do funeral serão oportunamente anunciados.

*Lisboa, 9 de Agosto de 2013
A Direcção e o Conselho
de Administração da SPA*



URBANO

TAVARES RODRIGUES

(1923-2013)

URBANO: UMA CARTA DE AFECTO

Lembras-te, Urbano, do tempo em que os jornais falavam, apesar de não os deixarem falar e de os quererem emudecidos de medo, desse tempo em que falava em nós e por nós a quimera de uma liberdade prometida nos livros e nos sonhos que povoavam os livros?

Lembras-te, Urbano, das manhãs do "Diário de Lisboa", com o Assis Pacheco, o Raul Rego e o Pedro Alvim, vozes cronicando a magia de um quotidiano em que a única magia que havia era um novelo de afecto dentro das palavras ?

Lembras-te, Urbano, do tempo em que escrevias para a malta da minha idade, nosso irmão mais velho, erguendo a biblioteca do nosso amor ao que era livre, exaltante e único?

Lembras-te, Urbano, de teres sido nosso companheiro de canções por via dos poemas que escreveste para a voz límpida e alta do Adriano, enquanto as portas em redor se fechavam e as paredes tinham ouvidos e a beleza das mulheres possuía o toque secreto do que é perene e intemporal ?

Lembras-te, Urbano, do timbre doce da palavra camaradagem, a que nunca deixaste de dar o sentido total e absoluto de um pacto celebrado com a paixão pelas causas ?

Lembras-te, Urbano, de teres sido o irmão mais velho dos cantores, dos poetas, daqueles que contigo palmilharam os caminhos da errância e da dádiva, andarilhos dos sonhos que o cansaço e o medo nunca fizeram prescrever ?

Lembras-te, Urbano, da tua coragem discreta, da tua bravura de cavaleiro andante das lutas que valiam a pena e que eram de todos os dias, como o amor, como o pão, o vinho e a fraternidade ?

Lembras-te, Urbano, de tudo o que a tua modéstia não te consente que lumbres, porque eras daquilo em que acreditavas muito antes de seres de qualquer outra coisa, porque tinhas a doçura do aço e a firmeza do granito, porque nunca precisaste de levantar a voz para mostrares que tinhas razão,

porque nunca disseste não a quem te pedia o consolo de uma palavra amiga, tivesse a forma de um prefácio ou de um abraço daqueles que permitem vencer tormentas, porque nunca fizeste preço para a entrega nem te bateste por nada em troca do que quer que fosse ?

Lembras-te, Urbano, do sabor quente, do agasalho que nos dava a palavra resistência, ponte lançada entre as margens de um rio que nós sabíamos que acabaria por desaguar na praça luminosa das nossas canções ?

Lembras-te, Urbano, dos dias mágicos que podiam levar ao cárcere ou à morte, mas que valiam a pena por serem únicos, como único é tudo o que se ama enquanto o amor teima em resistir ?

Lembras-te, Urbano, de ouvir o teu Alentejo a falar dentro dos teus livros com a sua voz serena e sábia, canto-chão de uma memória tão antiga como a das pedras e dos mitos ?

Lembras-te, Urbano, de tudo o que nos dás e nos deste, sendo o que sempre foste, combatente das verdades relativas que nunca deixaste tornarem-se dogmas, porque o teu sentido de liberdade nunca o consentiu, e assim te transformaste num homem grande como os livros que continuas a escrever, portas abertas para a inquietação azul das perguntas que nunca terão resposta ?

Lembras-te, Urbano, de tudo o que vales para nós que te lemos e estimamos, geminados nesse amor à vida que se tornou laborioso amor à escrita, coração altaneiro e livre a marcar o ritmo de tudo o que ainda nos falta descobrir ? Eu lembro-me, e por isso to digo, voz colada à memória dos afectos, como se dissesse: que pobres ficaríamos se tu não fosses quem és, na escrita como na vida, fraterno e firme como o mais perene dos abraços.

José Jorge Letria
(Poema escrito para uma homenagem a Urbano Tavares Rodrigues, na Universidade Nova de Lisboa em 2011)



URBANO TAVARES RODRIGUES

(1923-2013)

TRIBUTO A URBANO

“IMAGENS DE UM SUAVE ADEUS”

FOI COM ESTA EXPRESSÃO significativa e recheada de afecto – “Imagens de um suave adeus” - que o Presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA, José Jorge Letria, tituló a exposição fotográfica evocativa do escritor Urbano Tavares Rodrigues, inaugurada no passado dia 17 de Setembro, no espaço nobre de entrada do edifício, onde está instalada a Sala-Galeria Carlos Paredes. O fotógrafo Alfredo Cunha foi o autor das excelentes fotos, de grande formato, a preto e branco que cobrem as paredes desta antecâmara, por onde passam diariamente dezenas e dezenas de pessoas para o serviço de Atendimento da sociedade.

Falecido no passado dia 9 de Agosto, o prolífico escritor, que iria completar 90 anos em Dezembro, “deixou-se fotografar em sua casa” pelo antigo estagiário do jornal O Século em 1972, a quem “ensinou a importância da crítica teatral, sem nunca lho dizer textualmente”, conforme fez questão de contar Alfredo Cunha. Aconteceu “numa curta sessão de 15 minutos, no dia 20 de Julho”, ou seja, cerca de duas semanas antes do seu “suave adeus” à vida. E, passado apenas pouco mais de um mês, a SPA, de que Urbano foi um dedicado cooperador e colaborador assíduo, presta-lhe um dos vários tributos que tem programado em sua honra ainda para este ano.

Alfredo Cunha não quis deixar de comentar, com emoção, o facto de Urbano Tavares Rodrigues, apesar de, por diversas vezes, estarem em desacordo ideológico, representar um verdadeiro marco para si. De facto, foi com as fotos que tirou com ele nos muitos teatros por que passou em serviço, que promoveu a sua primeira exposição fotográfica em 1972 na Galeria Opinião, comissariada pelo Carlos Porto e para a qual o Urbano escreveu um texto de apresentação. E agora, foi também com Urbano, como protagonista, que fez a última exposição. Estas fotos de Alfredo Cunha são, na verdade, as últimas fotos em vida do generoso escritor.

“Pedi-me, em contrapartida, que lhe desse as fotos que iria tirar, mas, na impossibilidade de lhas entregar, irei dá-las, com todo o prazer, à sua filha, Isabel Fraga”, declarou, apontando a escritora ali presente, fruto do casamento de Urbano com a também escritora Maria Judite de Carvalho.

Este conjunto de fotografias “revela e acentua traços fundamentais da personalidade do escritor e cidadão,

designadamente a sua bondade e sensibilidade”, salientou José Jorge Letria, que, além de seu par na arte literária e na luta por uma cidadania activa e sã, muito para além das ideologias próprias, foi seu amigo e ex-companheiro de jornalismo no Diário de Lisboa, onde ambos trabalharam “era eu um jovem de 18 anos e o Urbano da mesma tempera, embora tivesse idade para ser meu pai”, contou, entre muitas outras histórias que reconstruíram momentos diversos ligados ao homenageado, sempre muito bem recebidos nesta casa de memórias. “Estas fotografias de Urbano Tavares Rodrigues feitas por Alfredo Cunha deixam-nos na presença de alguém cuja obra, cuja vida, cuja coragem cívica e cuja generosidade como ser humano não serão esquecidas por todos quanto com ele conviveram ou trabalharam”, salientou o Presidente da SPA.

“O LIVRO ABERTO DE UMA VIDA ÍMPAR” LANÇADO A 26 DE SETEMBRO

José Jorge Letria anunciou ainda o lançamento no dia 26 de Setembro do livro sobre Urbano já pronto e que levou para mostrar aos muitos presentes, entre eles “a grande parte da elite dos fotógrafos portugueses”, como os denominou, focando apenas alguns nomes, como Fernando Ricardo, Rui Ochoa, José Carlos Pratas Henriques, além de Inácio Ludgero, que colabora com a SPA.

Alfredo Cunha, para além de disponibilizar as fotos para a exposição, cedeu também uma delas para figurar na capa deste livro, intitulado “Urbano Tavares Rodrigues: O Livro Aberto de Uma Vida Ímpar”, que inaugura a colecção “o fio da memória”, numa parceria entre a Sociedade Portuguesa de Autores e a Guerra e Paz Editores. Trata-se do retrato de uma vida e o retrato de uma obra. Da infância à idade adulta, da política à literatura, Urbano Tavares Rodrigues, numa longa e exaltante conversa com José Jorge Letria, realizada em Dezembro de 2010, não só se expõe sem medos ou reticências, como ilumina, pela evocação de episódios, figuras e factos, a nossa história dos últimos 50 anos. Para o enriquecimento da obra, produzida em tempo recorde, contribuiu muito a cedência por parte de Isabel Fraga de fotos de família de Urbano, através de toda a sua vida.

O Presidente da SPA adiantou que esta casa, que também era a dele, teve sempre a preocupação, nestes últimos



anos, de dar-lhe uma alegria, que era assegurar a edição de textos que ele queria ver reeditados e que o movimento editorial português não tinha condições para o fazer. Foi assim, pois, que a SPA reeditou a única peça que ele escreveu “As Torres Milenárias”; “As Noites de Teatro”, as críticas de teatro mais marcantes da sua carreira; e um pequeno ensaio chamado “A Natureza do Acto Criador”, que abriu a colecção Imprensa Nacional-Casa da Moeda. “E no final deste ano – acrescentou - de parceria com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vamos editar uma antologia de textos do Urbano sobre o Aquilino Ribeiro, que ele muito admirava e de quem foi um grande estudioso, a qual vai ter uma introdução de António Valdemar.”

José Jorge Letria anunciou também que a Isabel Fraga aceitou um convite seu e da SPA para escrever a fotobiografia do

Urbano, que irá ser publicada pela SPA e pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Esta fotobiografia vai ser um momento especial da evocação do Urbano, da sua vida, da sua memória, do seu percurso como cidadão e como criador.

A exposição, que vai estar patente aqui durante algumas semanas, irá, com a autorização do Alfredo Cunha, circular pelo país, em locais onde a solicitem, sendo que, numa fase mais adiantada, estará patente na nossa delegação do Porto. “A melhor homenagem que se pode prestar a um autor é descobrir ou redescobrir a sua obra e divulgá-la. Não é tanto pelos direitos que isso gera, é muito mais pelo reconhecimento e pelo aplauso que o público, leitor ou não, tem em relação à obra de um criador, seja ele de que área for”, sublinhou o presidente da SPA.

EDITE ESTEVES

ÚLTIMA HORA

SPA MANIFESTA PROFUNDO PESAR PELA MORTE DO POETA ANTÓNIO RAMOS ROSA

É com profundo pesar que a Direcção e o Conselho de Administração da SPA comunicam o falecimento do poeta António Ramos Rosa, associado da cooperativa desde Junho de 1977 e cooperador desde Outubro de 2010 e um dos maiores nomes de sempre da poesia portuguesa.

Nascido em 17 de Outubro de 1924 em Faro, António Ramos Rosa realizou os estudos secundários na sua cidade natal, tendo publicado, em 1958, o seu livro de estreia - “O Grito Claro”-, título inaugural da colecção “A Palavra”, editada em Faro e dirigida pelo poeta Casimiro de Brito.

Ainda nesse ano iniciou a publicação da revista “Cadernos do Meio-Dia”, proibida dois anos mais tarde pela PIDE.

António Ramos Rosa foi membro do MUD Juvenil. A sua vasta obra poética e ensaística foi distinguida com importantes prémios nacionais e internacionais, com destaque, em Portugal, para o Prémio Pessoa, 1988, Grande Prémio de Poesia da APE, 1989, e Prémio Sophia de Mello Breyner, 2005.

O poeta, que faleceu hoje, dia 23, num hospital de Lisboa, deu nome à Biblioteca Municipal de Faro, sua cidade natal. Assinale-se a coincidência de António Ramos Rosa ter falecido na mesma data em que morreu o poeta chileno Pablo Neruda, 40 anos após a morte do autor de “Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada”, a 23 de Setembro de 1973. A SPA propôs três vezes o nome de António Ramos Rosa para Prémio Nobel da Literatura, prerrogativa que faz parte das suas competências institucionais.

A obra de Ramos Rosa está traduzida em várias línguas. A mais recente edição estrangeira foi “La Herida Intacta”, das Ediciones Sequitur, de 2009. Da sua obra ensaística destacam-se títulos como “Poesia, Liberdade Livre”.

O poeta e ensaísta, com dezenas de colectâneas poéticas publicadas, deixou colaboração dispersa, durante décadas, pelas mais importantes revistas literárias portuguesas, tendo sido fundador de algumas delas.

A SPA testemunha o seu pesar e solidariedade à família de António Ramos Rosa, em particular à sua viúva, a poetisa Agripina Costa Marques, e à filha do poeta, cujo falecimento entula a literatura portuguesa.

Lisboa, 23 Setembro de 2013
O Conselho de Administração

2014

A CONTAGEM DECRESCENTE COMEÇA AGORA.

10% DE DESCONTO PARA LEITORES DA REVISTA SPA.

Não acumulável com outras promoções ou descontos em vigor.

INFORMAÇÕES E RESERVAS:

Tel.: (+351) 282 240 001
reservas.portugal@pestanahotels.com ou
www.pestanahotels.com / www.pousadas.pt com o código: 11210UC9D



AUTORES MAIS

Com o objectivo de proporcionar sempre mais e melhores serviços aos autores, a Administração da SPA acaba de reforçar o serviço "Autores Mais", fruto de um longo trabalho de negociações e pesquisa de parcerias. Através desta rubrica os cooperadores e beneficiários da nossa cooperativa passam a usufruir de condições especiais e de importantes vantagens de utilização relativamente a prestigiadas marcas de bens e serviços da sociedade portuguesa, mediante a apresentação do cartão de sócio da SPA. Os acordos estabelecidos até ao momento englobam:

fnac 100 pontos na adesão ao cartão FNAC
www.fnac.pt

vodafone O Plano Pro-cooperadores contempla significativas vantagens num tarifário apelativo.
contactar: manuel.teixeira@vodafone.pt

Casa da Imprensa Seguro de saúde para autores com menos de 45 anos.
www.casadaimprensa.pt
Tel. 21 342 02 77/78

Optivisão Descontos em todas as lojas de 20% em óculos graduados (aros e lentes); 15% em óculos de sol; 10% em lentes de contacto, líquidos e outro material óptico.
www.optivisao.pt

biocoop Serviço de entregas ao domicílio Produtos de Agricultura Biológica 5% de desconto sobre o PVP na aquisição de produtos
www.biocoop.pt
219 410 479
Rua Salgueiro Maia, 12
2685-374 Figo Maduro
Prior Velho

"Autores Mais" é um benefício exclusivo dos autores da SPA e não representa nenhum custo adicional para os sócios. Para informações mais detalhadas contactar os serviços.

NIPON SPA JAPONÊS
15% desconto de sobre os preços em vigor, em todos os serviços (Banhos Relaxantes, Massagens Terapêuticas, Acupunctura e outras Terapias Alternativas). Pacotes de serviços com um preço especial. Para marcações contactar: Vanessa
Telefone: **217157010**
Telemóvel: **917448484**
www.nipon-terapias.com

HOLMES PLACE Health Clubs
Oferta da inscrição inicial, existindo apenas o pagamento de 25€ para despesas administrativas e testes iniciais 10% na mensalidade em todos os clubes do país. www.holmesplace.pt

IMPRESA Descontos de 30 e 45% na assinatura anual e bi-anual, respectivamente, nas publicações
Visão, Expresso Exame, Jornal de Letras, Courier Internacional, Activa, Casa Cláudia e Exame Informática.

VISÃO EXAME JL
Courier ACTIVA EXAME INFORMATICA
Expresso CASA

Europcar ALUGUER DE AUTOMÓVEIS
10% de desconto na tarifa promocional nas viaturas de passageiros, de viaturas comerciais e na tarifa promocional internacional.
Para reservas (contrato nº 50432483)
www.europcar.pt
tel. **351 21 940 77 90**
Email: reservas@europcar.com

LISBOA CENTRAL PARK TURISMO DE PORTUGAL
10% de desconto no alojamento
HOTEL LISBOA CENTRAL PARK
Morada: Av. Sidónio Pais, nº 4
1050-214 Lisboa
Email: info@lcpark.com
RESERVAS: Tel.: **21 350 2060**
FAX: **21 352 6703 / 21 356 2144**

MDL ESTÚDIOS E TERAPIAS
20% desconto pela utilização do estúdio.
www.mdlestudios.com
Para marcações:
Telm : **93 400 59 24**
Email: celiacosta@mdlestudios.com

acp AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL
Ser sócio ACP é ter:
Médico em casa por apenas 10€, mecânicos aptos para assistir a viatura no local, técnicos de assistência no lar, escola de condução com elevada taxa de sucesso, apoio jurídico, seguros nas melhores condições do mercado, facilidade para tratar da documentação, combustíveis mais baratos, bilhetes de cinema a preços de 2ª feira, descontos em parceiros por todo o país e muito mais!

ACP? Claro que sou sócio!
Oferta: Para SPAUTORES na adesão ao ACP: Isenção de Jóia e 10% na 1ª anuidade
Vá já uma delegação ACP ou ligue **707 509 510**, atendimento 24h.
www.acp.pt

MPO
Fabricantes de CD's, DVD's, PENs/, USBs
10% de desconto em todos os trabalhos
www.mpo-pt.com
tel: 218592854
Email: geral@mpo-pt.com



 **SPAUTORES**
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

Millennium
bcp

VALORIZAMOS A CULTURA